

Educação em ação



Revista da Secretaria Municipal de
Educação e Cultura de Campo Bom
Volume 4 - 2023





Vivemos 2023 na sua essência!

Cada ano está muito diferente do anterior! Os desafios são gigantes!

Os desafios dos professores no cotidiano escolar são imensos: planejar aulas diante da quantidade de informações que vêm de fontes diferentes, o uso permanente da tecnologia, os interesses de cada aluno, a pouca participação da família e, principalmente, a diversidade no cotidiano escolar. Todos somos diferentes! Considero o principal desafio: lidar com o diferente!

Na escola e na sociedade é urgente celebrar a diversidade e a promoção da igualdade social! Em uma sala de aula, temos a variedade gênero, cor, religião, origem, comportamentos, valores, expressão da sexualidade, configurações familiares, ritmos de aprendizagem entre tantos outros, mencionando ainda a diferença quando há algum estudante com necessidade especial. Um mundo diverso em cada sala de aula das escolas neste mundo.

Grande desafio: priorizar e estimular o respeito à diversidade, contribuindo com a formação de cidadãos mais educados e respeitosos, que se preocupam com os

outros, possuindo espírito de coletividade.

Nas páginas deste quarto volume da Revista Educação em Ação, você, leitor, encontrará textos com relatos de práticas e vivências, seja por meio do lúdico, de rodas de conversa, de pesquisas, entre tantas outras atividades que encantam e tornam o ambiente mais inclusivo, onde todos se sentem bem-vindos, valorizados e respeitados, desde os seus primeiros anos.

Esta é a nossa essência: encantar o mundo! O respeito às diferenças é a nossa essência no mundo, o que depende das escolhas, das vivências e do RESPEITO!

Agradeço imensamente à comissão organizadora e aos profissionais que compartilham suas experiências hesitasas.

Uma aprendizagem constante!

Um abraço carinhoso e uma excelente leitura a todos.

Simone Daise Schneider

Secretária Municipal de Educação e Cultura do
Município de Campo Bom



Município de
Campo Bom



Secretaria de
Educação e Cultura

Revista Educação em Ação –
Volume 4:

2023

ISSN 2764-1708

Entre em contato:

Av. Independência, 800, 4º andar

Campo Bom/RS

CEP: 93700-000

Fone: 51 3598-8600

smec@smec.campobom.rs.gov.br



Município de
Campo Bom

Capa, projeto gráfico e diagramação:

Hasler Favero

Revisão:

Leandro dos Santos Junges

Impressão:

Multygraphic Editora Ltda

Fotos:

Acervo dos autores

Comissão organizadora:

Ana Carolina Ramos Vieira

Bruna Gonçalves Padilha

Cecília Decarli

Francisca Gabriela da Rosa

Katuscia Meira Consul

Larissa Duarte Wingert

Macksuel Augusto Stenert

Natalia Braum

Niara Rechenmacher Schmidt

Regina Rodrigues

Sandra Carina Haag Orth

Simone Daise Schneider

Vitória Duarte Wingert

Comissão de planejamento da revista:

Natalia Braum

Niara Rechenmacher Schmidt

Regina Rodrigues

Os textos presentes nesta publicação são de responsabilidade de seus autores. É permitida a reprodução, desde que citada a fonte.

Esta publicação pode ser acessada no site:

www.campobom.rs.gov.br

Sumário

- 4 **Acolher**
Projeto Dança Gaúcha nas escolas municipais de Ensino Fundamental
- 6 **AEE**
A efetivação do Atendimento Educacional Especializado (AEE) nas escolas de Educação Infantil
- 8 **Biblioteca Antônio Nicolau Orth**
Momento/palavra do escritor na Biblioteca
- 10 **CEMADE**
Musicoterapia em grupo: fortalecendo vínculos através de experiências musicais
- 12 **CEMEA**
Uma carta sobre o desemparedamento
- 14 **CEU**
Judô: leveza para buscar disciplina, honra, educação e amizade
- 16 **Espaço Cultural Dr. Liberato**
A Galeria Municipal de Arte: lugar da inclusão cultural
- 18 **EAE**
A cultura indígena na educação: a diversidade artística do povo indígena kadiwéu
- 20 **EMEF 25 de Julho**
O lúdico como ferramenta de aprendizagem
- 22 **EMEF Adriano Dias**
Misturando saberes: nossa herança culinária indígena
- 24 **EMEF Borges de Medeiros**
Lendas no cotidiano escolar
- 26 **EMEF CEI**
Biblioteca, o coração da escola!
- 28 **EMEF D. Pedro II**
Imensurável
- 30 **EMEF Dona Augusta**
Quem tá na chuva não quer se molhar!
- 32 **EMEF Duque de Caxias**
Encontro de mães do AEE na escola
- 34 **EMEF Edmundo Strassburger**
O leiturinha: incentivando a prática da leitura
- 36 **EMEF Emilio Vetter**
Detetives do consumo consciente
- 38 **EMEF Esperança**
Ninguém é tão bom quanto todos nós juntos
- 40 **EMEF Genuíno Sampaio**
Nosso corpo, nossas vivências: conhecer para melhor escolher
- 42 **EMEF Lúcia Mossmann**
Doação de órgãos e tecidos
Doe vida, seja doador de órgãos e tecidos
- 44 **EMEF Marcos Silvano Vieira**
Grupo de Arte Marcos Silvano Vieira
- 46 **EMEF Marquês do Herval**
Salgadinho na escola
- 48 **EMEF Morada do Sol**
Problemas ambientais no bairro Morada do Sol: o que eu tenho a ver com isso?
- 50 **EMEF Octacílio E. Fauth**
Choveu, que cheiro é esse?
- 52 **EMEF Presidente Vargas**
Campo Bom: um patrimônio de todos!

54 **EMEF Princesa Isabel**
Memórias das águas: resgatando a história do Rio dos Sinos em nosso município

56 **EMEF Rui Barbosa**
Povos indígenas brasileiros: uma abordagem interdisciplinar entre História e Educação Física

58 **EMEF Santos Dumont**
Desenvolvendo habilidades socioemocionais através da crítica ao padrão de beleza

60 **EMEI Amarelinha**
A importância da solidificação dos vínculos afetivos para a potencialização do desenvolvimento

62 **EMEI Amiguinho**
Uma casa chamada escola

64 **EMEI Aquarela**
Eternizando memórias com os bebês

66 **EMEI Arco-Iris**
Um bosque pra chamar de nosso

68 **EMEI Bem-Viver**
Diversidade cultural no contexto dos bebês da EMEI Bem-Viver

70 **EMEI Casa da Criança**
Vamos acampar? “Possibilidades com cabanas para bebês”

72 **EMEI Casinha da Alegria**
A gestão participativa na construção dos espaços coletivos da Educação Infantil

74 **EMEI Cebolinha**
Sentir, descobrir, ouvir e vivenciar: experiências brincantes e potentes, permeadas pelo corpo e pelos sentidos

76 **EMEI Chapeuzinho Vermelho**
Um mundo inteiro a descobrir: a importância do olhar sensível às vivências do cotidiano

78 **EMEI Claudy Schaefer**
Vivências e descobertas a partir do brinquedo natureza

80 **EMEI D. Pedro I**
Entre contos e fraldas: a magia do “Era uma vez”

82 **EMEI Dedinho de Ouro**
Nível 1 em “um mundo de textura e sensações”

84 **EMEI Estrelinha Azul**
A curiosidade e o afeto como fonte de aprendizagem

86 **EMEI Guilhermina Blos**
O espaço externo potencializando o desenvolvimento da autonomia dos bebês a partir do movimento livre

88 **EMEI Pastor Waldemar Ramão**
A adaptação na turma de Nível 3 : valorização da diversidade e da inclusão

90 **EMEI Paulistinha**
A alfabetização científica como potência no trabalho pedagógico

92 **EMEI Pedacinho do Céu**
Os super-heróis e os desenhos animados no mundo do Nível 3 AB

94 **EMEI Primeiros Passos**
Existem abelhas sem ferrão?

96 **EMEI Princesinha**
As inúmeras aprendizagens através das vivências infantis
Um olhar através da Psicomotricidade

98 **EMEI Santo Antônio**
Lobo mau ou bom?

100 **EMEI Sempre Unidos**
O espaço investigativo está no pátio: curiosidades e descobertas sobre a metamorfose da borboleta

102 **EMEI Sempre Viva**
O que é possível fazer utilizando os sentidos do corpo?

104 **EMEI Tico-Tico**
Territórios mágicos

Projeto Dança Gaúcha nas escolas municipais de Ensino Fundamental

Fonte: Arquivo pessoal

O projeto de dança gaúcha nas Escolas Municipais de Ensino Fundamental de Campo Bom, faz parte do Programa Acolher da Secretaria Municipal de Educação e Cultura. Em nosso estado, esse é um projeto pioneiro, tendo em vista que atende todas as escolas de 1º a 9º ano do Município. Aproximadamente 800 alunos da rede fazem parte do projeto.

A dança está ligada à aquisição e ao aprimoramento de habilidades. A dança tem suma importância para alcançar os objetivos da educação, sendo eles aspectos afetivos e sociais, portanto, essa prática proporciona ao aluno grandes mudanças internas e externas do que se refere ao seu comportamento na forma de se expressar e pensar. A dança é tão importante para a criança quanto falar, cantar, brincar, pois abrange uma riqueza de movimentos que envolvem corpo, espírito, mente e emoção. Os gestos e movimentos expressivos que nela existem favorecem uma ação livre e prazerosa para a criança.

O projeto em nossa cidade é desenvolvido por duas duplas de professores, atualmente sendo eles Dionatan Gonçalves Martins e Keila Schons Rodrigues, Diego Moro e Julia Farias da Silva, que atuam, respectivamente, em 11 e 9 escolas do Município, atendendo alunos do Pré 1 ao 9º ano.

Os grupos de dança gaúcha escolar realizam apresentações durante o ano todo, representando suas escolas no Arraial Municipal, eventos internos das escolas, Desfile Cívico, Semana Farroupilha e no momento mais aguardado do ano: o Sarau de



Apresentação dos Grupos Gaúchos no Arraial Municipal 2023

Fonte: Arquivo pessoal



Apresentação dos Grupos Gaúchos no Arraial Municipal 2023

Dionatan Gonçalves Martins

Graduando de Licenciatura em Matemática, Coordenador de Oficina de Dança Gaúcha.

Keila Schons Rodrigues

Graduada em Pedagogia, Coordenadora de Oficina de Dança Gaúcha.

Diego Moro

Ensino Médio completo, Coordenador de Oficina de Dança Gaúcha.

Júlia Farias Da Silva

Graduada em Fisioterapia, Coordenadora de Oficina de Dança Gaúcha.

Arte Gaúcha Escolar. Este último promovido pelo CTG M'Bororé com apoio da Prefeitura Municipal, através da SMEC, é um momento em que apresentam aos pais e comunidade coreografias e danças tradicionais ensaiadas durante todo o ano.

O principal objetivo do projeto é promover o desenvolvimento do vínculo de pais, alunos e comunidade em geral com a nossa Cultura Gaúcha, que é ampla e rica. Na dança Gaúcha, os alunos aprendem sobre nossas tradições, que vêm sendo passadas de geração em geração, ampliando a compreensão da diversidade cultural, observando que ela representa a expressão dos costumes, crenças, valores e características do nosso povo. O projeto é aberto a todos os alunos das escolas, entendendo e respeitando os limites e dificuldades de cada um.

No ano de 2023, foram escolhidos pelos alunos, pais, professores e funcionários das escolas através de votação um nome para cada grupo, que ficou assim: (confira no quadro ao lado)

É muito gratificante ver que a cada ano a adesão de crianças se torna maior e o comprometimento das famílias com os grupos também. A evolução do projeto se nota a cada ano através das apresentações que reúnem todos os grupos. Além disso, os alunos têm demonstrado evolução dentro da sala de aula no dia a dia, com melhora no comportamento e relacionamento com colegas e professores, segundo relato dos docentes que os atendem.

Nos últimos anos, os grupos mirins dos CTGs de nossa cidade têm dominado a categoria, sagrando-se campeões de vários rodeios, e principalmente, do maior Festival da categoria mirim, o Festmirim. Para se ter uma ideia, nos anos de 2013, 2015, 2016, 2017, 2018, 2019 e 2022, o campeão do festival foi algum grupo de Campo Bom, dentro desses grupos, estão vários alunos oriundos do Projeto de Dança Gaúcha na rede Municipal de Ensino.

Grupo Gaúcho João de Barro

EMEF Emílio Vetter

Grupo Gaúcho Tropeiros do Duque

EMEF Duque de Caxias

Grupo Gaúcho Sentinelas do Sinos

EMEF 25 de Julho

Grupo Gaúcho Rincão dos Fauth

EMEF Octacílio Ermindo Fauth

Grupo Gaúcho Herdeiros do Pampa

EMEF Dona Augusta

Grupo Gaúcho Erva Mate

EMEF D.Pedro II

Grupo Gaúcho Estância do Sampaio

EMEF Genuíno Sampaio

Grupo Gaúcho Querência do Herval

EMEF Marquês do Herval

Grupo Gaúcho Laço da Amizade

EMEF Adriano Dias

Grupo Gaúcho Aurora da Querência

EMEF Edmundo Strassburger

Grupo Gaúcho Unidos Pelo Rio Grande

EMEF Rui Barbosa

Grupo Gaúcho Marcos da Tradição

EMEF Marcos Silvano Vieira

Grupo Gaúcho Chama Crioula

EMEF Borges de Medeiros

Grupo Gaúcho Galpão do Rio Grande

EMEF Lúcia Mossmann

Grupo Gaúcho Guardiã dos Sinos

EMEF Princesa Isabel

Grupo Gaúcho Esperança do Rio Grande

EMEF Esperança

Grupo Gaúcho Chama da Amizade

EMEF Morada do Sol

Grupo Gaúcho Campeando Sonhos

EMEF Santos Dumont

Grupo Gaúcho Sentinelas da Tradição

EMEF CEI

Grupo Gaúcho Quero - Quero

EMEF Presidente Vargas

A Efetivação do Atendimento Educacional Especializado (AEE) nas Escolas de Educação Infantil

O Atendimento Educacional Especializado (AEE) compreende atender as crianças com deficiências, transtorno do espectro autista, altas habilidades e superdotação. Para o atendimento é necessário a criança estar matriculada na rede municipal de ensino do município de Campo Bom.

Os atendimentos na Educação Infantil ocorrem na sala referência da criança, sala multifuncional ou em outros espaços da escola, sempre dentro da carga horária que a criança frequenta a escola. É objetivo do AEE “identificar barreiras e implementar práticas e recursos que possam eliminá-las, a fim de promover ou ampliar a participação da criança com deficiência em todos os espaços e atividades propostos no cotidiano escolar” (BRASIL, 2015, p. 5). Desta forma, no início do ano letivo, anterior ao início dos atendimentos, é realizada a entrevista com os familiares da criança, de modo a conhecer o histórico de cada núcleo familiar, além de acolher as famílias com um contato inicial. Porém, ao longo do ano letivo, sempre que necessário, as famílias são contatadas para agendamentos de diálogo ou escuta sensível, sendo que as famílias sempre que desejarem também podem fazer este contato.

A partir das observações realizadas durante o atendimento individualizado da crian-

ça, são traçados os objetivos pretendidos no ano vigente. O professor que atua no AEE tem como função acompanhar a criança em sua individualidade com um olhar pedagógico e de acessibilidade, de forma que ela participe ativamente da rotina escolar, com plena participação para que possa aprender e se desenvolver integralmente.

Busca-se desenvolver práticas focalizadas no brincar, na exploração, nas vivências

Fonte: Arquivo da autora (2023)



Imagem de um contexto com materiais não estruturados criado por uma criança durante o atendimento

Elenise Marks

Mestra em Diversidade Cultural e Inclusão Social. EMEI Amarelinha; EMEI Guilhermina Blos, EMEI Primeiros Passos e EMEI Princesinha. Professora do Atendimento Educacional Especializado.

e contextos lúdicos. Durante os atendimentos são utilizados jogos, materiais não estruturados, riscantes e tantos outros materiais que possam potencializar as ações de cada criança.

Em alguns momentos os atendimentos consistem na criança estar junto de seus pares, focando na socialização, integração e inclusão das crianças é um dos objetivos principais do AEE.

Através de análises e reflexões, busca-se formas para as crianças estarem inseridas e integradas no espaço escolar. Outro objetivo de suma importância é que a criança seja acolhida por todos e sinta-se pertencente àquele espaço escolar. A inclusão acontece quando todos têm as mesmas oportunidades de acesso, permanência e aprendizagem. É preciso buscar estratégias específicas para cada criança.

No AEE, para além do foco na criança, busca-se atender e instrumentalizar com conhecimento os professores, auxiliares, família e equipes diretivas. A comunicação é essencial entre todos os atores pedagógicos, pois as crianças na faixa etária da Educação Infantil precisam de auxílio em algumas de suas ações, deste modo, todos os adultos de seu convívio devem estar integrados e ter concordância mútua sobre os estímulos necessários para a criança. Também, muitas vezes, através do diálogo se estabelece o encaminhamento da criança para atendimentos clínicos, visando sempre

potencializar o desenvolvimento e aprendizagem da criança.

Portanto, o AEE se torna efetivo quando a criança está integrada e incluída no espaço escolar, tendo de fato suas ações potencializadas e suas singularidades respeitadas. Mas, também quando todos os profissionais de contato da criança buscam um trabalho colaborativo, com um olhar atento, sensível e reflexivo as potencialidades, direitos e especificidades de cada uma.

Fonte: Arquivo da autora (2023)



Imagem do jogo dos sentidos sendo explorado por uma criança durante o atendimento

Referências

BRASIL. Nota Técnica Conjunta nº 02, de 04 de agosto de 2015. **Orientações para a Organização e Oferta do Atendimento Educacional Especializado na Educação Infantil**. Brasília: MEC/SECADI/DPEE –SEB/DICEI, 2015

BRASIL. Lei nº 13.257, de 8 de março de 2016. **Marco Legal da Primeira Infância**. Brasília: 121Fluxo contínuo. v. 9, n. 2. mai./ago.-2021Diário Oficial da União, 2016

PRODANOV, Cléber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo, RS: Universidade Feevale, 2013.

SANTOS, Joseane Frassoni dos. **Atendimento Educacional Especializado para a Educação Infantil em redes municipais de ensino do estado do Rio Grande do Sul: Caxias do Sul, Porto Alegre, Santa Maria e Uruguaiana**. 2017. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

Elaborado de acordo com as normas ABNT NBR 6023 e NBR 10520 da ABNT.

Momento/palavra do escritor na Biblioteca

Por ser a leitura a principal atividade da biblioteca, vimos a importância de convidar autores locais para falar sobre suas leituras, o que os transformou em escritores, como chegaram a essa carreira, foi intuição? Como salientou o renomado escritor Marinho Guzman “ler é fundamental, escrever é só consequência”. Por isso não se faz um escritor sem que antes ele tenha sido um assíduo leitor. Essas e outras questões foram temas abordados pelos nossos alunos e comunidade em geral.

O primeiro encontro aconteceu com o poeta Roger Paffrath, que, ao tentar explicar como se tornou escritor, relata um pouco da sua história, sua paixão pela escrita e até mesmo os caminhos

tortuosos que adiaram seu sonho:

Sempre gostei de escrever. Há uns tempos, encontrei minha antiga professora de Português e Literatura e ela diz ainda ter um trabalho com um poema que fiz na escola. Terminei o Ensino Médio querendo ser escritor. Contudo, também queria aproveitar a vida e me faltava a disciplina para sentar quieto na frente do computador e simplesmente escrever. [. . .] Sempre que me pergunto o porquê de ter me interessado pela escrita, me vêm várias respostas, mas a principal delas é: eu tinha uma história para contar e queria que ela tivesse vida. (2023, in loco).

Fonte: Arquivo pessoal dos autores (2023)



Momento/palavra do escritor Roger Paffrath

Cheila Cristiane Santos
Graduada em Pedagogia. Especialista em Educação Inclusiva. Diretora.

Janir Maria Nardi da Silva
Graduada em Pedagogia. Auxiliar de ensino.

Juliano Amaral Pereira
Bacharel em Biblioteconomia.

Já com seu sonho realizado, Roger está representado permanentemente na nossa biblioteca com dois livros: “*Satélite fantasma*” e sua versão em Língua inglesa “*Ghost Satellite*”.

O segundo escritor convidado foi o também poeta Sérgio da Silva, que, entre outras coisas relatou sua inclinação pela escrita da seguinte forma:

Ainda na adolescência, por ser um jovem muito introvertido, preferia utilizar as folhas de um papel em branco para relatar os sentimentos, os desamores, a desilusão, enfim, tudo aquilo que não conseguia verbalizar. Transformando tudo isso em poesia foi uma forma de me comunicar e realizar o grande sonho de ver minhas palavras publicadas nas páginas de um livro. E assim nasceu um poeta e escritor. (2023, in loco).

Hoje, Sérgio já realizou seu grande sonho, com isso, nos presenteia com sua obra “*Inspirações de um jovem poeta*”, que consta no acervo da nossa biblioteca.

Além de relatarem pormenores de suas obras, suas vidas pessoais e de suas trajetórias literárias, os escritores, nos momentos de interação, especialmente no bate-papo com o público, proporcionaram aos expectadores a experiência de conhecer o processo de criar uma obra, bem como, a habilidade de escrever. Daí a oportunidade de estimular o interesse pela leitura, despertando o talento de futuros escritores, já que muitas crianças compareceram ao evento.

Fonte: Arquivo pessoal dos autores (2023)



Momento/palavra do escritor Sérgio da Silva

Referências

GUZMAN, Marinho. **Pensadores**. [19--]. Disponível em:

<<https://www.pensador.com/frase/MTI4NDU1Nw/>>. Acesso em: 28 jun. 2023.

PAFFRATH, Roger. **Entrevista in loco**. Biblioteca Pública Antônio Nicolau Orth, 2023.

SILVA, Sérgio da. **Entrevista in loco**. Biblioteca Pública Antônio Nicolau Orth, 2023.

Musicoterapia em grupo: fortalecendo vínculos através de experiências musicais

A música faz parte da vida do ser humano exercendo diferentes funções na sociedade, acompanhando o processo civilizatório da humanidade. Ela tem sido utilizada como entretenimento, expressão emocional, cultural, identidade, educação e também como terapia.

Na Musicoterapia paciente e terapeuta interagem, segundo Bruscia o objetivo dessa terapia é promover saúde.

“Musicoterapia é um processo interpessoal que envolve o(s) terapeuta(s) e o(s) cliente(s), exercendo certos papéis na relação e em uma variedade de experiências musicais, todas estruturadas para ajudar os clientes a encontrarem os recursos necessários para resolver problemas e aumentar seu potencial de bem-estar.”(BRUSCIA, 2000, p.75)

Nos atendimentos de Musicoterapia em grupo no CEMADE, a música é utilizada como ferramenta terapêutica, com o objetivo de promover saúde e bem-estar aos que a procuram, auxiliando pessoas que apresentam alguma dificuldade no processo de ensino aprendizagem ou neuropsicomotor, através de experiências musicais estruturadas. Quando fazemos música em conjunto nas sessões de Musicoterapia, o paciente sente-se pertencente a um grupo, sendo convidado a expressar-se musicalmente neste espaço terapêutico, criando vínculos, desenvolvendo autoconhecimento, autonomia,

construindo relações e bem-estar.

Um dos grupos ofertados no serviço é o grupo de familiares, que é composto por uma faixa etária diversa dos participantes. O encontro ocorre semanalmente, com atividades e experiências musicais que buscam trabalhar o vínculo, interação, socialização e objetivos específicos definidos pela musicoterapeuta de acordo com a demanda dos participantes.

Fonte: Autoria própria.



Imagem do grupo de musicoterapia interagindo

Mayara Tatiane Leal

Técnica em Música e Bacharel em Musicoterapia pela faculdade EST de São Leopoldo/RS. Pedagoga e Pós-graduada em História e Cultura Indígena e Afro-Brasileira pela Universidade Luterana do Brasil. Especializanda em Educação Especial: Transtorno do Espectro Autista. Musicoterapeuta do CEMADE.

A sessão de musicoterapia tem a duração de 50 minutos, e é iniciada com uma canção de entrada, que é composta pela musicoterapeuta, para este fim, onde os componentes do grupo, são convidados a responder musicalmente ou não como estão se sentindo naquele momento. Após esse momento de escuta e de trocas, são oferecidas ao grupo, experiências musicais, rítmicas, melódicas, e, por vezes, durante a sessão, surgem improvisações musicais e composições provenientes dos participantes. O repertório musical utilizado nas sessões é diversificado e baseado no histórico musical dos integrantes do grupo, previamente estudados pela musicoterapeuta. Mas a cada encontro, surge uma situação musical nova. Além da voz, instrumentos musicais são utilizados nas sessões, enriquecendo o

espaço musicoterapêutico, ampliando possibilidades e oferecendo uma pluralidade sonora no fazer musical. O encerramento do atendimento é indicado com uma canção de término, música que a musicoterapeuta compõe para o grupo. Nesta música, a mensagem principal é de motivação e de sinalizar o reencontro para a próxima semana.

Durante os atendimentos, ocorrem trocas significativas de experiências, relatos de situações pessoais e do cotidiano, de uma forma natural e fluente, fortalecendo relações, trazendo suporte emocional aos sujeitos que constituem o grupo e o sentimento de pertencimento. Em outros momentos, a música fala por si só, sem necessidade da palavra, pois a música é uma linguagem potente de expressão e comunicação.

Fonte: Autoria própria.



Imagem do grupo de musicoterapia interagindo

Referências

- BRUSCIA, Kenneth E. **Definindo Musicoterapia**. Rio de Janeiro: Enelivros, 2000.
ILARI, Teresa Mateiro Beatriz (org). **Pedagogias em Educação Musical**. Curitiba: Ibpe, 2011.
GASTON, Thayer. **Tratado de Musicoterapia**. Buenos Aires: Paidós, 1968.
RUUD, Even. **Caminhos da musicoterapia**. São Paulo: Summus, 1990.



Uma carta sobre o desemparedamento

O ano era 2017, após vinte e quatro anos em sala de aula, recebi o convite para trabalhar no CEMEA, o Centro de Educação Ambiental de Campo Bom. Aceitei com muita alegria o convite e nem imaginava quantas mudanças estavam por vir.

Como professora, estava muito bem familiarizada com o ambiente de sala de aula e seus padrões: classes e cadeiras, quatro paredes, quadro e lousa interativa. E qual foi a surpresa ao chegar no CEMEA? não tinha esse padrão... tinha lousa interativa e as paredes, mas os alunos não estavam sentados atrás de uma mesa. Esse foi o início de um longo processo, que mais tarde descobri que autores brasileiros e estrangeiros já estavam refletindo em relação à aprendizagem além dos muros da escola.

No início, confesso que não foi fácil, mas percebi nas crianças uma leveza, um movimento que até então não havia notado. Tudo era muito novo e logo a ansiedade, as dores de barriga e cabeça, assim como os questionamentos, começaram a surgir. As dúvidas eram muitas: O que fazer com estas crianças? Será que dou conta? Por que não fiquei na minha zona de conforto?

Algumas semanas depois, arriscava atividades práticas (ainda dentro de sala), comecei pelas receitas do lanche, nada melhor que aquela receita de bolo da vovó para trazer segurança nas tentativas de sair de dentro da sala de aula. O medo ainda era grande, mas foi ele também o responsável por ir em busca de subsídios para esse novo desafio.

Em uma das reuniões pedagógicas, iniciamos o estudo de alguns autores que traziam como tema principal a criança e a natureza. Esses momentos de estudo foram muito importantes para o crescimento e amadurecimento desses novos conceitos. Logo veio uma identificação com a autora Lea Tiriba, mu-

lher e brasileira, que trazia em suas palavras o conceito do desemparedamento das escolas. Um autor levava a outro e assim conheci Richard Louv, Ana Carol Thomé, Rita Mendonça, Rita Jaqueline Moraes. Os cursos online também ajudaram nessa busca de crescimento profissional e pessoal.

Em seu livro, Lea Tiriba diz:

“Fruto da ilusão antropocêntrica de que a natureza estaria a disposição dos humanos, a escola alimenta uma inconsciência da finitude do mundo, ensina a alienação em relação à finitude da Terra, como organismo vivo, limitado, de onde não se pode extrair indefinidamente (...) podemos dizer que a visão antropocêntrica reforça um sentimento de estranhamento entre seres humanos e natureza: cria muros de fumaça - que se materializam com muros de alvenaria -, separando as crianças do contexto em que estão situadas, impedindo-as de se perceberem como parte de um todo planetário, cósmico.” (TIRIBA, 2018, p.158)

Como professora de Ciências dos anos finais,

Fonte: Arquivo do CEMEA.



Adolescentes ouvindo história ao redor da fogueira

Bianca Sperb

Especialista em psicopedagogia clínica e institucional, Licenciada em Ciências Biológicas, CEMEA. Professora/educadora ambiental.

muitos questionamentos e reflexões vieram sobre como estamos nos relacionando ou não com a natureza que está ali no pátio da escola, na pracinha ao lado da escola, nos parques da cidade.

Segundo Lea Tiriba (2018), se a educação tem a função de ensinar às novas gerações aquilo que a cultura quer preservar, ensinamos para as crianças o que para nós, adultos, é valor. Se a nossa função como educadores é também de passar valores, qual estava sendo o meu papel, quais valores, sentimentos e relações com a natureza e as infâncias estava mostrando para as crianças?

Muita leitura, muitos cursos, muito estudo sobre o tema criança e natureza e as infâncias durante quase um ano e meio. Mas as inquietações ainda rondavam a cabeça daquela professora que não era mais a mesma. O desemparedamento ainda me incomodava, não tinha certeza se estava no caminho certo. Foi então que o inverno chegou, uma estação para quem quer se desemparedar é um desafio bem grande. A turma era um grupo de adolescentes, todas as salas do centro ocupadas e umas das manhãs mais frias daquele inverno... e agora, o que fazer com esses adolescentes e sua energia? Foi então que, para nos aquecer, acendemos uma fogueira e contei para eles a história da Menina da Lanterna. Dialogamos sobre a história e os sentimentos que ela trazia, nos aquecemos sentados ao redor do fogo. Na hora não me dei conta, mas estava ali o desemparedamento de uma professora e seus alunos.

O desemparedamento, não é somente das paredes físicas e sim o desemparedar dos conteúdos, é o desemparedar do meu eu adulto. Pois estes dois não acontecem de forma separada, não tem como separar a professora da mulher, da mãe e da filha. E, principalmente, da criança que ainda habita dentro de cada um de nós.

A partir daquele dia, ao redor da fogueira com os adolescentes e da sensação de bem estar que gerou em todos, uma outra voz começou a surgir. Era a voz da crian-

ça interior que ainda habitava o meu eu... ela queria ser ouvida e trazer à tona as sensações, cheiros e sabores que permearam uma infância quase esquecida. A sensação do pé no chão, de comer uma goiaba do pé, de brincar com o barro e criar muitas comidinhas, brincar de taco, queimada ou simplesmente olhar a forma e figuras que se criam nas nuvens. Essa criança, que por muitos anos ficou quieta, adormecida, sufocada e presa no tempo de um adulto, estava batendo na caixinha dos bons encontros. E qual foi a minha surpresa, aos quarenta e seis anos, me permitindo descer o barranco com um papelão e lembrar toda a alegria de uma criança. As estações foram passando e muitas aventuras, brincadeiras, risadas, sensações, cheiros, gostos, redescobertas e sim, muito conteúdo e habilidades sendo vivenciados ao lado das turmas.

E, assim, com o passar dos anos de estudo, experimentações e vivências no quintal do CEMEA, o emparedamento foi sendo dissolvido e a natureza e seus ensinamentos tomando conta. Não é uma tarefa fácil, voltar para a zona de conforto dentro das quatro paredes é tentador e muito menos trabalhoso mas com certeza, o bem-estar, a melhora da saúde física e mental, que traz estar com a natureza, seja com as crianças da educação infantil ou do ensino fundamental, são muito maiores. Deixando a rotina do dia a dia mais leve e prazerosa.

Fonte: Arquivo do CEMEA.



Alunos em vivências desemparedadas junto ao arroio do lado do CEMEA

Referências

TIRIBA, Lea. **Educação Infantil como direito e alegria, em busca de pedagogias ecológicas, populares e libertárias.** Paz e Terra, Rio de Janeiro/São Paulo, 2017 (livro).

Judô: leveza para buscar a disciplina, honra, educação e amizade

O Centro de Artes e Esportes Unificados CEU Sady Arnildo Schmidt, que é um espaço público dedicado à promoção da cultura, esporte, lazer e educação para toda a comunidade, oferece uma variedade de serviços voltados para o desenvolvimento integral de crianças, adolescentes, adultos e idosos. O CEU, como é conhecido, tornou-se um espaço de referência, pois dispõe de várias oficinas gratuitas.

Entre as oficinas, destaca-se o Judô, modalidade oferecida à comunidade escolar através do Programa Acolher, oportunizando ensinamentos aos praticantes como: autoconhecimento, disciplina,

respeito e autocontrole, através desta arte marcial. Esse esporte de origem japonesa foi criado pelo mestre Jigoro Kano no século XIX. Em meados do século XX, o Judô começou a se popularizar no Brasil e, desde então, tornou-se uma prática esportiva e educacional amplamente reconhecida.

Desde a inauguração da praça CEU, essa oficina faz parte de suas atividades e nesses sete anos teve inúmeras conquistas, talentos revelados e amizades forjadas no tatame. Muitos jovens atletas descobriram seu potencial e se destacaram em competições locais e regionais.

Fonte: Arquivo pessoal dos autores



Equipe de Judô – Praça CEU

José Roberto dos Santos

Graduação Licenciatura Plena em Educação Física. Diretor da Praça CEU.

Silvan Rodrigues Mello

Professor de Judô do Programa Acolher e Praça CEU.

O espírito de união e respeito, característico do Judô, se estende além do tatame. Os praticantes desenvolvem laços de amizade e companheirismo, fortalecendo a comunidade e promovendo o trabalho em equipe. A oficina de judô no CEU é aberta a participantes a partir dos seis anos, até adolescentes de 15 anos. O programa é adaptado para atender às necessidades específicas de cada faixa etária, promovendo a integração e o aprendizado.

Entre as diversas histórias e momentos que o judô da praça CEU, através do Programa Aco-

lher tem para ‘contar’, está na oportunidade de seus praticantes vivenciarem competições estaduais e nacionais, mostrando a qualidade do trabalho desenvolvido pelos profissionais que ali trabalham e proporcionam tais experiências para esses alunos. Alguns deles puderam representar equipes tradicionais do Estado como Sogipa e Grêmio Náutico União. Outros foram selecionados a representarem o Estado e o município de Campo Bom em competições nacionais nas suas categorias, vivenciando assim momentos únicos na vida de um atleta.

Fonte: Arquivo pessoal dos autores



Treino

A Galeria Municipal de Arte: lugar da inclusão cultural

Geralmente, a ideia que se tem de uma galeria de arte é algo que remete ao cotidiano de determinada elite das classes sociais. Glamour e obras famosas fazem parte da noção popular e coletiva sobre as galerias. Para fazer com que os estudantes das redes municipal, estadual e privada tivessem acesso a essa cultura de apreciação de obras de arte é que se pensou em exposições mais chamativas e com temas mais envolventes.

Em se tratando de uma galeria pública, que não tem fins lucrativos e que tem o ingresso livre, os artistas expositores que, além de fazer a mediação nas visitas, tem a contrapartida de, em algum momento da exposição, receber os estudantes para uma atividade de apropriação e experimentação das técnicas por ele utilizadas. Uma forma de interatividade e integração com as obras. Essa atividade pode variar desde uma roda de conversa e chegar até a “mão na massa”, onde pincéis, telas, tintas e outros materiais podem ser utilizados.

Um exemplo dessa interação, em 2023, se deu com a Exposição In-Visível, de Vera Amaral, na qual os alunos puderam conversar com a artista plástica e tocar nas obras. Danças e movimentos entre fios de couro em meio a uma obra chamada “Casulo/Ninho”. Mais de 500 estudantes tiveram a oportunidade de conhecer uma artista plástica, conversar com ela e se fazer parte das obras. Muitos desses alunos estiveram pela primeira vez numa galeria de arte.

Outro exemplo de exposição de sucesso e que mostrou o quanto cultura e educação caminham juntas, foi a Exposição Processos e Adaptações, de Carolina Bauer, artista plástica auto-

didata e estudante egressa das redes municipal e estadual de Campo Bom. Foi a primeira vez que Carolina expôs suas pinturas ao público, numa galeria de arte. Nos mesmos moldes de contrapartida, a artista promoveu alguns encontros com alunos dos ensinos fundamental e médio. Aproveitando seus dotes de professora da educação infantil, a expositora conseguiu mostrar a importância que a arte teve na sua formação escolar. Ex-professores dela que puderam visitar a Exposição também puderam ver “in loco” o resultado do incentivo e valorização dados a sua ex-aluna. “Emocionante e gratificante ver até onde os estudantes podem chegar com sua força de vontade”, afirmou uma ex-professora de Carolina Bauer. A exposição e a história da própria artista serviram de motivação para que os mais de 600 visitantes pudessem ver que,

Fonte: Arquivos do Espaço Cultural Dr. Liberato



Atividade de Vera Amaral com estudantes do Ensino Fundamental

Liandro Roberto Camargo

Graduado em Geografia, Espaço Cultural Dr. Liberato. Diretor:

tendo talento e vontade, é possível estar onde estão os grandes artistas.

A galeria procura ser a mais democrática possível nas escolhas das exposições. Para aproximar ainda mais crianças e jovens da galeria, abriu-se a possibilidade de que as próprias escolas usassem o espaço para expor os trabalhos e obras de seus alunos e professores. Apreciar as obras de um artista já estabelecido no mundo cultural é uma coisa. Outra, bem diferente, é o próprio estudante expor seus talentos artísticos no mesmo lugar que o artista consagrado. E isso foi promovido.

Uma das escolas a aproveitar esse espaço foi a EMEF Morada do Sol. Para comemorar seus 10 anos, a Escola usou a galeria por duas semanas para a Exposição Saberes e Fazeres, onde pinturas, desenhos, maquetes e confecções de vários estilos e técnicas, sob a orientação da professora Eliziana Zamboni, tinha como finalidade resgatar e valorizar as vivências cotidianas dos estudantes e a ampliação do conhecimento do mundo cultural dos alunos. Foram várias vi-

Fonte: Arquivos do Espaço Cultural Dr. Liberato



Imagem da entrada da Exposição Saberes e Fazeres

Referências

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**, 25. ed., São Paulo: Paz e Terra, 1996. (livro)

Fonte: Arquivos do Espaço Cultural Dr. Liberato



Atividade de Carolina Bauer com estudantes do Ensino Médio

sitas, nas quais os próprios alunos puderam se ver como artistas e, inclusive, trazer familiares pela primeira – e talvez a única - vez a um ambiente desse nível cultural. Cerca de 700 visitas foram feitas nessa curta Exposição aproveitando, inclusive, que nesses dias da Exposição ocorreu no mesmo prédio outras exposições da programação da Feira do Livro 2023.

Por fim, como já dizia Paulo Freire: “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua própria produção e ou a sua construção” (FREIRE, 1996, p. 21). Ou seja, a Galeria Municipal de Arte, intrínseca no Espaço Cultural Dr. Liberato, sob o guarda-chuva da Secretaria de Educação e Cultura, pretende e se propõe a ser uma das “possibilidades” a que se refere o patrono da educação brasileira, através das parcerias com os artistas para que cada vez mais crianças e jovens tenham acesso a aprender cultura, através das exposições de arte.

A cultura indígena na educação: a diversidade artística do povo indígena Kadiwéu

O início do desenvolvimento deste trabalho se deu a partir de uma observação feita por uma aluna do curso de desenho da Escola de Arte Educação. Ela relatou que passou pelo parque e identificou a presença do acampamento indígena, que todos os anos vêm para a cidade para vender seu artesanato. Além desta motivação inicial, a proposta que segue também vem ao encontro do que prevê a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei 11.645/08), que prevê, em seu artigo 26, a obrigatoriedade do estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena nos estabelecimentos de Ensino Fundamental e de Ensino Médio.

Por estarem constantemente na mídia devido às lutas por suas terras, protegendo suas aldeias de invasores, algumas pesquisas foram feitas sobre o povo indígena Kadiwéu. Os alunos mostraram um grande interesse na história desse povo que vive em um lugar onde a beleza natural dos rios e cachoeiras é reconhecida dentro da rota turística do Brasil, na cidade de Bonito, no Mato Grosso do Sul. Na Guerra do Paraguai, escolheram lutar pelo Brasil e tiveram suas terras reconhecidas. A adoção de um vestuário “country” pelos homens Kadiwéu da atualidade revela seu apego a um modo de vida apoiado no uso e criação de cavalos, que ainda mantêm rebanhos, embora bem menores que os do passado. Conhecidos como “índios cavaleiros”, por sua destreza na montaria, guardam em sua mitologia, na arte e em seus rituais o modo de ser de uma sociedade hierarquizada entre senhores e cativos.

No material pesquisado, a riqueza de detalhes no grafismo desse povo indígena encantou os alunos. Constatamos que seu artesanato já ultrapassou as fronteiras brasileiras e é comercializado no exterior pela beleza da criatividade desse povo. Os finos desenhos corporais realizados pelos Kadiwéu constituem uma forma notável da expressão de sua arte. Hábeis desenhistas, estampam rostos com desenhos minuciosos e simétricos traçados com a tinta obtida da mistura de suco de jenipapo com pó de carvão, aplicada com uma fina lasca de madeira ou

Fonte: Arquivo da Escola de Arte-Educação (abril de 2023)



Padrões desenhados com inspiração na arte do povo Kadiwéu.

Rubia Celeste Oyarzabal

Licenciada em Artes Visuais pela Universidade FEEVALE e em Letras e Literatura pela UNINTER, Pós-graduada em Metodologia do Ensino das Artes pela UNINTER. Professora de Artes na Escola de Arte-Educação e na EMEF 25 de Julho.

taquara. No passado, a pintura corporal marcava a diferença entre nobres, guerreiros e cativos. As mulheres Kadiwéu produzem belas peças de cerâmica: vasos de diversos tamanhos e formatos, pratos de tamanhos e profundidades diferentes, animais, enfeites de parede, entre outras peças criativas. Decoram-nas com padrões que lhes são distintos, que seguem um repertório rico, mas fixo de formas preenchidas com variadas cores. A matéria-prima de seu trabalho encontra-se em barreiros especiais que contêm o barro da consistência e tonalidade ideais para a cerâmica durável. Os pigmentos para sua pintura são conseguidos de areias dos mais variados tons.

Após aprender um pouco mais sobre o povo, seus costumes e sua arte, os alunos passaram às produções artísticas. Com pintura em tinta acrílica, tinta aquarela, lápis de cor, canetas coloridas deram vida ao grafismo kadiwéu, que na tribo os desenhos se definem em 6 níveis de complexidade. Os alunos exploraram todos os níveis com desenhos de vasos e faixas com cores fortes e vibrantes, sobressaindo vermelho, preto e tons terrosos. A representação da pintura corporal foi feita com o desenho da mão do aluno e depois pintada. Os alunos recriaram os desenhos com entusiasmo.

Após a pesquisa, as discussões e produções elaboradas, acredito que o respeito aos povos indígenas, que vivem nesse território com seus costumes, rituais e formas de cultura desde muito antes do dito “descobrimento”, possa ser ampliado nos estudantes. Expliquei aos alunos que, quando um

povo indígena sai de sua aldeia para vender seu artesanato, ele acampa em lugares específicos com forte significado de que naquele lugar, tem um ancestral que voltou ao seio da mãe natureza, e, por isso, devemos respeitar e valorizar sua cultura.

A produção artística criativa dos alunos resultou em uma exposição, atingindo também alunos de outros cursos e a comunidade que frequenta a Escola de Arte Educação. Além disso, a exposição foi matéria no Jornal A Gazeta, que me entrevistou para falar sobre o processo criativo que realizamos para a divulgação e o ensino das diferentes culturas que contribuíram para a formação do povo brasileiro.

Fonte: Arquivo da Escola de Arte-Educação (abril 2023)



Diversidade de trabalhos elaborados pelos alunos que integraram a exposição.

Referências

BEHR, Miguel von. **Os Cadiueu**. In: BEHR, Miguel von. **Serra da Bodoquena: história, cultura, natureza**. Campo Grande: Free, 2001. p. 53-61.

LDB (*Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - Lei 10.639/03 e 11.644/08*)

PECHINCHA, Mônica Thereza Soares. **Histórias de admirar: mito, rito e história Kadiwéu**. Brasília: UnB, 1994. 148 p. (Dissertação de Mestrado)

PRADO, Francisco Rodrigues do. **História dos índios Cavaleiros ou da Nação Guaycurú**. Rev. Inst. Hist. Geogr. Brasil., s.l. : IHGB, v. 1, p. 25-57, 1939.

O lúdico como ferramenta de aprendizagem

Trabalhar com alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem sempre gera nos professores ansiedade, preocupação e responsabilidade.

Vamos nos deparar com dificuldades de leitura, escrita, compreensão, interpretação, cálculos e demais aprendizagens de nossos alunos, que precisam de intervenção constante e, o quanto antes ocorrer a detecção e a atuação do professor, menores serão as lacunas e os efeitos resultantes disso.

E como ajudar os alunos a superar esses desafios?

Montessori nos diz que uma criança já nasce com a capacidade de aprender, desde que lhe sejam dadas condições propícias ao aprendizado, por isso, os jogos e brincadeiras são essenciais na vida de uma criança, pois é por meio dessas atividades que ela desenvolve o estímulo necessário para o desenvolvimento da sensibilidade, inteligência, criatividade e habilidades.

Todos sabemos que cada criança tem o seu tempo e, por isso, necessita de um estímulo secun-

dário durante o processo de aprendizagem. Nestes casos, os jogos podem ser um recurso muito bom como ferramenta de estimulação durante esse processo, pois auxilia o professor a atingir aqueles alunos com maiores dificuldades na aprendizagem, desenvolvendo a memória e concentração, bem como a disciplina e o raciocínio.

Sendo assim, comecei a inserir os jogos na prática pedagógica, pois acredito que, quando o professor encontra formas de incorporá-los ao processo de ensino, estimula o desenvolvimento das habilidades dos alunos, além de promover o entretenimento, aliando a utilidade ao prazer para tornar a sala de aula mais agradável e estimulante.

Durante as aulas, percebi que utilizando essa ferramenta como recurso pedagógico, poderia tornar o processo mais eficaz, pois as crianças eram estimuladas por meio das atividades lúdicas.

Jogos e brincadeiras no processo de ensino e aprendizagem podem ser muito úteis para o desenvolvimento do aluno, como observa Kishimoto (1994, p. 13).

O jogo como promotor da aprendizagem e do desenvolvimento, passa a ser considerado nas práticas escolares como importante aliado para o ensino, já que colocar o aluno diante de situações lúdicas como jogo pode ser uma boa estratégia para aproximá-lo dos conteúdos culturais a serem veiculados na escola.

Quando proponho um trabalho de jogo, o jogo é cuidadosamente planejado com o objetivo de incorporar uma intenção educacional para tornar a atividade significativa.

Desse modo, a maior vantagem do aprendizado baseado em jogos é tornar o processo cheio de

Fonte: Arquivo da autora (2023).



Imagem dos alunos da turma 31 jogando o jogo Batalha das Palavras.

Tatiana Lauer Oliveira

Pós-graduação em Psicopedagogia Com Ênfase em Educação Especial, EMEF 25 de Julho. Professora.

motivação e permitir que as crianças aprendam enquanto brincam. Combinar o conteúdo com jogos e brincadeiras torna o processo de aprendizagem mais dinâmico e interessante para os alunos. Existem muitas opções de jogos com os quais crianças podem resolver problemas, desenvolver a leitura e a escrita, além de revisar e reforçar o que já foi feito. Além disso, é possível trabalhar em grupo, aprimorar essas habilidades e os alunos têm a oportunidade de desenvolver estratégias para atingir objetivos específicos. Outro benefício do aprendizado baseado em jogos é que eles podem ajudar as crianças a

manter o foco por um período mais longo, definir metas e a lidar com mudanças comportamentais. Os jogos desafiam os alunos, os envolvem em novas experiências e estimulam a aprendizagem.

Como professora, cada conquista é sempre muito importante para mim, porque todas as crianças se desenvolvem. É uma alegria vê-los se divertindo enquanto estão jogando e isso me faz buscar constantemente novas estratégias para aprofundar meu trabalho docente e dar um passo à frente para tornar a prática diária mais interessante, criativa e motivadora para todos os meus alunos.

Fonte: Arquivo da autora (2023).



Imagem dos alunos da turma 31 jogando o jogo Brincando com Sílabas.

Referências

Neuro Saber. **Aprendizagem baseada em jogos é eficiente para o aluno?** 2020 <https://institutoneurosaber.com.br/aprendizagem-baseada-em-jogos-e-eficiente-para-o-aluno/> Acesso em 27/06/2023.

KISHIMOTO, T. M. **O jogo e a educação infantil.** São Paulo: Pioneira, 1994

Misturando saberes: nossa herança culinária indígena

Conhecer, aprender, saborear, experimentar, construir, ampliar e dividir saberes e culturas, conduzem a criança a uma constante transformação e evolução em seu desenvolvimento integral, respeitando a diversidade étnico-cultural. De acordo com o Censo de 2010, existem hoje 305 etnias indígenas no Brasil, cada uma com a sua cultura, crença, hábitos, costumes... Instigar os educandos a conhecer e valorizar esses povos originários da nossa própria cultura, é um tema de suma importância a ser abordado em sala de aula.

Por este motivo, foram apresentados aos alunos, através de um jogo, alguns hábitos, costumes, crenças, vocabulários e comidas desses povos. Foi então que surgiu a curiosidade de aprofundar os estudos sobre a culinária de origem indígena que herdamos e incorporamos em nosso cotidiano.

Foram oferecidas algumas sugestões de receitas indígenas pela professora que, após organizar os alunos em duplas, fez um sorteio em que cada dupla recebeu uma para ser pesquisada. As duplas, em busca de ampliação de seus conhecimentos, utilizaram sites para consulta e montaram uma apresentação em slides. Momentos como este, em que os alunos têm a oportunidade de partilhar conhecimentos com seus colegas, são muito significativos e poderosos.

No decorrer das apresentações, verificou-se que o milho foi o principal ingrediente em muitas das receitas. Manifestou-se, então, a ideia de preparar um bolo de milho, e vários questionamentos surgiram: quais ingredientes seriam necessários, a quantidade de cada um e quanto gastariam em di-

nheiro com a compra dos itens.

A partir destas indagações, acrescentamos aos nossos estudos a educação financeira, pois

Percebe-se o quanto é importante começar a trabalhar educação financeira desde o ensino fundamental, por ser o período em que a criança faz mais assimilações do conhecimento adquirido com a sua realidade e, também, por ter contato com o conhecimento já na fase inicial de sua vida como cidadão, podendo, assim, ser um adulto responsável, com mais controle das suas finanças. (BUSS e AMORIM, 2020, p13)

Fonte: Arquivo da autora (2023).



Imagem dos alunos da turma 41 saboreando o bolo de milho

Jéssica Nunes Gonçalves Machry

Graduada em Pedagogia, EMEF Adriano Dias. Professora de anos iniciais.

Fonte: Arquivo da autora (2023).

Em um primeiro momento, os alunos fizeram uma estimativa do valor a ser gasto com a receita do bolo de milho e, após, criaram um cofrinho coletivo, onde cada aluno contribuiu com o valor que estava ao seu alcance. Ao final de três semanas, arrecadaram o valor necessário e foram às compras.

No mercado, os alunos precisavam analisar e pesquisar os valores dos produtos necessários. Montaram uma tabela com os preços mais baratos e com os mais caros, a fim de fazer um comparativo entre o valor de cada ingrediente e o valor total da compra.

Em sala de aula, colocaram a mão na massa, preparando o delicioso bolo de milho. Proporcionar aulas em que os educandos se tornem protagonistas do seu processo de aprendizagem, têm muito mais significado em suas vidas. Segundo Moran (2015), se queremos que os alunos sejam proativos, precisamos adotar metodologias para que eles se envolvam em atividades cada vez mais complexas, nas quais tenham que tomar decisões e avaliar os resultados, com apoio de materiais relevantes.

Esta sequência didática foi extremamente importante para o processo de ensino aprendizagem dos alunos, visto que puderam ter várias experiências a partir de um único assunto, pois já dizia Paulo Freire (1996) “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.”



Alunos da turma 41 no mercado.

Referências

BUSS, Larissa da Silva e AMORIM, Gabriela Vicente. **Educação Financeira: A importância da sua inclusão no processo de ensino aprendizagem desde o ensino fundamental**, Tubarão. p. 13-18. 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MORAN, José. **Artigo Mudando a educação com metodologias ativas**, [Coleção Mídias Contemporâneas. Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens. Vol. II] Carlos Alberto de Souza e Ofelia Elisa Torres Morales (orgs.). PG: Foca Foto-PROEX/UEPG, 2015.

EDUCA IBGE. **População Indígena**. Disponível em [https://educa.ibge.gov.br/criancas/brasil/nosso-povo/20507-indigenas.html?text=Existem%20hoje%20305%20etnias%20e,a%201%C3%ADngua%20ind%C3%ADgena%20\(57%25\)](https://educa.ibge.gov.br/criancas/brasil/nosso-povo/20507-indigenas.html?text=Existem%20hoje%20305%20etnias%20e,a%201%C3%ADngua%20ind%C3%ADgena%20(57%25)) Acesso em 22 junho 2023

Lendas no cotidiano escolar

A Base Nacional Comum Curricular (2017, p. 9) apresenta as competências gerais da Educação Básica e, dentre elas, podemos destacar a que ressignifica a importância de conhecer e valorizar as diferentes manifestações culturais e artísticas desde as locais às mundiais aliando a isso as matrizes culturais africanas e suas importantes contribuições nos campos artísticos, culturais e de formação da sociedade. A fase da alfabetização possui um encantamento especial, e explorar esta fase vivenciando uma aprendizagem significativa na qual as crianças tiveram contato com as lendas africanas trouxe um sabor todo especial para a turma 21 no ano de 2022.

A proposta pedagógica foi dividida em duas etapas na primeira, aconteceria o contato dos educandos com o gênero textual lendas africanas. Nesse momento, as crianças tomavam conhecimento das características desse gênero textual, realizavam a leitura, assinalavam palavras desconhecidas para buscar o significado, interpretavam o texto e a culminância era a concretização de um registro artístico que podia ser uma dobradura, uma modelagem com massinha de modelar, uma montagem de cenário com recortes de papel, uma representação de personagem com folhas secas, entre outros. Algumas lendas trabalhadas nessa primeira etapa foram: O Jabuti e o Leopardo, A Onça e a Raposa, Lenda Africana como a Zebra ficou listrada, entre outras. Essas lendas compuseram a parte I do livro produzido pela turma 21.

Após essa ambientação com o gênero textual lendas africanas e a compreensão de que esse texto “representa a imaginação popular, é uma narrativa

que faz ligações com a realidade (...)”(AIDAR)” e que “(...) tem a finalidade de explicar o universo, a natureza e as relações humanas”. (MOREIRA e MOCHIUTTI), foi proposto que as crianças, juntamente com suas famílias, escrevessem suas próprias lendas a partir dos seguintes questionamentos: ‘Por que os pássaros voam?’, ‘Por que a girafa tem o pescoço comprido?’, ‘Por que o céu é azul?’, ‘Por que o galo canta cedo da manhã?’, ‘Por que o sapo come insetos?’, ‘Por que vemos a Lua à noite?’, ‘Por que a água apaga o fogo?’, ‘Por que existe o Arco-íris?’, ‘Por que acontece Eclipse?’, ‘Por que chove?’, ‘Por que a Tartaruga possui casco?’. Surgiram, então, diversas produ-

Fonte: Arquivo da autora (2022).



Imagem das representações das lendas africanas trabalhadas com os alunos da turma 21.

Roselaine Silveira da Rosa

Graduação em Letras-Português e Pedagogia, Especialização em Distúrbio da Fala e da Linguagem.
EMEF Borges de Medeiros. Professora de anos iniciais.

ções escritas que buscavam explicar fatos extraordinários através do olhar criativo infantil com o auxílio da família, pode-se registrar os seus mais belos pensamentos. Essa foi a segunda parte do livro produzido pela turma 21.

Seguimos para a digitação do material escrito e a digitalização das imagens que ilustravam o exemplar. Finalizamos a impressão e realizamos a encadernação da obra. Foi gratificante ver o quan-

to as crianças se emocionaram ao manusear sua primeira publicação. Os olhinhos brilhavam e o sorriso ilustrava a imensa felicidade que sentiam naquele instante. Refletindo um pouco mais, cabe ressaltar que os educandos encontravam-se ainda em um processo pós-pandemia, então, a proposta da produção escrita das crianças, juntamente com seus familiares, fortaleceu ainda mais os laços entre as famílias e a escola.

Fonte: Arquivo da autora (2022).



Imagem da produção textual (gênero lenda) de um aluno da turma 21 na qual ele explica porque o Galo canta todas as manhãs.

Referências

AIDAR, Laura. Disponível em: **Lendas Africanas. Toda Matéria.**

<<https://www.todamateria.com.br/lendas-africanas/#:~:text=Geralmente%2C%20elas%20t%C3%AAm%20a%20finalidade,culturais%2C%20tamb%C3%A9m%20C3%A9%20bastante%20diverso.>> Acesso em 22 de março de 2022.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC).** Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSEDE/UNDIME, 2017. Disponível em: < 568 http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf >. Acesso em 10 de abril de 2022.

MOREIRA, Debora Cristina, MOCHIUTTI, Nair Fernanda Burigo. **O ensino da história e cultura afro-brasileira a partir da utilização de lendas africanas.** Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_unicentro_geo_artigo_debora_cristina_moreira>. Acesso em: 20 de março de 2022.

Biblioteca, o coração da escola!

A professora Maria Luciana, inspirada no autor Jorge Luis Borges (2007), que diz: “sempre imaginei que o paraíso fosse uma espécie de biblioteca”, no ano de 2015, iniciou o desejo de transformar a biblioteca da escola CEI em um espaço de trocas, de entradas e saídas, tornando este ambiente dinâmico, acolhedor, agradável e prazeroso. Um lugar onde alunos e professores pudessem desenvolver projetos de leitura e escrita, pesquisas e atividades em grupos, criação e desenvolvimento de habilidades artísticas integradas ao mundo da leitura. Pensando a biblioteca como um lugar de interação, foram desenvolvidos variados trabalhos com diversos gêneros literários como: poesia, narrativas de aventuras, narrativas de terror, entre outros.

Fonte: Arquivo da autora (2023)



Aluna ouvindo uma história em quadrinhos

A proposta foi desconstruir conceitos antigos, que os adolescentes tinham em relação à biblioteca, um ambiente monótono e arcaico. Timidamente, a primeira hora do conto para alunos de anos finais foi realizada e, daquele momento em diante, a história foi reescrita. Durante as retiradas de livros, foram criadas atividades lúdicas e dinâmicas. Um exemplo é o “Biblioquete”, que são colocados baldes com os nomes de gêneros literários diversos e o aluno joga a bola no balde, ao cair, ele vê o gênero literário e escolhe seu livro de acordo com o gênero proposto. A tarefa promove maior conhecimento e acesso a obras variadas, rompendo com os modismos estabelecidos pela sociedade.

Fonte: Arquivo da autora (2023)



Proposta diferenciada de atividade na Biblioteca

Maria Luciana Bandeira Gonçalves

Pós-graduada em Neuropsicopedagogia, Graduada em Pedagogia, EMEF CEI. Bibliotecária.

Outra atividade realizada no nosso ambiente durante o ano chamou-se de retirada às escuras, onde os alunos escolhiam livros sem ter conhecimento do título, desafiando a sair da zona de conforto onde estavam habituados a permanecer. Estes livros foram encapados e os alunos escolhiam um apenas para retirar e ler em casa.

Outra proposta desenvolvida foi com o livro: *Diferenças*, do autor Rodrigo Munari. Com a leitura do livro foi feita uma tarefa com copos descartáveis. Cada aluno escrevia uma palavra no copo referente ao bullying. Juntos, fizeram uma torre de copos e, após, a derrubaram, simbolizando a libertação das angústias da vida.

Já no ano de 2023, a biblioteca está participando da Gincana Geração Consciente da Secretaria da Saúde do Rio Grande do Sul, na qual várias

temáticas são abordadas como: socioemocionais, violência, preconceito, estigma. Na gincana, os alunos vão até a biblioteca para realizar oficinas e reproduzir a atividade para outras turmas da escola.

A biblioteca também conta com atividades interdisciplinares, promove ações e espaços para afetos, gincana, podcast, abre pauta para falar sobre educação menstrual, hora do conto, entre outros. Nossa biblioteca é apelidada carinhosamente como: O coração da escola. Ela é um jardim repleto de folhagens, livros, música, conhecimento e calor mútuo, diversificando alegria, conhecimento e cultura das mais variadas possíveis, pois conforme Schwab (2021) “ela descobriu que os livros são uma maneira de se viver milhares de vidas diferentes - ou de encontrar forças para viver uma muito longa”.

Fonte: Arquivo da autora (2023)



Proposta diferenciada de atividade e um dos exemplares utilizado nas propostas

Referências

- BORGES, Jorge Luis. *Livro dos Seres Imaginários*, 2007.
LARUE, Addie. *A vida invisível*, 2021.

Imensurável

É muito comum as crianças na faixa etária de sete a oito anos expressarem suas ideias ou opiniões sobre medidas, utilizando numerais e quantidades imensas para se referir ao tamanho das pessoas ou objetos básicos presentes no dia a dia.

A partir da observação dessas falas espontâneas e dos questionamentos dos alunos sobre o tamanho das “coisas” em diversas situações, surgiram algumas perguntas, entre elas: “Mas afinal, o que não é possível medir aqui na Terra?” Surgindo inúmeras reflexões e curiosidades em sala de aula sobre unidades de medidas.

Pensando nisso, no ano de 2022, realizou-se o projeto “Imensurável... O que não é possível medir no planeta Terra, mas que é tão importante na vida de todas as pessoas?” O projeto teve início a partir da reflexão do tamanho de um personagem de faz de conta, “o gigante”, que possibilitou inúmeros questionamentos sobre o tamanho das coisas. Esse personagem, por ser tão grande, nos fez refletir em diversas situações de comparações e problematizar a realidade para impulsionar a busca por novos conhecimentos. As crianças passaram a refletir sobre inúmeras medidas simples do dia a dia, que muitas vezes passam despercebidas, mas que são fundamentais para um bom convívio com colegas, professores e a família, além de medir somente os objetos ou os espaços.

Conhecer os instrumentos utilizados para medir e manuseá-los faz parte do processo para que a criança estabeleça essa

comparação entre objetos e analise suas propriedades. Saber distinguir, conforme Teles (2014), as grandezas e os objetos; adquirir as habilidades para perceber grandezas como propriedade dos objetos; medir e comparar grandezas da mesma espécie, observando o uso adequado das unidades de medida relativas às grandezas.

Fonte: Arquivo da autora (2022)



Imagem de dois alunos medindo seus corpos.

Gabrieli de Abreu Bizarro

Licenciatura em Pedagogia, EMEF D. PEDRO II. Professora.

A contação de histórias desperta a curiosidade, estimula a imaginação, desenvolve a autonomia e o pensamento, proporciona vivenciar diversas emoções e ajuda a criança a resolver conflitos emocionais próprios e, nesse projeto, não foi diferente. O livro “A Pequena coisa gigantesca” de Beatrice Alemagna trouxe em um enredo investigativo a busca pela felicidade, que não podemos medir, apenas sentir. Essa obra foi o ponto de partida para entender e expressar a felicidade e dar continuidade a outros sentimentos e emoções, como: a tristeza, a raiva, a saudade e o amor, tão presentes nos tempos atuais e que, muitas vezes, não são citadas durante a rotina diária, acumulando as emoções.

Sentimentos não foram citados nas hipóteses do que não conseguimos medir, mas são de extrema importância para o desenvolvimento dos alunos. Torna-se cada vez mais necessário que os mesmos sejam ouvidos, assistidos e entendidos, sem julgamentos prontos. A missão da escola atual não deve ser focada somente no desenvolvimento intelectual das crianças e dos jovens, mas também no seu desenvolvimento social e emocional.

“As emoções são uma fonte essencial da aprendizagem, na medida que as pessoas (crianças, adolescentes, adultos e idosos) procuram atividades e ocupações que fazem com que elas se sintam bem, e tendem, pelo contrário, a evitar atividades ou situações em que se sintam mal. As emoções fazem parte da evolução da espécie humana e constituem parte fundamental da aprendizagem.” (FONSECA, 2016, p. 366)

Concluimos que, o que não conseguimos medir, podemos sentir. As emoções no seu aspecto mais abrangente encerram, em paralelo, aspectos

comportamentais positivos e negativos, conscientes e inconscientes, ao passo que equivalem semanticamente a outras expressões, como a afetividade, a inteligência interpessoal, a inteligência emocional, a motivação e a personalidade do indivíduo, sendo de extrema importância cada pessoa ser ouvida e compreendida para que possamos viver em uma sociedade com harmonia e prazer de viver.

Fonte: Arquivo da autora (2022)



Imagem de aluna medindo os objetos da sala de aula.

Referências

- FONSECA V. **Neuropsicologia: cérebro, corpo e motricidade**. Ver. Psique: Ciência Vida. 2016.
TELES. R. A. M. **Grandezas e Medidas no Ciclo de Alfabetização** – TV Escola/Revista Salto para o Futuro. Rio de Janeiro. 2014.

Quem tá na chuva não quer se molhar!

O projeto iniciou na Escola Municipal de Ensino Fundamental Dona Augusta, de turno integral, em Campo Bom, na aula de Aprendizagem Criativa, quando a professora chegou na sala e percebeu que havia poucos alunos. Por esse motivo, precisou descobrir o motivo dessas faltas acontecerem e como resolver esse problema, pois faltar na escola traz prejuízos para a aprendizagem dos alunos.

No outro dia, a turma foi perguntar nas salas de aula “Você costuma faltar nos dias de chuva?” de 136 alunos, 43 alunos costumam faltar e o principal motivo informado foi a falta de guarda-chuvas. Então, pensou-se, como seria possível diminuir o número de faltas em dias de chuva, sem que tivesse custo para as famílias? Assim, surgiu a ideia da confecção de capas de chuva com guarda-chuvas que seriam descartados, bem como, da tomada de consciência dos alunos sobre a quantidade excessiva de materiais jogados fora, reconhecendo que todos podem reduzir a produção de lixo fazendo a reciclagem correta e refletir sobre os prejuízos causados na aprendizagem pela infrequência nas aulas.

De acordo com RESNICK (2020), a capacidade de pensar e agir de maneira criativa é mais importante do que nunca.

[...] O ritmo da mudança continua acelerando em todos os tipos de atividades, em todos os aspectos de nossas vidas. Os jovens de hoje serão confrontados com situações novas e inesperadas durante toda a vida. Eles precisam aprender a lidar com as incertezas e mudanças usando a criatividade, não só em suas vidas profissionais, mas também nos âmbitos

pessoal (como desenvolver e manter amizades em uma era de redes sociais) e cívico (como ter uma participação significativa em comunidades com limites e necessidades em constante mudança). (RESNICK, 2020, p. 4).

Sob essas constatações, esta pesquisa teve por objetivo reduzir o número de faltas dos alunos nos dias de chuva, a partir da reciclagem de guarda-chuvas danificados para confecção de capas de chuva.

Fonte: Arquivo das autoras (2022).



Imagem dos alunos das turmas 11 e 51 com as capas de chuva.

Tatiana Cristina Padilha de Oliveira

Especialização Ludopedagogia, EMEF Dona Augusta. Professora.

Luana Aradia Guedes Müller

Mestra em processos e Manifestações Culturais, EMEF Dona Augusta. Coordenadora Pedagógica.

O projeto de pesquisa foi executado semanalmente através de pesquisas bibliográficas e entrevistas semiestruturadas que foram convertidas em gráficos, se caracterizando em uma pesquisa qualitativa-quantitativa. Criamos dois pontos de coletas de guarda-chuvas para a comunidade fazer o descarte e foi divulgado nas redes sociais da escola. Quando os guarda-chuvas foram chegando, começou-se a confecção das capas de chuva, recorte, alinhavo, costura, envolvendo todas as turmas, em destaque o 5º ano que, devido ao seu forte engajamento, ensinou as crianças menores a arte do corte e costura, promovendo a autonomia e tornando os alunos os principais agentes da construção do seu conhecimento.

Uma aluna trouxe uma máquina de costura de sua família para agilizar a produção, assim, enquanto alguns alunos faziam o alinhavo, a aluna passava na máquina, finalizando o processo. Durante o desenvolvimento do Projeto, aconteceu a Feira de Iniciação Científica da escola na qual a turma foi premiada com o primeiro lugar na categoria. A feira era aberta à comunidade e um visitante que gostou do trabalho fez a doação de uma máquina costura para a escola, o que ajudou muito. A partir disso, os alunos tiveram a experiência de costurar usando uma máquina de costura.

Realizou-se um desfile com as capas que foram feitas com os guarda-chuvas e os primeiros beneficiados foram os alunos que vinham a pé e que não tinham guarda-chuvas.

Com a primeira entrega de 80 capas de chuva percebeu-se que houve um aumento de 10,82% de presenças em dias de chuva. Devido aos resultados positivos, prosseguiu-se com esse projeto até o final do ano e o próximo passo foi a confecção de uma capa de chuva para um morador de rua, pois este coletava guarda-chuvas e

entregava em um dos pontos de coleta que ficava na Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Campo Bom.

Fonte: Arquivo das autoras (2022).



Imagem da aluna da turma 51 preparando a capa de chuva.

Referências

RESNICK, Mitchel. **Jardim de Infância para a vida toda: por uma aprendizagem criativa, mão na massa e relevante para todos.** Porto Alegre: Penso, 2020.

Encontro de mães do AEE na escola

O espaço de convivência e trocas, dentro do ambiente escolar, focado no acolhimento de mães e/ou responsáveis pelos alunos do Atendimento Educacional Especializado (AEE) da Escola Municipal de Ensino Fundamental Duque de Caxias se originou de uma conversa informal com uma colega, professora da educação especial em outra rede de ensino. Entre as atribuições do AEE está a de [...] “Orientar professores e famílias sobre os recursos pedagógicos e de acessibilidade utilizados pelo aluno” (BRASIL, 2008). Portanto, estabelecer esta parceria com as mães, trazendo-as mais para perto, para dentro da escola, fortalece e consolida o

nosso trabalho.

O projeto nasce do desejo de aproximar as famílias e de fortalecer a parceria com a escola, criando um espaço de acolhimento e compartilhamento de vivências. No decorrer dos encontros, observamos o engajamento e participação das mães, novas demandas foram surgindo e, em 2023, foi possível contar com a participação de profissionais da área da saúde e da educação da rede de Campo Bom, os quais trouxeram assuntos que contemplassem dúvidas e incertezas, além de agregarem conhecimento às práticas cotidianas de uma família “atípica”.

Fonte: Arquivo da autora (2022).



Encontro de mães realizado no ano de 2022.

Eriane Aparecida Persch

Pós-graduação em Atendimento Educacional Especializado, Graduação em Pedagogia. EMEF Duque de Caxias. Professora do AEE.

Este projeto é parte das ações elaboradas pela escola com o objetivo de fortalecer a parceria com as famílias, entendendo que o maior beneficiado é o nosso aluno, foco principal das nossas intervenções. Com esta iniciativa, pensamos em proporcionar às famílias um espaço de convivência, escuta e trocas dentro do ambiente escolar, corroborando com o que traz a LDB (BRASIL, 1996) no seu artigo 12, afirma que [...] “Os estabelecimentos de ensino, respeitadas as normas comuns e as do seu sistema de ensino, terão a incumbência de: [...] VI - articular-se com as famílias e a comunidade, criando processos de integração da sociedade com a escola;” Ou seja, as ações educativas se estendem para além da sala de aula e a potencialização do vínculo entre escola e família é parte fundamental do processo de desenvolvimento da criança.

Através desses encontros mensais, as mães e/ou responsáveis terão a possibilidade de compartilhar suas dúvidas, angústias e sucessos, conhecer e trocar ideias, escutar e serem ouvidas, se sentindo acolhidas e compreendidas nas suas necessidades. Porque pensar inclusão escolar sugere “o princípio da escola transformadora” (KUPFER, 2017, p. 18, apud PERSCH, 2019), ou seja, aquela que se transforma para incluir. Pensar uma escola inclusi-

va é pensar uma escola para todos e com todos, pois, assim como o AEE não consegue sozinho e precisa da sala de aula, a escola como um todo, juntando AEE e sala de aula, precisa da família”. (PERSCH, 2019).

É perfeitamente compreensível que a demanda familiar e profissional nem sempre lhes permite participar. Porém, assim como na aprendizagem, a consolidação deste projeto vem se constituindo como um processo lento e gradativo. Os resultados, até então alcançados, vêm possibilitando o canal de acesso com as famílias, no qual o enriquecimento dos saberes acontece.

Fonte: Arquivo da autora (2023).



Encontro de mães realizado no ano de 2023.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Operacionais da Educação Especial para o Atendimento Educacional Especializado (AEE) na Educação Especial**. Brasília: MEC/SEESP, 2008b.

_____. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. [1996]. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 18 jun. 2023.

_____. et al. Acolhendo o aluno sujeito. In: KUPFER, Maria Cristina Machado; PATTO, Maria Helena Souza; VOLTOLINI, Rinaldo (orgs.) **Práticas inclusivas em escolas transformadoras - acolhendo o aluno- sujeito**. São Paulo: Escuta/ Fapesp, 2017.

PERSCH, Eriane Aparecida. **Encantamentos da inclusão Escolar de crianças autistas – Narrativa de uma trajetória escolar**. Artigo produzido como Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em Atendimento Educacional Especializado, Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS/Fundação Liberato. Novo Hamburgo, 2019.

O leiturinha: incentivando a prática da leitura

Segundo Piaget (1977) “A vida é um constante ato de aprendizagem.” Desde a infância somos estimulados e aprendemos de acordo com as nossas vivências. Portanto, cabe ressaltar que o processo de alfabetização e letramento acontece desde cedo, pois vivemos num mundo cheio de atrativos que promovem o desenvolvimento do saber, mesmo antes do ingresso na escola. Conhecer a realidade de cada aluno, a fim de que possa traçar estratégias que irão favorecer o processo de ensino e de aprendizagem das crianças é de extrema importância no ato pedagógico.

Como professora alfabetizadora, acredito que a pesquisa, bem como o conhecimento de como acontece o processo de alfabetização e letramento, é fundamental no trabalho do professor. As

ações pedagógicas que norteiam a minha prática, possibilitam o desenvolvimento das habilidades do pensamento da criança, através de estratégias diversificadas, diferenciadas, criativas e, acima de tudo, prazerosas. Percorrer os níveis da psicogênese da língua escrita, visando o processo de alfabetização de cada aluno, com estímulo, interação, atividades didáticas adequadas e intervenção constante, permite que os alunos se alfabetizem e dominem a leitura e a escrita, estando todos num processo satisfatório de letramento.

Cada criança, com seu potencial, desenvolve habilidades do pensamento dentro do seu ritmo de aprendizagem. O desejo de aprender das crianças, desperta a curiosidade e resulta no desenvolvimento de habilidades e competências.

Fonte: Arquivo pessoal da autora (2023)



Momento de apresentação e apreciação do seu Leiturinha.

Fátima Regina Nogueira Soares

Especialista em Gestão Escolar. EMEF Edmundo Strassburger. Professora alfabetizadora.

O educador precisa estar sempre muito atento, em prontidão, analisando e refletindo sobre a sua ação pedagógica diária. Autoavaliar-se, renovar e buscar novas estratégias de ação didática/pedagógica, visam uma aprendizagem de qualidade e prazerosa para todos os alunos. Para que aconteça uma prática pedagógica contextualizada e com sentido para os alunos, o professor deve considerar: marcas, identidade, trajetória, construção, significados, formação, ética, conhecimento, diferença e encantamento. Propiciar o ensino de sistema de escrita alfabética de forma significativa, resultando no uso da leitura e da escrita nas interações sociais é o papel incansável do alfabetizador. Assim, o professor alfabetizador deve manter a leitura viva na sala de aula, presente nos diferentes gêneros textuais, ou seja, na contação de histórias, na leitura da pesquisa feita sobre um determinado assunto, na leitura da canção, na declamação da poesia, nas charadinhas... Enfim, alfabetização e letramento devem andar juntos e a criança deve estar no mundo letrado, compreendendo e fazendo uso da função social da leitura e da escrita.

Por acreditar que o professor alfabetizador é um mediador e facilitador do processo de alfabetização e letramento de cada criança, subsidiando e estimulando a prática constante da leitura é que criamos o Leiturinha, na turma 21. Desde o início do ano, a leitura deleite esteve presente em nossa rotina diária, as crianças se encantavam com as histórias e gradativamente foram desenvolvendo o gosto e o prazer em manusear e ler livros, gibis, folhetos, pequenos textos impressos, versos, poemas... além disso, nossos projetos foram marcados por muito aprendizado, pois os temas abordados iam além da sala de aula, envolvendo toda a comunidade escolar. E como organizar tanto aprendizado, como se fosse um almanaque da turma? Como reunir os conhecimentos adquiridos? Onde registrar poesias, textos, panfletos, versos..., de nossa

autoria? Foi então que criamos o Leiturinha!

O Leiturinha foi criado em julho deste ano, pois queríamos ter um “livro” onde colocássemos nossos estudos e tudo que achamos importante registrar. Cada aluno criou a sua capa com muita criatividade e colocou os seus dados de identificação. Com muito entusiasmo, a cada gênero textual colado (informações diversas e conhecimento adquirido), decoravam e desenhavam. Na medida em que iam compondo o Leiturinha, também iam personalizando, deixando nele as características, a criatividade e a arte de cada um.

Nosso Leiturinha faz parte das nossas aulas, pois usam como fonte de pesquisa, para relembrar conhecimentos já adquiridos, bem como, pelo simples prazer de ler e apreciar cada gênero literário.

A cada quinze dias, os alunos levam o Leiturinha no final de semana, para que possam ler em família. Nos relatos das crianças, é visível o sentimento de alegria, pois sentem-se orgulhosos por ter o Leiturinha. E esse é o nosso papel enquanto educador, promover o encantamento através da leitura.

Fonte: Arquivo pessoal da autora (2023)



Momento de apresentação e apreciação do seu Leiturinha.



Detetives do consumo consciente

O presente relato de prática foi realizado em uma turma autointitulada “Detetives da Escola Azul”, composta por 28 alunos do segundo ano do Ensino Fundamental de turno integral na Escola Emílio Vetter, durante o período de março a outubro de 2022. Ainda sentindo os reflexos do isolamento social causado pela pandemia, em que as telas foram companheiras das crianças durante boa parte do tempo, identificamos a necessidade de repensar nossas práticas e proporcionar aos alunos a reflexão sobre as intenções dos espaços midiáticos e a sua relação com o mundo do consumo. Assim, surgiu o projeto “O Pensar Crítico dos Pequenos Consumidores”. As atividades foram fundamentadas nos princípios da economia solidária.

Como ponto de partida, incentivamos as crianças a observar mais atentamente as propagandas contidas nos jornais que já circulavam na sala de aula. Concluíram que a maior parte das propagandas eram destinadas aos adultos. Assim, logo surgiram comentários sobre as propagandas destinadas ao público infantil nos sites de jogos que foram posteriormente analisadas pelas crianças. Nos tornamos, neste momento, detetives mais conscientes.

E se o grande tema era o consumo, decidimos descobrir qual material era mais consumido em nossa sala de aula. Não demorou para percebermos que o papel era o recurso mais utilizado. Começamos, então, a pesquisar sobre a sua origem, produção e descarte. Durante essas pesquisas, as crianças descobriram que era possível produzir papel artesanalmente. Assim, confeccionamos cadernetas que além de aproveitar o papel artesanal

de forma criativa, teríamos mais controle sobre as folhas utilizadas durante o horário de descanso. Assim, nos tornamos detetives da autogestão e do empreendedorismo.

Fonte: Arquivo das autoras (2022).



Bazar de trocas, entre os alunos da turma 21.

Samila Beatriz Weber

Graduada em Gestão de Recursos Humanos e Pós-graduada em Metodologia da Educação Infantil e Séries Iniciais, EMEF Emílio Vetter. Professora.

Gildane Furtado Pereira

Curso Normal - Magistério, EMEF Emílio Vetter. Auxiliar de ensino.

Abraçamos então a ideia de que “Não se pode pensar numa cultura para a solidariedade sem a formação para a sensibilidade” (GADOTTI, p. 45), propomos uma atividade em que as crianças pintassem “espaços de abraço” por todo o ambiente escolar. As crianças desenvolveram a sensibilidade para valorizar a diversidade e o respeito ao próximo. A iniciativa gerou resultados emocionantes, com os alunos aguardando ansiosamente por abraços calorosos e estendendo essas demonstrações de afeto a diferentes membros da comunidade escolar. Neste momento, nos tornamos detetives mais sensíveis.

Compreendendo melhor a economia solidária e o quanto suas ações impactam o mundo em que vivem, e com a mudança de estação se aproximando, promovemos a doação de peças de roupas. As crianças perceberam que poderiam trocar roupas entre si, agindo em prol do meio ambiente e reduzindo, mesmo que simbolicamente, o consumo. Para colocar nosso projeto em prática, contamos com o apoio das famílias, que desempenharam um papel fundamental no sucesso do nosso plano, separando em casa várias doações e enviando para a escola.

No dia do evento, havia uma grande agitação. As crianças já imaginavam para qual amigo gostariam de dar cada peça, considerando tanto o gosto quanto o tamanho do colega. Organizamos a sala como uma loja, semelhante às que ficavam próximas de suas casas, e começou a troca. Elas experimentaram, trocaram, refizeram as trocas e, durante esse processo, perceberam que não trocariam apenas entre pares, sentindo-se motivadas a

dar algo em troca, de maneira espontânea. Naquele momento, utilizaram os abraços como moeda social. Naquele dia, nos tornamos detetives da solidariedade e cooperação.

Essa experiência proporcionou momentos enriquecedores para os alunos, despertando neles um olhar crítico para as práticas de consumo, a valorização dos recursos naturais e a importância da solidariedade. Ao final dessa jornada, os Detetives da Escola Azul se transformaram em agentes da solidariedade, cooperação e sensibilização para as questões socioambientais, produzindo propagandas do bem e compartilhando com os colegas.

Fonte: Arquivo das autoras (2022)



Pinturas de espaços para distribuição de abraços.

Referências

GADOTTI, Moacir. **Economia solidária como práxis pedagógica**. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2009.

Ninguém é tão bom quanto todos nós juntos

Todos somos importantes em nossas vidas, assim como nós também somos importantes na vida de alguém.

A turma 42, iniciou o ano letivo de 2023 com o projeto “Ninguém é tão bom quanto todos nós juntos”. Esse projeto surgiu a partir da necessidade de propiciar a todos educandos um ambiente saudável e acolhedor. A escola é vista como um espaço de encontros entre os sujeitos e cultura, possibilitando o convívio entre todos, desenvolvendo um sentimento de pertencimento, e não só um lugar para estudar,

mas para se encontrar, conversar, brincar e socializar. Segundo o mestre Paulo Freire:

“Escola é... o lugar onde se faz amigos, [...] gente que trabalha, que estuda, que se alegra, se conhece, se estima. [...] e a escola será cada vez melhor na medida em que cada um se comporte como colega, amigo, irmão. [...] nada de ser como o tijolo que forma a parede, indiferente, frio, só. [...] numa escola assim vai ser fácil estudar, trabalhar, crescer, fazer amigos, educar-se, ser feliz.”² (Paulo Freire, poesia do educador)

Fonte: Arquivo da autora (2023).



Alunos da turma 42 fazendo uma meditação.

Fátima Cristina da Silva

Pedagogia, Pós-graduação em Educação Especial com ênfase em estimulação precoce, EMEF Esperança. Professora.

Larissa Martins

Estudante de magistério, EMEF Esperança. Bolsa auxílio.

Através de rodas de conversas surgiram os questionamentos sobre a importância e valorização de todos, pois mesmo sendo diferentes, cada um representa sua individualidade.

Segundo Machado (2003, p.21), “a cultura é algo que pertence a todos e que nos faz particulares de ideias e objetivos comuns”.

Os alunos sentiam-se envolvidos com as propostas e situações que foram desenvolvidas em sala de aula, com isso, organizamos uma palestra com uma psicóloga, e o tema proposto foi a importância do autocuidado. Todos ficaram entusiasmados e tiveram uma escuta atenta e, ao mesmo tempo, foram interagindo e tirando suas dúvidas.

Confeccionamos uma colcha de retalhos, com pedaços de tecidos trazidos pelos alunos. Após pronta, fizemos uma conversa sobre a importân-

cia e a cooperatividade de cada aluno na realização. Apropriando-se da motivação dos alunos, fizemos um pote de mensagens de otimismo, onde cada um leu o que retirava do pote, para toda turma, após fazíamos uma reflexão do mesmo. Foram confeccionados relógios com o seguinte dizer: “Você é muito importante, lembre-se disso!”, no qual cada aluno utilizou o seu durante a aula. Nem todos os dias estamos bem, mas, para nos mantermos equilibrados, encontramos na meditação uma prática para resgatar o equilíbrio e promover a concentração e o autoconhecimento. Esta técnica permite olhar para si e refletirmos sobre o momento presente.

Ao longo das propostas, foi possível observar nas crianças as emoções e desejos em mostrar suas descobertas, procurando desenvolver um ambiente agradável e acolhedor a todos, enfatizando assim, a importância de cada um em nossa turma.

Fonte: Arquivo da autora (2023).



Alunos da turma 42 com relógios: Você é importante!

Referências

D’MASCHIO, Ana Luísa. **7 Benefícios da meditação**. Disponível em: <https://porvir.org/pause-reorienta-avalie-7-beneficios-da-meditacao-na-sala-de-aula/>

MACHADO, M. M. **O brinquedo-sucata e a criança**. Edições Loyola, 2003

FREIRE, Paulo. **A escola (poesia)**. Disponível em: <https://www.rizoma-freireano.org/poema0808/a-escola-paulo-freire>

Nosso corpo, nossas vivências: conhecer para melhor escolher

Trabalhar para conhecer, desenvolver e aprimorar nossas habilidades motoras, reconhecendo aspectos físicos de cada criança, é assunto que está no dia a dia de todos os professores. Este ano, paralelamente às aulas de Educação Física ministradas na EMEF Genuíno Sampaio, iniciamos o projeto intitulado “Isso pode?”. O projeto tem como um de seus objetivos aprender sobre a diversidade cultural presente na escola, respeitando as diferentes características físicas, sociais, socioeconômicas e gastronômicas da comunidade escolar.

Nessa perspectiva, o projeto foi pensado a partir dos diferentes e recorrentes questionamentos em relação aos lanches trazidos pelas crianças da escola, (se era saudável, se tinha muito açúcar, se lanche saudável são somente frutas, a relação entre o excesso de peso e os lanches que a criança costuma trazer, quais são os de maior e menor valor e) partir dessas indagações, as diferenças físicas, econômicas e culturais também foram apontadas. Segundo FREITAS (2011), a escola é um local onde as contradições sociais se manifestam e, conseqüentemente, convertem-se em um dos cenários do multiculturalismo. As diferentes culturas estão presentes neste ambiente e a convivência entre as múltiplas culturas existentes é importante no contexto em que estamos tratando.

Começamos então questionando a classificação dos alimentos e “o corpo saudável”. Todas as turmas vivenciaram propostas que permeiam este assunto, tais como: compras e classificação dos alimentos a partir do conhecimento de cada um; hora do conto com o livro “O corpo humano

é uma casa”; confecção de um livro de receitas, onde cada família pode compartilhar uma receita de um lanche prático e saudável que a criança costuma trazer; desafio de experimentar uma fruta, salada ou legume que nunca provou, ou que já provou em algum momento, mas não gostou e registrar para compartilhar nas redes sociais marcando a escola, realizar um bate papo com as nutricionistas da rede, para esclarecer algumas dúvidas em relação ao cardápio oferecido na merenda escolar e outras que estão surgindo no decorrer das atividades.

Fonte: Arquivo da autora (2023).



Imagem das produções dos alunos da turma Pré 2 reproduzindo o corpo humano a partir da história “O corpo humano é uma casa”.

Fernanda Marcolan

Especialista em docência no Ensino Superior, graduada em Educação Física, EMEF Genuíno Sampaio. Professora

Já no que se refere ao corpo saudável, percebemos que apontamentos em relação ao condicionamento físico foram destacados, principalmente nas turmas de terceiro, quarto e quinto ano. As turmas de pré 1 e pré 2 trouxeram as diferenças físicas com leveza e admiração, comentando a beleza dos colegas e realizando comparações como cor de cabelo, tamanho das mãos e dos pés. Como proposta para os menores, separamos as turmas em duplas e as duas crianças contornaram o corpo do seu colega e, após escutar a história, completaram este contorno com os órgãos e algumas características suas.

As propostas estão sendo pensadas, planejadas e realizadas conforme o andamento das aulas e, cada fala, cada observação é considerada e aproveitada para ser utilizada como meio facilitador para promover discussões referentes ao projeto. Dessa forma, como nos mostra (CERQUEIRA, 2006), a escola precisa ser um ambiente propício para a produção de sentido e assim proporcionar aos sujeitos, partindo das aquisições das representações simbólicas já existentes, para a construção de novas representações e assim promover assimilações e estabelecer as relações entre o que já era conhecido e os novos saberes.

É importante conhecer, reconhecer e compreender nosso corpo para que o respeito, a empatia nas diferenças entre nossos pares sejam apenas simples aspectos constituintes de um ser humano. Que em nosso presente e futuro, a essência das pessoas sejam as características a serem consideradas nas escolhas

do grupo social que seremos pertencentes e sim, é desde sempre e também no ambiente escolar que precisamos conduzir nossas crianças na aprendizagem da diversidade, apresentando as diferentes culturas, as diferentes características, as diferentes opiniões, pensando que cada um tem a sua bagagem a ser considerada e respeitada.

Fonte: Arquivo da autora (2023)



Imagem da capa do livro produzido coletivamente pela comunidade escolar.

Referências

CERQUEIRA, Teresa Cristina Siqueira. **O professor em sala de aula: reflexão sobre os estilos de aprendizagem e a escuta sensível.** Psic, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 29-38, jun. 2006. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-73142006000100005&lng=pt&nrm=iso. acessos em 23 jun. 2023.

FREITAS, Fátima Silva de. **A diversidade cultural como prática na educação.** Curitiba: Ibpx, 2011.

Doação de órgãos e tecidos

Doe vida, seja doador de órgãos e tecidos

No mês de março de 2022, a turma 51 da EMEF Lúcia Mossmann iniciou o projeto intitulado: “Doação de Órgãos e Tecidos. Doe Vida, seja doador de órgãos e tecidos”.

A ideia do projeto surgiu a partir da fala de um aluno, que relatou que o irmão precisou realizar um transplante de medula óssea e contou um pouco para a turma sobre o procedimento. Os alunos se interessaram pelo assunto e resolveram, em conjunto, pesquisar sobre a doação de órgãos e tecidos.

Foram realizadas diversas atividades que proporcionaram aos alunos maior en-

tendimento e clareza sobre o tema. Dentre as ações promovidas, foram elaborados cartazes referentes ao assunto e os alunos apresentaram para o restante da turma. Os alunos assistiram vídeos sobre o assunto, um deles com o dr. Cristiano Franke, médico intensivista do HPS – Porto Alegre, que fez um vídeo especial para a turma 51. Outra ação foi que a turma teve uma conversa com a mãe de uma das alunas da turma, juntamente com o filho, visto que ele passou por um transplante de medula óssea. A turma também participou de um momento com a coordenadora

Fonte: Arquivo da autora (2023).



Imagem dos alunos da turma 51 realizando o encontro no Google Meet com a Fundação Ecarta.

Jessica Müller

Pós-graduada em Ensino Lúdico, Graduada em Pedagogia, EMEF Lúcia Mossmann. Professora.

da Fundação Ecarta, Glaci Borges, através de uma chamada de vídeo, conversando sobre transplante de órgãos e tecidos. Em seguida, conversou com a transplantada pulmonar unilateral, Análi Goreti – CB. Para que as hipóteses levantadas pelos alunos pudessem ser investigadas, um questionário com perguntas referentes à doação de órgãos e tecidos foi construído e enviado pelos grupos de WhatsApp, para alunos, familiares/responsáveis e comunidade em geral da cidade de Campo Bom e arredores. Houve também a divulgação do projeto por parte dos alunos da turma 51 nas turmas da EMEF Lúcia Mossmann, no período da manhã e da tarde, juntamente com a entrega de um folder explicativo. Analisando os gráficos atualizados do site da Secretaria Estadual de Saúde - RS, percebemos que as notificações por morte encefálica no estado são em torno de 60 pessoas ao mês e que a maioria dos transplantes não acontece pela negativa familiar. Com isso, surgiu a importância de levar esse tema para a comunidade, para saber como funciona, o que é e a importância da doação para salvar muitas vidas.

O questionário com as perguntas sobre doação de órgãos, citado anteriormente, alcançou 408 respondentes. Notamos que a maioria das pessoas está informada sobre o tema, mas, ainda, tem muitas dúvidas em relação ao processo de doação. Com isso, verificamos que, ainda, há muito a ser estudado sobre o tema e que a população deve ser informada sobre a importância de conversar com seus familiares acerca do assunto. Percebemos a relevância de ser um doador de órgãos e tecidos, visto que uma pessoa pode salvar de oito a dez vidas. Também compreendemos a importância de alertar as pessoas, pois, na maioria dos casos, os familiares não têm conhecimento de como funciona o processo. Dessa for-

ma, acabam não doando e deixando de salvar várias vidas. Nosso objetivo foi informar os alunos e a comunidade escolar da importância de ser um doador de órgãos. É preciso entender como funciona esse processo, fazer esse gesto de amor, empatia e carinho ao próximo, deixando nosso pedacinho de amor na Terra para as pessoas que ficam.

A oportunidade de realizar o projeto Doação de Órgãos e Tecidos foi única e inesquecível tanto para os alunos como para a professora, os familiares e a comunidade, que se engajaram de forma efetiva e participativa durante a realização do projeto. É um tema que mexe com nossos sentimentos, nos move e nos sensibiliza a divulgar e a conscientizar as pessoas, já que, para os que estão tanto tempo lutando para viver, pode ser a única esperança de vida e também a oportunidade de um recomeço.

Fonte: Arquivo da autora (2023).

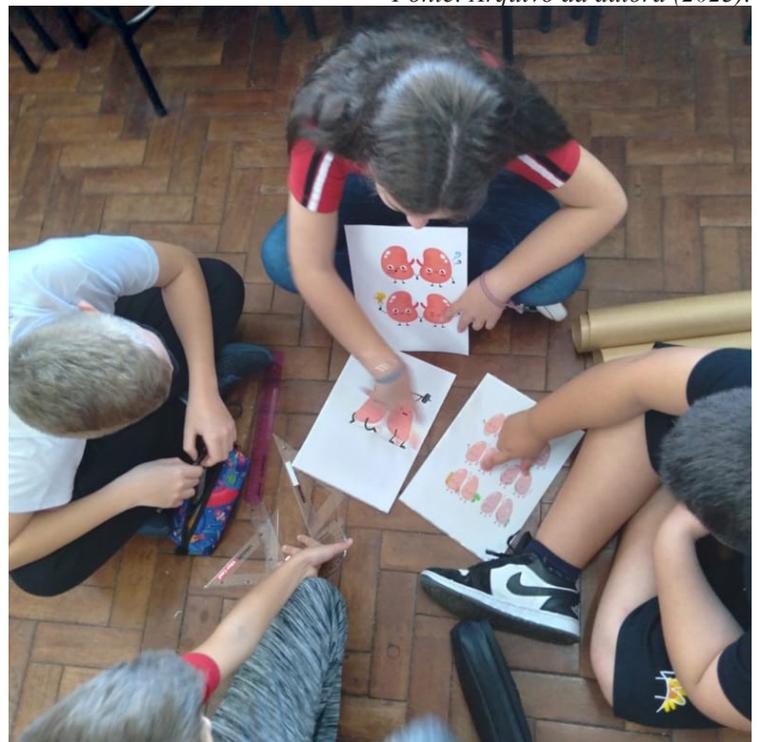


Imagem dos alunos da turma 51 confeccionando os cartazes para apresentação para turma.

Grupo de Arte Marcos Silvano Vieira

Através da escuta dos alunos, foi identificado o desejo de transformar a escola em um ambiente mais acolhedor e alegre, onde eles pudessem reproduzir suas habilidades artísticas em diversos espaços da escola. Este movimento de arte na escola, nos faz reforçar uma série de benefícios que a arte desenvolve desde o uso das cores, que têm um grande impacto no ambiente escolar, pois podem afetar o humor, o comportamento e a produtividade dos alunos. Para acolher este desejo, foi criado o Grupo de Arte Marcos Silvano Vieira, que teve início em agosto de 2022, no contraturno escolar, com alunos do 7º ao 9º ano, con-

tinuando no ano de 2023.

A arte, isto é, as imagens e eventos cujas propriedades fazem brotar formas estéticas de sentimentos são um dos importantes meios pelos quais as potencialidades da mente humana são trazidas à tona. Nossas capacidades intelectuais tornam-se habilidades intelectuais à medida que damos a estas capacidades oportunidade de funcionar: o tipo de raciocínio necessário para vermos o que é sutil e complexo, para aprender como perceber as formas de maneira que suas estruturas expressivas toquem nossa imaginação e emoção; para tolerar as ambiguidades enigmáticas da arte. (EISNER, apud BARBOSA, 2008; p.91)

Fonte: Arquivo da autora (2023).



Início e finalização da arte na parede lateral da escola.



Adeneide Tatiana Zimmer

Pós-graduada em Psicopedagogia. Graduada em Ensino da Arte na Diversidade. EMEF Marcos Silvano Vieira. Professora de Arte.

Os encontros acontecem semanalmente, nas quintas-feiras. Começa com um momento onde os alunos fazem um mapeamento dos espaços da escola, após isso discutem ideias a serem realizadas. Em seguida, apresentam à equipe diretiva, onde se define o espaço e o que será feito. Os alunos possuem autonomia para expressar suas habilidades artísticas utilizando recursos disponíveis na escola. Também, o grupo trabalha em conjunto com as comissões das datas comemorativas, auxiliando na decoração dos espaços e personalizando nosso mural de entrada da escola com desenhos fazendo referência a data a ser comemorada.

A arte é representação do mundo cultural com significado, imaginação; é interpretação, é conhecimento do mundo; é expressão de sentimentos, da energia interna, da efusão que se expressa, que se manifesta, que se simboliza, é fruição. Ao mesmo tempo, é um conhecimento elaborado historicamente, que traz consigo uma visão de mundo, um olhar crítico e sensível, implicado no contexto histórico, cultural, político, social e econômico de cada época. (UJIE, 2013, p. 11).

Enfim, o grupo de arte na escola desempenha um papel crucial no desenvolvimento global dos alunos e de acordo com Isabella Henckes de Mello, uma das alunas participantes: “A criação do projeto foi uma ideia maravilhosa, porque finalmente pudemos expressar nossa criatividade através da arte. A arte tem o poder de transformar e inspirar, e esperamos poder continuar a despertar a sensibilidade, criatividade e expressão artística em nossos colegas, contribuindo para um futuro mais rico e colorido, da escola para o mundo”.

Fonte: Arquivo da autora (2022/2023).



Alguns trabalhos realizados.

Referências

EISNER, Elliot. *Estrutura e Mágica no Ensino da Arte*.

Arte-Educação: Leitura de Subsolo. (org.) 7ª. Ed. São Paulo: Cortez, 2008. p. 79-96.

UJIE, Nájela Tavares. *Teoria e Metodologia do ensino da arte* – Guarapuava – UNICENTRO - 2013.

Salgadinho na escola

A alimentação saudável é de extrema importância para o desenvolvimento humano, a infância é uma das fases da vida onde incluímos bons hábitos alimentares por meio das interações significativas, observações e experimentações. Nas escolas municipais de Campo Bom, possuímos um cardápio nutricional adequado a cada faixa-etária dos estudantes, priorizando sempre a oferta de alimentação saudável dentro das escolas. Diante disto, os alimentos trazidos de casa pelos estudantes, para que sejam consumidos no momento do lanche, também seguem orientações nutricionais e não são permitidos o consumo de alimentos não saudáveis dentro das escolas, como por exemplo chocolates, doces, frituras, salgadinhos, bolachas recheadas, refrigerantes, entre outros.

Atualmente, sou professora da turma Pré 1 e 2, onde diariamente é ofertado aos estudantes o lanche escolar, sendo que os mesmos também

podem consumir, neste momento, o lanche que trouxeram de casa, mas os alunos são orientados e incentivados a consumir alimentos saudáveis. Em abril, ocorreu um fato significativo durante a aula, estávamos no momento do lanche, quando entendemos que os alunos da turma possuíam hipóteses de que somente alimentos doces não eram saudáveis, e portanto, tudo que fosse “salgado” seria saudável.

Isto ocorreu quando neste dia, dois colegas trouxeram para a escola salgadinho para comer no lanche, alimento este que não é permitido o consumo na escola. Diante deste fato, iniciamos uma conversa sobre alimentação saudável, na qual surgiu o questionamento de uma aluna, que perguntou “Pôfe, mas se o salgadinho é salgado porque ele não é saudável?” (E, 4 anos) e outra aluna completou: “O arroz é salgado, ele é saudável ou não?” (C, 5 anos).

Fonte: Arquivo pessoal da autora



Indianara Quadros dos Santos

Graduada em Pedagogia. Pós-graduada em Alfabetização e Letramento. EMEF Marquês do Herval. Professora.

A partir desta curiosidade dos alunos, levantamos a seguinte questão: Por que o salgadinho não é saudável? Todas as respostas trouxeram a mesma hipótese, de que o salgadinho faz mal para a saúde e por isso não é saudável, mas por quais fatores ele faz mal? E os alunos não tinham hipóteses sobre este problema. Então decidimos que iríamos estudar a alimentação saudável como tema de estudos para a FIC (Feira de Iniciação Científica) visando entender quais fatores tornam o salgadinho um produto/alimento prejudicial à saúde.

O projeto foi desenvolvido com o objetivo de sensibilizar um olhar para a alimentação saudável dos alunos, melhorando esta prática durante o lanche escolar, fortalecendo os hábitos alimentares saudáveis. Através de uma abordagem lúdica, momentos de conversa, pesquisa em recursos digitais, classificação de alimentos saudáveis permitidos no lanche da escola, registros de acompanhamento e um bate-papo com a nutricionista do município.

Como o projeto tinha o salgadinho como fator principal, queríamos entender quais motivos tornam este um produto/alimento não saudável, e sem a permissão dentro do cardápio escolar municipal. Os alunos aprenderam que o salgadinho é um produto industrializado, ultraprocessado, com altos índices de sódio e gordura, sendo assim não aconselhado para o consumo em excesso.

Após entender que não são somente os doces os vilões da alimentação e que o excesso de sódio, gordura e açúcar traz prejuízos à saúde, pensamos em elaborar uma receita de salgadinho saudável, podendo assim ser consumido na escola. Você pode conferir a receita que fizemos acessando o QRCode nesta página.

Nomeamos o projeto com o título “Salgadinho na escola”. Os estudantes demonstraram empenho

durante o desenvolvimento do projeto, analisaram o que estavam trazendo de casa, experimentaram algumas frutas e verduras que não faziam parte dos seus hábitos alimentares. Este projeto não se encerra aqui, seguiremos o ano de 2024 com este foco, propor um olhar sensível para a alimentação saudável dos alunos, fortalecendo os hábitos alimentares saudáveis dentro e fora do ambiente escolar.

Fonte: Arquivo pessoal da autora



Referências

<https://youtube.com/shorts/VwrvOYc5U6o?si=pXEeP0pI2ptOSer9>



Problemas ambientais no bairro Morada do Sol: o que eu tenho a ver com isso?

No ano de 2022, a turma 61 da Escola Municipal de Ensino Fundamental Morada do Sol pesquisou, para a Feira de Ciências, quais seriam os possíveis problemas ambientais no bairro da escola. A turma queria saber se os moradores do bairro identificavam algum problema ambiental na comunidade. Os educandos do sexto ano tinham por finalidade conscientizar os moradores sobre os seus problemas ambientais, a partir dos problemas que eles mesmos identificaram, através de um formulário de perguntas, elaborado via Google Forms.

Como o saber ambiental estabelece uma relação entre realidade, conhecimento e ação, os alunos queriam ajudar os moradores do bairro na autoconscientização de suas questões ambientais. O saber sobre o meio no qual estamos inseridos proporciona novas possibilidades de se relacionar com o seu entorno, a partir do entendimento dos seus problemas, provocados pela ação humana.

A pesquisa para a Feira de Ciências foi desenvolvida a partir das aulas sobre o meio ambiente, na disciplina de Ética e Cidadania. Inicialmente, algumas pesquisas foram realizadas no Laboratório de Informática da escola, com o objetivo de reunir informações sobre o que são problemas ambientais, bem como quais podem ocorrer em um país e em uma cidade. Após discussões e reflexões, os alunos desenvolveram um formulário no Google Forms, no qual 7 perguntas sobre possíveis problemas ambientais no bairro Morada do Sol foram elaboradas. Os assuntos para elaboração das questões foram: problema ambiental,

problema de alagamento, desmatamento, lixo na rua e crise hídrica.

Com a pesquisa, os alunos da turma 61 concluíram que existem alguns problemas ambientais no bairro. Constatou-se que, entre esses problemas, estão alagamento, desmatamento, crise hídrica e existência de lixo nas ruas. Com isso, conclui-se que os moradores reconhecem e identificam os problemas do bairro.

Em uma perspectiva evolucionista darwinista, tendo por base o livro “Sapiens, uma breve história” do professor da Universidade Hebraica de Jerusalém, Yuval Noah Harari, a busca pelo conhecimento e entendimento do território no qual se vive é vital não apenas para a sobrevivência, mas também para a prosperidade e adaptação. Os problemas ambientais locais impactam de forma direta a vida dos habitantes.

Fonte: Reprodução Facebook da escola (2022).



Mural para fotos na Feira.

Cezar de Oliveira Neto

Licenciado em História, EMEF Morada do Sol. Professor de História Anos Finais.

O trabalho de pesquisa em sala de aula é sempre um desafio que vale a pena ser encarado. Em um contexto histórico, no qual a possibilidade do acesso às informações é fácil, sobretudo devido à internet, a construção do conhecimento acaba sendo desconsiderada, uma vez que o suposto saber já vem respondido no Google. Ainda que o aluno tenha facilidade ao acesso à informação, ele precisa saber construir o saber pela pesquisa, bem como saber que o saber científico humano, que tem mais ou menos 500 anos de existência, possui etapas para alcançá-lo. Essas etapas surgiram de forma lenta e gradual, em meio a disputas políticas e perseguições religiosas, a partir do século XVII.

Para que a construção do conhecimento seja significativa, o aluno deve ter participação ativa no processo de ensino-aprendizagem. Desta forma, a Feira de Ciências requer maior engajamento e participação dos educandos, que devem estar cientes de que produzir conhecimento, especialmente na educação básica, requer planejamento, problematização da realidade por meio do diálogo, busca por diferentes estratégias de ensino que possibilitem aquisição do conteúdo, bem como transformar informações

em conhecimento.

Diante da Era da Informação, mastigada e instantânea, nós, professores, devemos mostrar a importância da Feira de Ciências na escola, assim como possibilitar em nossos alunos o letramento científico e instigá-los a entender que o saber científico não é uma verdade absoluta ou dogma que não pode ser questionado, mas que é uma forma de saber, com método, cujo objetivo é qualificar e preservar a vida em sua complexidade e individualidade. Neste sentido, a alfabetização científica surge como um elemento essencial no processo educacional.

Ciência se refere a conhecimento humano refletido, produzido ou com método. O aluno precisa saber que a saga humana na Terra é uma jornada com centenas de milhares de anos. Com esse cérebro produzimos conhecimento, aumentando nossa expectativa de vida, deixando a vida mais confortável, produzindo remédios, aliviando dores, com o saber científico somos a espécie mais letal da Terra. O aluno, através da Feira de Ciências, precisa saber, sentir e entender a potência dessa frase curta, mas complexa: Conhecimento é poder!

Fonte: Reprodução Facebook da escola (2022).



Apresentação dos alunos na Feira.

Choveu, que cheiro é esse?

Você já sentiu um odor estranho que surge quando chove depois de um grande período de estiagem, especialmente em áreas com muita terra, onde o solo consegue absorver bem a umidade? Então, o cheiro da chuva sempre nos cativou e, a partir dessa curiosidade, a turma 41, da EMEF Octacílio Ermindo Fauth estudou como se dá esse fenômeno e de onde vem esse cheiro. Na década de 60, os cientistas nomearam o cheiro da chuva como petricor e, atualmente, os grandes perfumistas buscam por reproduzir em laboratório esse aroma, o qual é tão fascinante para nós humanos e até para os colêmbolos, seres minúsculos que vivem no solo e que buscam por esse cheiro embaixo das folhas caídas pelo chão úmido.

Acreditamos que o cheiro da chuva sempre foi percebido pelos bilhões de seres humanos que vivem no planeta Terra, porém sentimos a necessidade de saber de fato de onde vem este cheiro tão fascinante que sobe como uma fragrância dos deuses após um evento de chuva. O presente estudo nos leva a reflexão e constatação de que a chuva pode e está no nosso imaginário, porém há ciência envolvida nesse processo, e a turma 41, se apossando das ferramentas e instrumentos que tinham, foram em busca de respostas para o seu problema de pesquisa.

O presente trabalho foi desenvolvido de março a agosto de 2022, sendo que uma das primeiras ações da referida pesquisa consiste no cartaz colocado no mural da sala para a escolha do tema. Tal escolha se deu através de discussão acerca de vários assuntos pro-

postos e por eliminação chegamos à curiosidade maior da turma: de onde vem o cheiro da chuva?

Em seguida, a professora confeccionou um novo cartaz onde descrevemos nossa caminhada, bem como tudo o que era pesquisado e, além disso, fizemos nosso cronograma. O cronograma foi realizado em sala de aula e “alimentado” semanalmente pelas inquietações que a pesquisa vinha gerando nos alunos durante as idas ao LIE (laboratório de informática estudantil).

Fonte: Arquivo da autora(2022)



Exposição na Mostratec Júnior /2022

Débora Noemi Rosa Silva dos Santos

Pós graduada em Neurociências e Ensino Religioso, EMEF Octacílio Ermindo Fauth. Professora.

Os horários agendados no LIE nortearam de forma substancial nossa pesquisa. Com os vídeos e leituras realizadas, conseguimos, no decorrer da semana, esmiuçar os conhecimentos apreendidos e transformá-los em respostas para nossas dúvidas. Já a elaboração do questionário e a aplicação do mesmo nas turmas da EMEF Octacílio Ermindo Fauth, foi crucial para os caminhos que nossa pesquisa seguiu e sendo assim, a elucidação do problema e da hipótese que geraram tantas reflexões. Criando na turma começos e recomeços na análise dos dados obtidos e no aprofundamento da pesquisa.

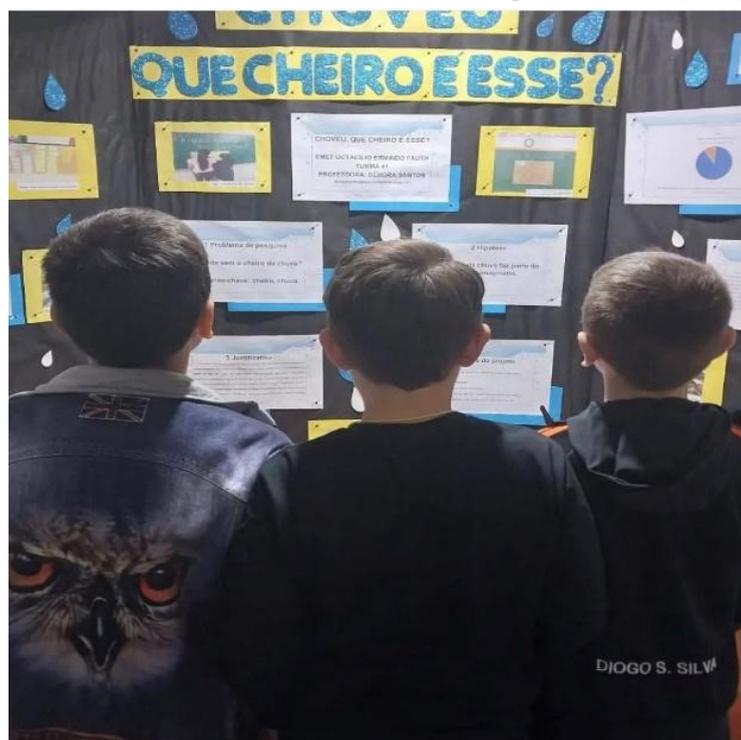
Quando iniciamos a escrita do projeto, a professora trouxe o passo a passo de um trabalho de pesquisa, para que pudéssemos nos apropriar de todo o caminho que teríamos que percorrer. Nesse momento, aproveitando nossos conteúdos e eixos temáticos da proposta curricular do 4º ano do ensino fundamental, aproveitamos para estudar verbos, ortografia, gramática, vocabulário, direitos autorais, habilidades do DOCM – Documento Orientador Curricular Municipal – do componente Ciências, tal como a água, ciclo da chuva, entre outros.

Cabe salientar que maquetes, busca ativas pelo pátio da escola, passeio pedagógico ao CEMEA – Centro Municipal de Educação Ambiental, foram realizadas para que os alunos vivenciassem o assunto, buscando por qualidade discente e gerando conhecimento a cada nova atividade.

Estudando e pesquisando, vimos que nossa hipótese não se confirmou, pois o cheiro da

chuva não está no imaginário popular e sim, é um processo químico. Nosso problema de pesquisa foi respondido, hipóteses e objetivos obtiveram resultados que nos levaram a buscar por mais conhecimento. Estamos satisfeitos com nosso projeto e ansiosos por mais uma chuva-rada de água e conhecimento, afinal como pode ser tão maravilhoso o cheiro da chuva, você não concorda?

Fonte: Arquivo da autora(2022)



Alunos conferindo o display

Referências

- <https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2018/08/12/por-que-o-cheiro-da-chuva-e-tao-bom.ghtml>
- <https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/Meio-Ambiente/noticia/2018/08/por-que-conseguimos-cheirar-chuva.html>
- <https://www.todamateria.com.br/esporos/#:~:text=Os%20esporos%20s%C3%A3o%20estruturas%20pequenas,serem%20deslocados%20por%20grandes%20dist%C3%A2ncias.>
- <https://www.youtube.com/watch?v=JiXVIGL7faA>

Campo Bom: um patrimônio de todos!

Com a Feira Literária se aproximando, a comissão organizadora delimitou o tema do ano a ser trabalhado: o respeito. Para introduzir o assunto e ter a ideia de alguns conhecimentos prévios dos alunos, lançamos a pesquisa como tema de casa: O que é respeito?

Muitas foram as respostas trazidas pelos alunos, algumas retiradas da internet, outras escritas através de palavras adultas e poucas com as palavras dos alunos a partir do seu entendimento sobre tal tema. O que chamou a atenção é que a maioria das respostas trazia a questão de respeito ao outro como pessoa, mas não a algo.

Com essa observação e remetendo aos temas já trabalhados em sala, os alunos foram convidados a refletir sobre a questão de respeito e pertencimento aos espaços frequentados como: a escola, o bairro habitado, os locais de assistência, etc. Alguns logo nomearam o prefeito como dono de tais localidades e uma grande minoria se identificou como pertencente à população. Tamanha admiração se percebeu em alguns rostinhos que não entenderam nada sobre serem donos da escola, do bairro e de tudo que for público.

Percebendo o interesse da turma pelo assunto, trabalhamos a Lei nº 4.717/1965 que define patrimônio público como: “o conjunto de bens e direitos de valor econômico, artístico, estético, histórico ou turístico.” (BRASIL, 1965) Também estudamos o CAPÍTULO III do Código Civil (2002), que dispõe sobre os Bens Públicos e define que são considerados patrimônios públicos os bens materiais como edifícios, sedes de serviços públicos, postos de saúde, escolas ou até mesmo praças e monumentos, assim como os bens de uso comum do povo, como rios, mares, estradas, ruas

e praças. Além destes, também podem ser incluídos bens imateriais, como valores históricos, éticos e econômicos.

Realizamos uma visita ao site da prefeitura para compreendermos a formação da gestão pública, a cada novo conhecimento os olhos brilhavam. Fomos à biblioteca de nossa escola para descobrir o que havia nos livros sobre os patrimônios da nossa cidade e dois livros chamaram muito atenção da turma: “Campo Bom: um lugar para ser feliz” e “Costurando memórias dos bairros: Narrativas sobre Campo Bom.”

Fonte: Arquivo da autora (2023).



Imagem da apresentação das maquetes.

Karina Bueno Cortelette

Especialista em Educação Inclusiva, Graduada em Pedagogia, EMEF Presidente Vargas. Professora.

Com base nestes livros, realizamos um trabalho, no qual os alunos, juntamente com suas famílias, foram convidados a realizar uma pesquisa sobre um ponto de referência histórico ou turístico do nosso município que tenha feito ou faz parte da cultura e história da família, seja através de vivências passadas ou atuais. A pesquisa poderia ser registrada através de texto, imagens ou fotos. Para concluir, a família deveria construir uma maquete deste espaço sendo ela apresentada pelo aluno juntamente com a pesquisa e exposta na feira literária.

O grande dia da apresentação chegou, as maquetes foram apresentadas pelos alunos, os quais se mostraram totalmente envolvidos no trabalho ao reproduzir oralmente sua apresentação. Assistindo às apresentações, foi possível perceber grande envolvimento e encantamento dos alunos. Algumas

famílias visitaram os lugares envolvidos e registraram esse momento através de fotos, que foram dispostas no corpo do trabalho de pesquisa. As maquetes ficaram completas e encantadoras. Algumas famílias escolheram locais que fazem parte de suas próprias histórias, unindo memórias e lugares.

O objetivo do trabalho foi plenamente atingido, percebemos que tudo que é vivenciado pelos alunos torna-se mais relevante aos mesmos e a parceria escola x família traz um significado e uma importância indiscutível aos trabalhos desenvolvidos pela escola. Com o fechamento das apresentações, ficou clara a importância da preservação do patrimônio histórico e a relação com a construção da memória coletiva, pois é por meio dela que nos guiamos para compreender o passado, o comportamento de determinados grupos sociais, cidades e até nações.

Fonte: Arquivo da autora (2023).



Imagem da exposição das maquetes da turma 31.

Referências

BRASIL. Lei Nº 4.717, de 29 de junho de 1965. Regula a ação popular. Brasília, 29 de junho de 1965.

BRASIL. Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002. Institui o Código Civil. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, ano 139, n. 8, p. 1-74, 11 jan. 2002.

Memórias das águas: resgatando a história do Rio dos Sinos em nosso município

A ideia de estudarmos sobre as memórias do Rio dos Sinos surgiu durante uma aula de História, na qual surgiram curiosidades sobre o município e, com a empolgação sobre o assunto estudado, uma das alunas da turma sugeriu que o nosso projeto fosse sobre algo da história da nossa cidade. Desta forma, o projeto foi pensado, desenvolvido e executado pela turma 41, no ano de 2022, com a professora titular Daiane, em parceria com a professora Lilian, do Laboratório de Informática Educativa. Os alunos, na grande maioria, residem na localidade e em bairros bem próximos à Barrinha e, então, começamos a desbravar a história do nosso rio resgatando as suas memórias afetivas.

Resgatar memórias por meio das histórias de seus moradores, e pelos próprios acontecimentos locais, passou a ser objeto de estudos e curiosidades da turma. Para Bittencourt (2004, p. 168), “a memória é, sem dúvida, um aspecto relevante na configuração de uma história local tanto para historiadores quanto para o ensino”.

Algumas curiosidades que embasaram nossas pesquisas giravam em torno de qual era a função do rio antigamente, por que o rio é tão importante para Campo Bom e como acontecia a travessia no passado. Durante o desenvolvimento do projeto, entre outras atividades, realizamos uma caminhada pelo bairro observando os banhados e suas verdadeiras funções, deslocando-nos até a ponte do bairro para vermos as estacas de medições e a poluição perceptível

que existe no entorno. Para tornar nosso projeto ainda mais significativo para nossa turma e comunidade, convidamos moradores do bairro que também eram familiares de alunos, para compartilharem conosco suas vivências e experiências com o rio.

Fonte: Arquivo das autoras



Alunos pesquisando no Laboratório de Informática Educativa.

Daiane Santos Makoski

Formada em Magistério, EMEF Princesa Isabel. Professora titular do 4º ano.

Lilian Cristina Müller

Pós-Graduada em Gestão Escolar, EMEF Princesa Isabel. Professora do Laboratório de Informática Educativa.

Ao receber a visita do senhor Agenor Reis dos Santos, o observador do nível do Rio dos Sinos em Campo Bom, podemos entender como funciona a medição do nível do rio e quais os procedimentos que precisam ser seguidos após efetuar as medições do dia. Ele nos contou que antes de ser construída a Ponte Walter Kauffmann, inaugurada em 3 de outubro de 1968, todo o transporte de mercadorias, principalmente de tijolos e telhas, veículos e pessoas, era realizado numa barca sustentada por um cabo de aço que ligava um lado ao outro do rio.

Também contamos com a visita do senhor José Carlos Martins da Silva, que nos trouxe um pouco das suas lembranças afetivas relacionadas com o rio e, no seu relato, o que ficou marcado foi a qualidade da água, pois ele destacou que quando eram crianças, brincavam bastante no rio e podiam beber a água direto dele, sem medo de ficarem doentes, pois não havia poluição como nos dias de hoje. Ele nos contou, com muita emoção, que no dia da inauguração, houve uma grande festa, com churrasco, reali-

zada pela comunidade. Segundo ele, a ponte era muito esperada pelos moradores, pois facilitaria muito a travessia e poderiam passear e ver os parentes com mais frequência.

Os alunos puderam verificar que, ainda hoje, a água é cristalina na nascente do Rio dos Sinos, no município de Caraá, utilizando as ferramentas tecnológicas disponíveis para pesquisar sobre a nascente do rio, localizando-a no aplicativo Google Maps, observando o registro de imagens e vídeos. Os alunos percorreram ainda, virtualmente, o trajeto do rio, sendo possível perceber a sua sinuosidade, a presença (ou ausência) da mata ciliar, as cidades pelas quais o rio passa e, ainda, o quanto a poluição vai afetando o rio no seu percurso até o nosso bairro.

Foram longos debates e conversas sobre melhorias que poderiam ser realizadas, confeccionamos panfletos de conscientização que foram entregues à comunidade e colocamos cartazes sobre a importância de cuidarmos do Rio dos Sinos, pois ele é nossa memória viva das águas!

Fonte: Arquivo das autoras



Senhor Agenor (à esquerda) e senhor José (à direita), ambos moradores do bairro relatando suas vivências aos alunos da turma.

Referências

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos.** São Paulo: Cortez, 2004, p.168

Povos indígenas brasileiros: uma abordagem interdisciplinar entre História e Educação Física.

No ano de 2022, os alunos do sétimo ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Rui Barbosa participaram do projeto interdisciplinar sobre os povos indígenas brasileiros, nas disciplinas de História e Educação Física. Neste projeto, conhecemos a história dos povos indígenas no período anterior à colonização portuguesa e durante o período colonial, estabelecendo conexões com os aspectos do presente, especialmente a importância dos povos indígenas para a construção da cultura brasileira.

Iniciamos o projeto através de uma entrevista, na qual os alunos reuniram-se com seus familiares e responderam questões referentes aos povos indígenas brasileiros. Desta forma, diagnosticamos seus conhecimentos em relação ao assunto, facilitando o processo de ensino e aprendizagem. Após isto, visualizamos os documentários “Índios Somos Nós” e “Conheça os esportes curiosos e costumes nos Jogos Mundiais Indígenas”, produzidos pela TV Brasil e pelo Esporte Espetacular durante a primeira edição dos Jogos Mundiais dos Povos Indígenas, em Palmas. Nestes documentários, os próprios indígenas demonstram os principais aspectos culturais das diversas etnias existentes em nosso país, evidenciando sua pluralidade, e as transformações ocorridas em suas culturas (ÍNDIOS SOMOS NÓS, 2016 e CONHEÇA OS ESPORTES CURIOSOS E COSTUMES NOS JOGOS MUNDIAIS INDÍGENAS, 2015).

Nas aulas de educação física, foi apresentado o arco e flecha como um instrumento da cultura indígena utilizado na caça para conseguir

alimentos e esporte nas questões de lazer. Realizamos uma aula prática na qual os alunos vivenciaram uma modalidade olímpica: o tiro com arco. A competição foi disputada individualmente, divididas em rodada classificatória onde cada aluno fez três disparos, a pontuação obtida foi usada para formar as chaves da fase eliminatória na qual o 1º disputa com o último, o 2º contra o penúltimo e assim por diante. Na fase eliminatória, foi feito o combate olímpico, disputa entre dois arqueiros, passando o arqueiro com a maior pontuação até termos o grande vencedor (DE SOUZA, 2016).

Estudamos os conceitos fundamentais sobre o assunto, tais quais a importância dos laços de parentesco entre os indígenas, a sua organização social, a diversidade religiosa, a obtenção dos alimentos, o artesanato, as moradias, e a divisão do trabalho nestas comunidades. Os alunos foram convidados a acessar o site Povos Indígenas do Brasil-Mirim, uma iniciativa do Instituto Socioambiental (ISA). O Instituto Socioambiental é uma Organização da sociedade civil que defende o meio ambiente, o patrimônio cultural, os direitos humanos dos povos indígenas e tradicionais. O site possui material destinado à pesquisa escolar, e apresenta a diversidade cultural dos povos indígenas (RICARDO, 2023).

Com base nos conhecimentos alcançados no projeto foi proposto um menu de atividades, no qual os estudantes puderam escolher aquilo que queriam realizar em relação à cultura indígena. Entre as opções encontravam-se a criação de maquetes relativas às diferentes moradias dos indí-

Henrique Kuplich Azevedo

Mestrado em Biociências e Reabilitação, Especialização em Saúde Coletiva, EMEF Rui Barbosa. Professor de Educação Física.

Eduardo Henrique De Souza

Especialização em Ensino da Filosofia, Graduação em História, EMEF Rui Barbosa. Professor de História.

genas, o preparo de prato indígena, a produção de obra de arte característica de algum povo indígena, a confecção de brinquedos e a aprendizagem de brincadeiras indígenas, a pesquisa e execução de esporte ou jogo indígena, a criação de história em quadrinhos contando sobre a divisão do trabalho entre os indígenas e a produção textual sobre a educação das crianças indígenas.

Cada aluno apresentou suas atividades, mostrando suas produções e explicando o seu processo de criação, além de que, aqueles que escolheram trabalhar com brinquedos, brincadeiras, esportes e jogos, tiveram a possibilidade de rea-

lizar as atividades juntamente com o restante da turma. Tendo em vista que os alimentos consumidos pelos povos indígenas em geral são saudáveis, foi possível degustar os pratos trazidos pelos estudantes, além de que, a própria escola ofereceu pipoca a todos.

Estudar sobre a história dos povos indígenas brasileiros é fundamental para que possamos nos aproximar de nossas raízes, recuperando e reforçando os laços com nossos antepassados. Além disso, é valorizar as origens da cultura brasileira que tem como uma de suas principais origens a contribuição dos povos indígenas brasileiros.

Fonte: Arquivo dos autores AZEVEDO e SOUZA (2023).



Imagem da aluna da turma 73 praticando o tiro com arco e flecha.



Referências

CONHEÇA OS ESPORTES CURIOSOS E COSTUMES NOS JOGOS MUNDIAIS INDÍGENAS. **Esporte Espetacular**. Rio de Janeiro. 2015. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/4578943/>. Acesso em: 26 jun. 2023.

ÍNDIOS SOMOS NÓS. **Tv Brasil**. Palmas. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZecRLbA7H3w&t=11s>. Acesso em :26 jun. 2023.

RICARDO. Fany Pantaleoni. **Quem somos**. Disponível em: https://mirim.org/pt-br/institucional/quem_somos. Acesso em: 26 jun. 2023.

SOUZA. Diego Spader. **Dicionário Olímpico: Tiro com Arco**. 2016 Disponível em: <https://www.dicionarioolimpico.com.br/tiro-com-arco>. Acesso em: 26 jun. 2023

Desenvolvendo habilidades socioemocionais através da crítica ao padrão de beleza

Frente aos desafios contemporâneos, as escolas precisam permitir que as crianças e os adolescentes se tornem mais realizados, capacitados e conscientes e, para isso, é necessário estimular o pensamento crítico, fazer com que os alunos conheçam suas emoções, saibam modulá-las, se mantenham curiosos e entusiasmados, interajam com empatia e respeito, e consigam tomar decisões responsáveis. Assim, fica evidente a importância do desenvolvimento, no contexto escolar, das habilidades socioemocionais (HSE), compreendidas como uma construção mental e reflexiva, com diversas dimensões, que envolvem aspectos emocionais, cognitivos e comportamentais, possibilitando relações saudáveis ao longo da vida (WEISSBERG et al., 2015 apud DAMASIO, 2017).

Ao trabalhar o conteúdo “consumo e cultura globalizada” durante as aulas de geografia, no nono ano do ensino fundamental, foram realizadas práticas reflexivas sobre a influência da mídia e dos padrões de beleza na vida dos adolescentes, desenvolvendo habilidades socioemocionais e as habilidades previstas na BNCC e no documento orientador do município. Durante essas aulas, foram realizadas exposições de situações vivenciadas, para exemplificar quanto ao modo como as pessoas podem ser excluídas e como recebem tratamento diferenciado por serem consideradas não condizentes com os padrões estabelecidos pela sociedade. Os alunos da turma 92 reagiram com

diferentes sentimentos, mostrando insatisfação, revolta, alteridade e empatia frente às situações relatadas, começando o questionamento quanto a julgamentos preestabelecidos realizados e recebidos por eles. Demonstrando, assim, o desenvolvimento de habilidades socioemocionais, com o pensamento crítico, a responsabilidade consigo, com o outro e com o meio, bem como vivenciando e compartilhando emoções e sentimentos.

Fonte: Arquivo dos autores (2023).



Imagem dos alunos da turma 92 realizando a pesquisa bibliográfica.

Walter Eidam Júnior

Pós-graduado em Gestão Escolar; Graduado em Geografia – Licenciatura, EMEF Santos Dumont. Professor de Geografia dos Anos Finais.

Débora Dias Steffen

Pós-graduada em Administração, supervisão e orientação escolar; graduada em Ciências Biológicas – Licenciatura, EMEF Santos Dumont. Professora de Ciências dos Anos Finais.

Na outra semana, durante a aula de ciências, a turma demonstrou interesse em aprofundar o estudo por meio de pesquisas bibliográficas e entrevistas com a comunidade escolar, dando início à prática interdisciplinar para o Projeto de Iniciação Científica. Os alunos pesquisaram sobre as consequências da busca incessante pela aparência perfeita e enquadrada aos estereótipos e padrões estabelecidos, que pode, muitas vezes, causar doenças relacionadas à obsessão compulsiva com a própria imagem. Assim, tomaram conhecimento quanto ao consumo exagerado de produtos e procedimentos que acabam por transformar vidas e identidades em nome da beleza exigida pela sociedade.

Através do projeto, os alunos diagnosticaram que as mídias e as redes sociais apresentam um tipo de cultura imposta como a mais correta, utilizando a beleza e a perfeição e associando-as à felicidade. Também, ao analisar os dados coletados do questionário realizado com a comunidade escolar, constataram que um alto percentual de pessoas afirmam já terem sido julgadas por sua aparência, a metade dos entrevistados não se mostra plenamente satisfeita com sua imagem, o que permite observar que cada vez mais jovens estão insatisfeitos com a autoimagem e querem mudá-la.

O desenvolvimento dessa atividade oportunizou trabalhar habilidades sociais e emocionais, que impactam comportamentos, atitudes e modos de pensar e de sentir, permitindo uma formação integral aos alunos. Provocou o pensamento crítico

co e a tomada de consciência, a qual pode libertar de padrões preestabelecidos.

Fonte: Arquivo dos autores (2023).



Imagem dos alunos da turma 92 realizando entrevistas.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. MEC, 2017. Brasília, DF, 2017. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>>. Acesso em: 15 mai. 2023.

DAMASIO, B. F. Mensurando habilidades socioemocionais de crianças e adolescentes: desenvolvimento e validação de uma bateria (nota técnica). **Trends Psychol**, Ribeirão Preto, v. 25, n. 4, p. 2043-2050, dez. 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/tpsy/a/8GQ4S98vnn57VxzJznjz3VR/>>. Acesso em: 15 mai. 2023.

FROIS, E. MOREIRA, J. STENGEL, M. 2011. Mídias e a imagem corporal na adolescência: o corpo em discussão. **Psicologia em estudo**, Maringá, v. 16, n. 1, p. 71-77, jan./mar. 2011. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/pe/v16n1/a09v16n1.pdf>. Acesso: 09 de jun. 2023.

A importância da solidificação dos vínculos afetivos para a potencialização do desenvolvimento

Sabemos o quão é relevante a constituição de vínculos afetivos. Quando nos referimos à escola isso não é diferente, muito pelo contrário: ao adentrar em um espaço novo, longe de suas referências familiares, é de extrema importância que essa relação ocorra de forma segura e prazerosa. Foi exatamente isso que tivemos o privilégio de vivenciar na turma do Nível 4 no início deste ano de 2023. As crianças compartilharam o cotidiano com a mesma professora, auxiliar de ensino e também a professora que ocupava a sala para a substituição do planejamento do ano anterior. Essa relação já constituída veio arraigada de benefícios que temos o prazer de conviver diariamente.

O retorno à escola se deu de forma muito tranquila, logo todos passaram a frequentar esse ambiente demonstrando muita alegria e conforto em se fazerem presentes, fazendo com que o processo de adaptação para os novos integrantes acontecesse também de forma tranquila e facilitada. Sabemos que a turma do nível quatro é constituída por crianças já relativamente maiores e que, por vezes, os episódios de choro são menos frequentes. Mas, mesmo assim, eles foram quase inexistentes, bem como, perceber em seus olhares a felicidade em estar frequentando esse ambiente, sem dúvidas, foi muito gratificante.

Com essa solidificação de vínculos afetivos constituídos, o andamento do trabalho pedagógico também se faz mais tranquilo e feliz, estamos adequando nossa proposta pedagógica às pedagogias participativas, onde primordialmente destacamos

a criança como a protagonista de seu processo de aprendizagem. Isso acontece de uma forma muito mais eficaz quando já conhecemos um pouco da personalidade e gostos das crianças, pois conseguimos ofertar espaços, momentos e contextos respeitando e reconhecendo suas preferências.

Fonte: Arquivo dos autores (2023)



Imagem das crianças da turma Nível 4 AB reproduzindo, nos amigos, a troca de afetos que recebem dos professores.

Isabela Lang Bressani

Licenciada em Pedagogia. Especialista em Neuropsicopedagogia. Especialista em Educação Especial e Inclusiva. Mestra em Letras. EMEI Amarelinha. Professora.

Jeferson da Rosa Cunha

Tecnólogo em fotografia. EMEI Amarelinha. Auxiliar de inclusão.

Joice Aline Pacheco Fernandes

Licenciada em Pedagogia, EMEI Amarelinha. Professora.

Só temos pontos positivos a destacar no que tange a alegria em estarmos juntos novamente. Em um tempo muito singelo, observamos e destacamos grandiosas evoluções que ocorreram em um intervalo temporal muito pequeno. Hoje, eles já reconhecem a sua mochila, bem como o seu local na prateleira, acessando sempre que desejarem seus pertences, bem como os guardando quando se faz necessário. Também dirigem-se até o banheiro sozinhos, fazendo sua higiene pessoal com autonomia, inclusive escovando os dentes, se encaminham até o buffet para que possam escolher o que irão se alimentar diante das opções ofertadas no dia, são responsáveis por buscar e ter seu copo com água dentro da sala sempre à sua disposição, todavia, é de extrema importância que possamos ofertar condições propícias para que a criança se sinta confortável e segura para desempenhar com autonomia as questões que abrangem a rotina. Sem dúvidas, isso acontece quando os vínculos estão constituídos, e foi exatamente isso o que aconteceu em nossa sala nesse primeiro semestre do ano.

Pensamos que o carinho deve estar sempre em consonância com a prática, e que o pedagógico é um dos elementos fundamentais para o dia a dia, porém, o amor e o respeito pelas crianças são a base para essa estrutura. Todos os anos temos o prazer de encontrar pessoas e crianças diferentes, que fazem também com que floresça esse amor. No entanto, esse ano esse processo se deu de forma diferente, já tínhamos esse amor constituído, e sentimos nitidamente esse retorno significativo por parte das crianças. Elas, assim como nós, também demonstraram muita satisfação e contentamento em dividir mais um ano suas rotinas, isso sem dúvidas está e continuará rendendo muitos frutos ao longo do segundo semestre, pois as aprendizagens continuarão acontecendo dessa forma rápida, eficaz, leve e prazerosa. Amamos o que fazemos e para quem fazemos, temos respeito e sabemos a importância e as marcas que deixaremos na vida dessas crianças, e temos a certeza de que estarmos presentes novamente nessa turma foi um grande presente.

Fonte: Arquivo dos autores (2023)



Imagem da turma Nível 4 AB

Uma casa chamada escola

O ingresso da criança na vida escolar sempre gera incertezas e insegurança, sendo um desafio para as famílias, professores e escola. Pensando nesse momento e tendo como base nossas experiências anteriores, sentimos a necessidade de pensar um projeto para o momento de adaptação, com o intuito de acolher melhor as crianças e deixar as famílias mais seguras.

O projeto institucional “Acolhimento e Adaptação: Um Olhar Sensível para as Famílias e Crianças do Nível 2” consiste em associar os primeiros dias da escola como uma extensão da casa, onde a família é bem-vinda e participa junto à criança.

Ao iniciar a adaptação, as famílias foram convidadas a acompanhar as crianças nesses primeiros dias. Os professores, juntamente com a coordenação e direção da escola, prepararam um cronograma de uma semana de vivências, na qual as famílias frequentaram a escola em horário combinado com os professores, tendo então uma pequena prévia do que aconteceria no cotidiano escolar dos seus filhos.

Os professores fizeram uma escala diária de três grupos e iam trocando conforme disponibilidade da família. As crianças puderam observar e apropriar-se da sala acompanhada da família, dos colegas e professores, de forma livre. Também puderam explorar e brincar no pátio da escola. Estes momentos foram repletos de muita troca, conversas, roda de música, atividades com materiais da natureza, piquenique, colagem da foto da família na parede, história e desenho coletivo. Práticas que possibilitaram a construção de vínculo entre

escola e família.

Estas práticas auxiliarão o bebê e a criança pequena na familiarização com a nova rotina e permitirão que o familiar adquira confiança e esteja seguro quanto aos cuidados dispensados. Esta segurança familiar acabará refletindo positivamente na adaptação do bebê e da criança pequena, que terão mais confiança no ambiente e nas pessoas que os cercam. (Apud ORTIZ e CARVALHO, 2012, p. 56, MARANGON, 2012)

Fonte: Arquivo dos autores (2023)



Imagem das famílias no primeiro dia de escola.

Rosele Machado Lentes

Graduanda em Letras e Espanhol. EMEI Amiguinho. Professora.

Luiz Henrique P. Scheffer Alves

Especialista em Ludopedagogia e Educação Infantil. EMEI Amiguinho. Professor.

Franciele de Mello Schneider

Especialista em Educação na Contemporaneidade. EMEI Amiguinho. Professora.

As crianças se sentiram seguras e puderam conhecer a escola confiantes, pois estavam na presença dos seus pais. As famílias puderam vivenciar um pouco da rotina da escola com os professores, também conversar com outras famílias e trocar experiências, inseguranças e expectativas, enquanto os professores observavam atentos à personalidade de cada criança.

Na semana seguinte, a escola começou com o acolhimento tradicional das crianças, seria então o momento de se despedir da família e começar a vida social escolar. Havia muita expectativa de como seria o momento em que a família fosse deixar a criança na escola e pudemos observar que a maioria das crianças se sentiram mais seguras na hora de se despedir dos pais. Aqueles que ficaram inseguros puderam receber o apoio da família que estava confiante de que a escola era um ambiente bom para a criança.

E nós, professores, inicialmente ficamos ansiosos quanto à recepção da proposta, pois era algo novo a ser experimentado. Com o passar dos dias, assim como as crianças e as famílias, fomos nos apropriando da turma, que acabou se tornando uma equipe pela presença dos pais e familiares. Com a chegada da semana em que as crianças iniciaram a adaptação sem a presença dos familiares, ficamos também com uma expectativa muito grande em relação ao comportamento das crianças, tínhamos a curiosidade de saber se iriam chorar ou ficar tranquilos, porque já estavam acostumados com os professores e colegas.

Iniciamos a nova semana do acolhimento, desta vez só com as crianças, notamos que a maioria delas ficou tranquilamente na escola e não tivemos muitos casos de insegurança e medo, nem da criança nem dos pais. Ainda assim houve casos de insegurança e concluímos que a adaptação familiar não nos

“livra” totalmente do choro, mas é muito eficiente, pois nos permite ter um olhar sensível para a criança e seus pais, respeitando o tempo delas na adaptação, promovendo segurança e o bem estar de todos.

Fonte: Arquivo dos autores (2023)



Imagem das famílias participando de um momento no pátio da escola.

Fonte: Arquivo dos autores (2023)



Imagem de um momento descontraído entre todos.

Referências

ORTIZ, Cisele; CARVALHO, Maria Teresa Venceslau de. Interações: ser professor de bebês - cuidar, educar e brincar, uma única ação. São Paulo: Blucher, 2012.



Eternizando memórias com os bebês

O Projeto “Eternizando Memórias” foi aplicado nas turmas N2 DEF da EMEI Aquarela, no primeiro semestre do ano de 2023. O Projeto começou porque acredita-se que todos os momentos, por menores que possam parecer hoje, se tornarão memórias preciosas futuramente se forem significativas e especiais, principalmente no período de adaptação da criança em um ambiente totalmente novo e desconhecido. As experiências diárias, posteriormente, aparecem como memórias afetivas.

Assim, o sentimento de aceitação começou com a sensação de segurança que o espaço da sala buscou proporcionar para cada criança. Desta maneira, uma rotina tranquila e acolhedora com várias atividades de convívio e familiarização, que incluíam a exploração de contextos, dos espaços interiores e exteriores da escola, foram pensadas. Diante deste universo de possibilidades os pequenos foram descobrindo novas sensações, um mundo colorido, aromático, saboroso e de ruídos mais variados e, assim, aprendendo sobre limites, gostos, sentimentos, e conhecendo cada vez mais seus corpinhos e suas emoções.

Segundo Cisele Ortiz “o tempo de vivenciar o novo, se realizado de forma gradual e bem cuidada, pode ser tempo de criatividade, de descobertas, e não apenas de receios, traumas e dificuldades” (p.47). Deste modo, para crianças menores de dois anos, deve-se considerar que elas aprendem através da interação com o meio, pois as atividades exploratórias envolvem suas emoções, corpos, linguagem e inteligência, possibilitando que as crianças aprendam de forma brilhante e ativa, sendo capazes de desenvolver a autonomia e tornar a vida cotidiana significativa e agradável, pois são peritos no ato de brincar.

A sala de referência transformou-se em um

espaço convidativo para a criança se movimentar, estimular a imaginação e a interação, tornando-os especialistas em inventar e fazer no dia a dia da escola e, por meio de uma organização clara e de fácil compreensão, a sala levou-os a aprender sobre esses espaços, suas possibilidades e escolhas.

Pensar no pátio é um convite a muitas aventuras e descobertas, o canto dos passarinhos, o movimento das folhas das árvores, a textura do galho caído no chão, a textura da terra e da areia, o cheiro dos chás, a cor do tomatinho encontrado na horta, o passeio de carrinho, são experiências que ficam registradas na consciência e que, no futuro, aparecem como memórias afetivas. Vivências essas importantes também no presente, uma vez que a criança vem a conhecer diferentes sensações e emoções.

Fonte: Arquivo da autora (2023)



Colhendo tomatinhos da horta da escola.

Marinês da Silva

Pós graduação em Ludopedagogia e Artes, EMEI Aquarela. Professora.

Dessa forma, pensar em um ambiente intencional, rico, diversificado e acolhedor torna-se importante para a construção de relações afetivas na educação infantil, pois as crianças vão construindo relações com o mundo e com as outras pessoas que estão nele, que vão ajudar na sua formação, qualidade de vida, psicossocial e cultural.

Fonte: Arquivo da autora (2023)



Explorando a natureza.

Referências

ORTIZ, Cisele. CARVALHO, Maria Teresa Venceslau de. **Interações: ser professor de bebês - cuidar, educar e brincar, uma única ação.** São Paulo: Blucher, 2012, p.47 (Coleção InterAções)

Um bosque para chamar de nosso

O projeto intitulado “Um Bosque pra chamar de nosso” foi desenvolvido ao longo do ano de 2023 com a turma do Pré 2A da EMEI Arco-Íris. Tudo começou quando, no início do ano, a professora propôs um desenho para as crianças expressarem o que mais gostavam na escola, e o bosque emergiu como a resposta unânime. Esse espaço arborizado está localizado nos fundos da escola e conta com uma trilha que percorre uma extensa área repleta de pinheiros e vegetação diversa.

“Nenhuma descrição, nenhuma imagem de nenhum livro podem substituir a vista real das árvores em um bosque com toda a vida que acontece

em volta delas.” (MONTESSORI, 1966, p.40)

Inicialmente, as crianças realizaram uma visita ao local e identificaram alguns problemas, como o descarte inadequado de lixo e a falta de conhecimento da comunidade sobre esse espaço. Juntos, eles buscaram alternativas para divulgar a existência do bosque e envolver a comunidade no cuidado e na familiarização com esse ambiente. As famílias das crianças abraçaram essa missão, contribuindo na construção de placas com mensagens de conscientização e preservação do meio ambiente. As professoras acompanharam a turma na fixação das placas e na limpeza do lixo acumulado na natureza.

Fonte: Arquivo da professora (2023).



Imagem dos alunos da turma Pré 2 A em sua primeira visita ao bosque.

Jodie Cristiane de Lima Dutra

Graduada em Pedagogia, EMEI Arco-Íris. Professora do Pré 2.

As aprendizagens prosseguiram por meio de pesquisas realizadas em conjunto com as famílias e exploração de temas sugeridos pela própria turma, encontrando respostas através do Google. Por exemplo, investigaram as razões pelas quais as pessoas jogam lixo na natureza e a origem das pinhas. Além das respostas encontradas, a maior conquista desse projeto foi, sem dúvida, a conexão estabelecida entre as crianças e o meio ambiente, despertando a sensibilidade em cada passo dado para preservar, respeitar e amar o espaço que tanto apreciam.

Como mencionado por Léa Tiriba (2005), criar condições para que as crianças desfrutem da vida ao ar livre, aprendam sobre o mundo da natureza, compreendam as repercussões das ações humanas e sejam incentivadas em atitudes de preservação e respeito à biodiversidade é difundir uma concepção de educação na qual o ser humano é parte integrante da natureza e não seu dono absoluto. Que a escola seja representada pela areia do pátio, pelas pedrinhas da rua, pelas árvores do parque e por que não, pelos nossos bosques?!

Fonte: Arquivo da professora (2023).



Imagem dos alunos da turma Pré 2 A levando as placas para fixar no bosque.

Referências

HORN, Maria da Graça Souza, BARBOSA, Carmen Silveira. **Abrindo as portas da escola infantil: viver e aprender nos espaços externos**. Porto Alegre: Penso, 2022.

LOUV, Richard. **A última criança na natureza: resgatando nossas crianças do transtorno do deficit de natureza**. Tradução Alyne Azuma, Cláudia Belhassof. São Paulo: Aquariana, 2016. (livro)

MONTSSORI, Maria. **A criança**. Tradução de Luiz Horácio da Matta. 2.ed. Rio de Janeiro: Nórdica, s.d. 1966, p.40, apud Röhrs, Hermann. **Maria Montessori**. Tradução: Danilo Di Manno de Almeida, Maria Leila Alves. - Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010, p. 26

TIRIBA, Léa. **Reinventando relações entre seres humanos e natureza nos espaços de Educação Infantil**. In: MELLO, Soraia Silva de; TRAJBER, Rachel (Org.). **Vamos cuidar do Brasil – Conceitos e Práticas em Educação Ambiental na Escola**. 1. ed. Brasília: MEC, 2007. p. 219-228. (revista)



Diversidade cultural no contexto dos bebês da EMEI Bem-Viver

O tema diversidade permeia os caminhos da educação ao longo dos anos, é evidente a necessidade que nossas crianças têm de crescer convivendo com oportunidades que favoreçam a formação de sua identidade, respeitando e valorizando a cultura e a forma de ser do outro.

A ideia de trazer essa temática para os bebês surgiu após perceber que sua oferta é pouco observada em nossas turmas nessa faixa etária. Ao buscar referências sobre o tema, percebi ainda mais essa necessidade, pois não encontrei muitos acervos e publicações trazendo a diversidade para as salas referência neste nível. Assim, para buscar evoluir e sair das “mesmices” surgiu o projeto, pois como nos diz Cortella (2023) se a educação não for provocativa, não se cria, não se inventa, só se repete.

Com base em estudos e pesquisas na Constituição Federal (artigo 205), na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Básica (artigo 2º) (BRASIL, 1988), que trazem a importância de uma educação de qualidade, visando o desenvolvimento integral das crianças de forma que o conceito de equidade faça parte desse processo e esteja presente no currículo, foi pensado o projeto: “Diversidade cultural no contexto dos bebês da EMEI Bem-Viver”, para buscar com práticas e convivência combater preconceitos e valorizar as crianças e famílias de diferentes etnias, sendo essa uma ação que começa desde que a criança entra na Educação Infantil.

As Leis 10.639/2003 e 11. 645/2008 estabelecem a obrigatoriedade do ensino da cultura afro-brasileira e indígena na educação básica, sendo marcos jurídicos importantes para reconhecimento da importância cultural e histórica desses povos para o Brasil. A partir disso, buscamos promover uma educação que respeite a diversidade e que promova a representatividade desde os bebês, com convívio, contato, exploração e familiaridade com objetos, histórias, imagens, entre outros, das culturas: africana, indígena e afro-brasileira.

Fonte: Arquivo da autora (2023).



Imagem dos alunos da turma do Nível 1, explorando objetos indígenas.

Barbara Beatriz Schofer Cruz

Graduada em Pedagogia, EMEI Bem-Viver. Auxiliar de ensino.

Os bebês se relacionam com o mundo através dos sentidos. Nos primeiros meses, a exploração é puramente sensorial, a audição, o tato e a visão são portas de acesso para as descobertas de tudo que os cercam, assim como o movimento livre é essencial para que os pequenos comecem a conhecer os desafios e as possibilidades de seu corpo. Apresentar aos nossos bebês as diversidades culturais e a importância da preservação e do respeito é fundamental para que cresçam sem estereótipos e preconceito.

As intervenções aconteceram e vem acontecendo da seguinte forma: foi reservado na sala referência dos bebês um espaço onde disponibilizamos diferentes objetos e imagens de uma cultura específica. Em um primeiro momento, foi montado um espaço que trazia objetos da cultura indígena, composto por artesanatos como: animais de madeira, colares, cestos, instrumentos musicais, fotos de pessoas indígenas (crianças e adultos), fotos dos artesanatos e das casas indígenas, como também um buquê de chá de Macela (muito vendidas por eles na época de páscoa) e assim, os bebês exploraram.

Alguns objetos chamaram mais atenção que outros, o buquê de Macela, que possibilitou o tato, olfato e paladar, foi o campeão em interesse, seguido dos colares e das fotografias. Os olhos curiosos e as mãozinhas pequenas e ansiosas os deixaram um longo período observando, apalpando, experimentando cada novo objeto.

Durante a realização do projeto, observamos que os bebês, ao entrarem em contato com objetos da cultura indígena, não tiveram receio em explorar, nos permitindo perceber que de fato o ambiente no qual está inserido e as possibilidades que lhes são oferecidas são essenciais para constituição de seus conceitos de mundo e de sociedade.

Esse projeto terá continuidade durante todo esse ano, com outras propostas culturais que promovem a diversidade.

Fonte: Arquivo da autora (2023).



Imagem dos alunos da turma investigando a macela.

Referências

- BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB. 9394/1996.
CORTELLA, Mário. Sérgio. **Revista Conexão Literatura**, São Paulo, v. 1, n. 56, jun. 2023. (revista digital)
Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília. BRASIL. Lei 11.645/08 de 10 de Março de 2008. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília.

Vamos acampar? “Possibilidades com cabanas para bebês”

Para o desenvolvimento dos bebês é de extrema importância possibilitar vivências através das sensações. Pensando nisso, as professoras Larissa, Erlei, Sued e a auxiliar de ensino Amanda da turma do Nível 1, da EMEI Casa da Criança trabalharam com o projeto: “Olhares, texturas e sensações”. No

Fonte: Arquivo da autora (2023).



Imagem dos bebês explorando bonecos de sucata na cabana.

decorrer do projeto pensou-se na construção de cabanas com tecidos, proposta que proporcionou um espaço lúdico, seguro e aconchegante, onde as crianças puderam explorar e experimentar diferentes sensações e emoções.

As cabanas de tecido são um convite para a imaginação, estimulando a criatividade e oportunizando novas experiências aos bebês. A cabana da nossa turma foi confeccionada com cordão, um cabo de vassoura, dois colchões e malhas, que ficaram presas ao forro da sala. Inicialmente pensamos em construir um espaço brincante com a cabana e outros materiais não estruturados, mas para nossa surpresa, os bebês mostraram-se muito curiosos com a cabana, desta forma, decidimos mantê-la na sala referência a fim de que eles pudessem explorar e investigar esse novo espaço.

Foram realizadas diversas propostas e preparados diferentes espaços utilizando-se da cabana, como contação de histórias e espaço com luzes. Também disponibilizamos cestos com fios de malha, trocamos a malha por outro tecido para que eles pudessem sentir outras texturas e sensações. Percebemos que em meio às demais vivências, os bebês que já se deslocam, pegavam os materiais dispostos e iam brincar na cabana. No momento de descanso, a maioria dos bebês da turma dorme em colchões e alguns têm preferência em dormir na cabana, sentindo-se mais seguros e tranquilos, outra possibilidade que alcançamos através desta proposta.

Larissa Duarte Wingert

Especializada em Tecnologia na Educação, EMEI Casa da Criança. Professora de Educação Infantil.

Diante de tudo, visualizou-se que as cabanas oportunizaram às crianças segurança em vivenciar com diferentes materialidades, novas experiências, referenciaram o novo em um local e lugar no todo da sala referência, fato que permitiu a cada criança a compreensão do cotidiano, trazendo tranquilidade emocional e, assim, um acesso espontâneo. A continuidade foi predominante para os bebês compreenderem os contextos previamente planejados, bem como ao pensar nas novas organizações e trocas parciais dos objetos, que ocorrem por meio de observação docente.

As cabanas podem ser usadas também em propostas para pequenos grupos, incentivando e estimulando a socialização entre os bebês, desta forma, eles irão compreendendo a ação de compartilhar e a comunicar-se entre si. É de extrema importância oportunizar espaços para que constantemente os bebês possam explorar e adquirir aprendizagens significativas, assim como construir laços entre docentes e demais crianças.

Portanto, a escola, enquanto contexto de vida coletiva, é compreendida aqui como um lugar da vida, tecido por vários fios juntos e em conjuntos, tramado e constituído do eu com o outro e do outro, e que supõe estar em contínuo exercício de construção. Enquanto que, neste contínuo, juntos colhem e acolhem aprendizagens e descobertas sobre si, sobre os outros e sobre o mundo (FOCHI, 2013, p. 24).

Refletindo sobre a proposta, concluímos que o uso das cabanas no nível 1, além de oportunizar várias possibilidades de au-

toconhecimento, do outro e de espaço, bem como proporciona às crianças bem pequenas que se inserem no âmbito escolar ainda bebês a novas relações, linguagens, olhares, movimentos, trocas e emoções de maneira sensível e lúdica. Sem dúvidas, olhar a criança e suas minúcias nessa etapa no espaço e tempo deve visar e valorizar a importância do brincar como processo primordial no desenvolvimento infantil, principalmente, tendo em vista a intencionalidade.

Fonte: Arquivo da autora (2023).



Imagem dos bebês vivenciando proposta com cilindros coloridos

Referências

FOCHI, Paulo. **Afinal, o que os bebês fazem no berçário?** Porto Alegre: Penso, 2013.

A gestão participativa na construção dos espaços coletivos da Educação Infantil

Pensar a gestão escolar participativa geralmente está associada ao pensar no grupo de funcionários de cada espaço escolar. Porém, perceber a importância e compreensão de todos os envolvidos neste processo é essencial.

Desta forma, atualmente como gestora na EMEI Casinha da Alegria, realizo a autoanálise constante com a finalidade de refletir os pontos positivos e negativos ao longo das semanas, primando para que o olhar esteja atento às demandas dos funcionários e comunidade, mas, principalmente, das crianças.

Com isso, ao iniciarmos o ano letivo de 2023, foi discutido e percebeu-se com o grupo de profissionais da escola e representantes da APMEI em nossas reuniões mensais, a importância de estarmos revitalizando os espaços externos da escola, deixando-os mais atrativos para as crianças. Contudo, o olhar do adulto não substitui o olhar daqueles que realizam dia a dia suas descobertas e vivências nesses espaços: as crianças.

A partir disso, do exposto e do rol de prioridades voltado para as organizações de espaços coletivos, promovi encontros semanais com as turmas de Pré 1 e Pré 2, no período de março a maio de 2023, com a duração de 45 minutos, para diálogo sobre quais espaços precisavam ser revitalizados, modificados ou construídos para que todos pudessem usufruir.

Após ouvir todas as demandas, eram discutidas as possibilidades, junto às crianças, para colocar em prática os pedidos, analisando de forma conjunta o que era possível no momento, o que era seguro e de qual maneira cada um seria responsável pela manutenção.

Dentro de todas as solicitações que as crianças trouxeram, a mais relevante no momento era a rees-

truturação do “Castelinho”, pois o mesmo já não contava com os móveis e utensílios que todos desejavam. Os brinquedos precisavam ser melhorados e as crianças tinham o desejo de painelinhas novas.

A lista dos desejos foi formulada e apresentada na reunião de APMEI do mês de abril, sendo aprovada e, logo em seguida posta em prática, sendo que no dia 18 de maio a reinauguração do Castelinho foi realizada junto às crianças de todas as turmas da escola. Esse dia foi muito especial e contou com a presença do presidente da APMEI e representantes da comunidade escolar, que na ocasião vinham buscar seus filhos e aproveitavam para participar do momento. No momento da reinauguração, foi realizada uma conversa com todos os alunos, de forma conjunta e colaborativa, visando a apropriação do espaço de forma responsável.

Fonte: Arquivo da autora (2023).



Imagem do Castelinho com a faixa de reinauguração.

Caciéli Verônica Modesto Rosa

Graduada em Licenciatura em Pedagogia (2009), Graduada em Filosofia (2020), Pós Graduada em Gestão Escolar (2015), Pós Graduada em Filosofia (2019), EMEI Casinha da Alegria. Diretora escolar.

Na semana seguinte, retomamos as conversas com as turmas Pré 1 e Pré 2, e as crianças puderam expor sua avaliação do espaço e do momento ocorrido, trazendo novas demandas, como por exemplo: a falta de um espelho e lâmpadas. Uma das discussões de maior relevância ocorreu na turma Pré 2, onde um dos alunos sugeriu a aquisição de uma mini cama para o espaço, sendo que a turma ficou por um longo período tentando uma alternativa que pudesse colocar em prática o desejo, pois o espaço não comportava o pedido. Tentaram modificar os móveis de lugar, fechar a janela e até o momento não encontraram um meio de colocar a mini cama no espaço.

A construção dos espaços coletivos em concordância com o olhar da criança é, sem dúvida, um dos pontos mais positivos que procuramos desenvolver

na EMEI Casinha da Alegria, sendo que esta visão de estrutura espalha-se pela escola, ocupando também a secretaria da instituição, onde existe um espaço com brinquedos, folhas e lápis de cor, para que as crianças sintam-se pertencentes a este espaço, que costuma ser apenas burocrático, sentindo-se convidadas a entrar, sentar e conversar diariamente sobre o que desejarem.

Tenho a consciência de que temos muito ainda a crescer e implementar, que as organizações demandam tempo, mas que nosso papel, enquanto gestores escolares, é também ouvir e promover espaços de escutas, reflexões e entendimento sobre o que as crianças buscam em seus espaços escolares. Por isso, para o próximo semestre, as rodas de conversas irão seguir, levantando novas demandas e possibilidades para os espaços, promovendo a voz ativa das crianças dentro do processo de gestão.

Fonte: Arquivo da autora (2023).



Imagem do Castelinho no momento da abertura da faixa de reinauguração.

Referências

BERALDO, Fernando. **A gestão participativa na escola pública: tendências e perspectivas.** Revista Científica Eletrônica de Pedagogia. Editora FAEF. Garça/SP, Ano V – Número 10 – Julho de 2007.

Sentir, descobrir, ouvir e vivenciar: experiências brincantes e potentes, permeadas pelo corpo e pelos sentidos

A escola e seus espaços precisam ser um ambiente facilitador, proporcionando experiências brincantes e potentes para os bebês, contribuindo assim, para seu desenvolvimento integral, para sua aprendizagem e, principalmente, para a construção da sua autonomia. No que se refere a este aspecto, Falk (2010) destaca algumas noções essenciais da abordagem Pikler como “o movimento livre”, “a atividade de exploração”, “a aprendizagem autônoma”, “a atividade iniciada pela própria criança” e, mais recentemente, “a noção de competência”.

Sabemos também que, quando se trata de crianças bem pequenas, as vivências, experiências e percepções são permeadas pelo corpo e pelos sentidos, de forma que é por meio deles que ela lê o mundo e se expressa. Barbosa e Quadros (2017) destacam que o corpo dos pequenos pensa, fala, expressa e comunica. A criança aprende com o corpo inteiro e não há aprendizagem que não passe pelo corpo. Dessa forma, é fundamental realizar propostas que instiguem e agucem os sentidos para que as crianças se apropriem e conheçam as sensações e possibilidades do seu próprio corpo e se reconheçam como indivíduos potentes, ativos e participativos da própria aprendizagem.

Pensando nisso e levando em consideração a necessidade de buscar constantemente recursos potencializadores do desenvolvimento infantil, formas diversificadas e inovadoras de aguçar e aprimorar os sentidos dos bebês, uma

das propostas realizadas neste semestre com a turma Nível 1-ABC, na EMEI Cebolinha, foi a exploração de balões sensoriais.

Fonte: Arquivo das autoras (2023).



Descoberta de texturas no balão sensorial, na turma do NI-ABC

Danieli Roseane Kirsch da Silva

Especialista em Gestão Escolar: Orientação e Supervisão, Graduada em Pedagogia, EMEI Cebolinha. Professora.

Jheniffer Barbosa de Souza Hinschink

Pós-graduação em Psicomotricidade e Educação Inclusiva, EMEI Cebolinha. Professora.

Paula Cristiane Morais Feiten

Pós-graduação em Estudos da Linguagem, Graduação em Letras, EMEI Cebolinha. Professora.

Fonte: Arquivo das autoras (2023).

A ideia inicial foi confeccionar e ofertar para a turma capas de balões com estampas variadas e coloridas que despertassem o interesse visual dos bebês. No entanto, percebemos que este recurso poderia se tornar ainda mais rico, e ter suas possibilidades de exploração ampliadas, se acrescentássemos outros elementos à capa de tecido. Deste modo, também foram confeccionadas capas para balões em tecido cru e materiais diversificados costurados a elas, tais como: fitas coloridas, guizos e botões de tamanho grande, zíper, tecidos com outras texturas, etc.

Para que as experiências brincantes fossem ainda mais criativas e potentes, possibilitamos a exploração dos balões de maneiras diferentes oferecendo-os no chão, para livre manuseio, pendurando-os em diversos locais da sala referência, explorando-os no espaço externo da escola, dentro de caixas e em cima de malha vazada suspensa. Dessa forma, buscou-se sempre instigar a curiosidade e interesse das crianças e em disponibilizá-los de maneira que, cada bebê, dentro de suas habilidades motoras já adquiridas, pudesse encontrar sua forma de explorá-los. Logo, os bebês se encantaram com a diversidade de cores, texturas e sensações, manuseando o recurso do balão de uma forma diferente, segura e, principalmente, repleta de desafios e novas descobertas.

Riquíssimo em possibilidades, o balão sensorial, além de incentivar a autonomia dos movimentos no brincar livre, contribuiu para o desenvolvimento afetivo, cognitivo e corporal das crianças, uma vez que a aprendizagem dos bebês só ocorre quando perpassa pelo corpo e pelos sentidos.



Observação das cores e estampas, na turma do N1-ABC

Referências

BARBOSA, Maria Carmen Silveira; e QUADROS, Vanessa da Silva Rocha de. **As aprendizagens cotidianas: os cuidados pessoais das crianças como gesto curricular.** In: CARVALHO; e FOCHI, Pedagogia do cotidiano na (e da) educação infantil. 2017.

FALK, Judit. Abordagem Pikler : **Educação Infantil** / Judit Falk.-São Paulo: Omnisciência, 2010.



Um mundo inteiro a descobrir: a importância do olhar sensível às vivências do cotidiano

Por acreditar na potência do cotidiano escolar, nas marcas que a primeira infância produz, na importância dos detalhes tão pequenos que perpassam o dia a dia da escola que, muitas vezes, são sucumbidos pela rotina acelerada e até mesmo pela inconsciência e repetição do nosso fazer pedagógico, surge a necessidade desse olhar mais reflexivo a respeito das vivências do cotidiano, do mundo inteiro que a criança tem para descobrir e ressignificar, com toda a inteireza que é tão genuína das infâncias.

Nesta perspectiva, Pinto (2018) é incisivo ao dizer que

A ideia central da Educação Infantil na atualidade, portanto, é propor experiências significativas pelas interações e brincadeiras, rompendo também o desenvolvimento de práticas pedagógicas aligeiradas e a organização rígida do tempo, que não permite às crianças estabelecer relações, investigar e construir sentidos.(p.14)

A escola e o trabalho realizado pelos atores que a compõem, após o núcleo familiar, é o primeiro grande ambiente socializador e influente na formação integral dos pequenos, logo, temos um papel fundamental em todo este processo. Nossas ações intencionais, ancoradas em fundamentos teóricos, nos dão o suporte necessário para validar nossa prática, viabilizar as ações que perpassam o cotidiano da escola e, inclusive, corroborar para compreensão e envolvimento das famílias em vivências banais, mas que ainda geram estranheza, como por exemplo, as vivências nas áreas externas, em dias de chuva.

A elaboração e execução deste projeto foi um desafio, uma vez que me encontrava em processo de transformação crítica e reflexiva, na qual, concomitantemente, muitas inquietações surgem a respeito do fazer pedagógico.

Tendo como premissa o cotidiano e as vivências prazerosas que atribuem significado, com toda a espontaneidade que as crianças têm, com atenção e flexibilidade ao que elas são capazes de comunicar, iniciamos nas turmas de Nível 4 ao Pré 2, um semestre cheio de novas experiências. Dentre estas, evidenciaram-se as vivências ao ar livre com a disponibilidade de redes de descanso, proporcionando diferentes interações com o corpo, espaço e, inclusive, com os pares. Vivências com os elementos naturais (terra, água e ar), ressignificando o uso de materiais que fazem parte do cotidiano de todos nós, como por exemplo: seringas, redes e sacolinhas plásticas, entre outros.

Fonte: Arquivo da autora (2022).



Crianças do Pré 1 brincando com seringas nas poças de água.

Franciele Ribeiro

Pós-graduação em Neuroeducação e Graduação em Pedagogia. EMEI Chapeuzinho Vermelho. Professora

Os dias de chuva, pela imensa maioria das vezes, antes tão temidos e vistos como algo desagradável por algumas crianças e, inclusive, por muitos de nós, adultos, receberam novos significados e se tornaram bastante esperados por crianças de todas as turmas da escola. Após o envolvimento de algumas famílias, adquirimos guarda-chuvas e sombrinhas e o passeio no pátio da escola, em dias de chuva, rapidamente se tornou uma das experiências mais desejadas e alegres do projeto, proporcionando às turmas envolvidas diferentes vivências, tais como: riso solto, saltos em poças, encantamentos, muitos questionamentos e relatos, a saber: “Profe, quando vai chover?”, “Que bom fazer isso!”, “É muito divertido!”, “Posso ir de novo?”, “Nós pisamos

na poça de água bem grande”. Ainda, ao longo do semestre, também foi oportunizada às crianças a experiência de, cada uma à sua maneira, servir os próprios líquidos, para si, e inclusive, para os demais colegas da turma. Quanta experiência está imbricada em algo tão corriqueiro do nosso dia a dia e que para eles é tão rico e especial!

Quanta vivência enriquecedora construímos juntos, muitas delas experienciadas pela primeira vez, por nós e pelas crianças, e isso foi incrível! Que estas experiências tenham contribuído positivamente para a ampliação de repertório, conhecimento de mundo e principalmente para as relações sociais essenciais em diferentes contextos de nossas vidas.

Fonte: Arquivo da autora (2022).



Crianças do Pré 2 brincando na pracinha

Fonte: Arquivo da autora (2022).



Diversão em um dia de chuva

Referências

PINTO, Aline. **Cade? Achou! : educar, cuidar e brincar na ação pedagógica da Creche: O a 3 anos e 11 meses:** Livro do professor da educação infantil, creche; Ilustrações Aisha Valentina Cardoso Coimbra dos Santos-Curitiba: Positivo, 2018.

Vivências e descobertas a partir do brinquedo natureza

Nossa escola é privilegiada no que se refere à localização e ao pátio, onde os ambientes nos presentiam com muitas possibilidades, materiais, sombra e paisagem. Por ser próxima às chácaras e áreas verdes, nossas crianças estão habituadas ao brincar neste meio. Sendo assim, traz em sua filosofia o brincar nos espaços naturais e com seus elementos. Levando em conta estes pontos e a curiosidade da turma do Nível 4, no ano de 2022 nossas vivências, descobertas e aventuras se desenvolveram a partir deste brinquedo chamado natureza.

O currículo para os bebês, as crianças bem pequenas e as crianças pequenas compreende que os direitos de aprendizagem e desenvolvimento devem ser garantidos a todas as crianças sem nenhuma forma de distinção. Tem, no brincar e nas interações, os elementos mais potentes para as aprendizagens das crianças. Parte da observação, valorizando o conhecimento prévio, respeitando o tempo de cada um e suas especificidades. Propõe tempos e espaços potentes para investigar, interagir, explorar, comunicar, experimentar e construir novas narrativas e aprendizagens. (REFERENCIAL CURRICULAR GAÚCHO, 2018, p.60).

Sendo assim, pensamos que a primeira experiência de leitura de mundo da criança, deve ser a natureza, pois ela nos proporciona materiais riquíssimos e sem custo para nortear e auxiliar nas aprendizagens, ativando o desen-

volvimento integral e saudável, permitindo que usem sua imaginação, transformação e reconhecimento de suas capacidades e limites. É através da interação com o meio que a cerca que será instigada a experimentar o novo, procurar buscar soluções para as situações e desafios do dia a dia, bem como buscar vivências com os elementos naturais para envolver-se nas mais diversificadas propostas, desenvolvendo suas potencialidades de forma integral, de acordo com os objetivos propostos para a faixa etária.

Fonte: Arquivo das autoras (2022).



Imagem de uma vivência com massa de modelar caseira e elementos naturais.

Tatiana Jungthon da Silva

Especialista em Psicomotricidade e Educação Infantil;
Pedagoga; Normalista. EMEI Claudy Schaefer.
Professora.

Beatriz Oliveira Leites

Graduada em Pedagogia. EMEI Claudy Schaefer.
Auxiliar de ensino.

Assim, nossas vivências sempre envolveram elementos naturais: galhos, troncos, pedras, sementes, pinhas, que nos ajudaram a reconhecer a figura humana e construir as primeiras representações de nós mesmos e de nossos colegas. Dessa forma, tais recursos tornaram-se elementos indispensáveis para nossos enredos de brincar e descobertas diárias.

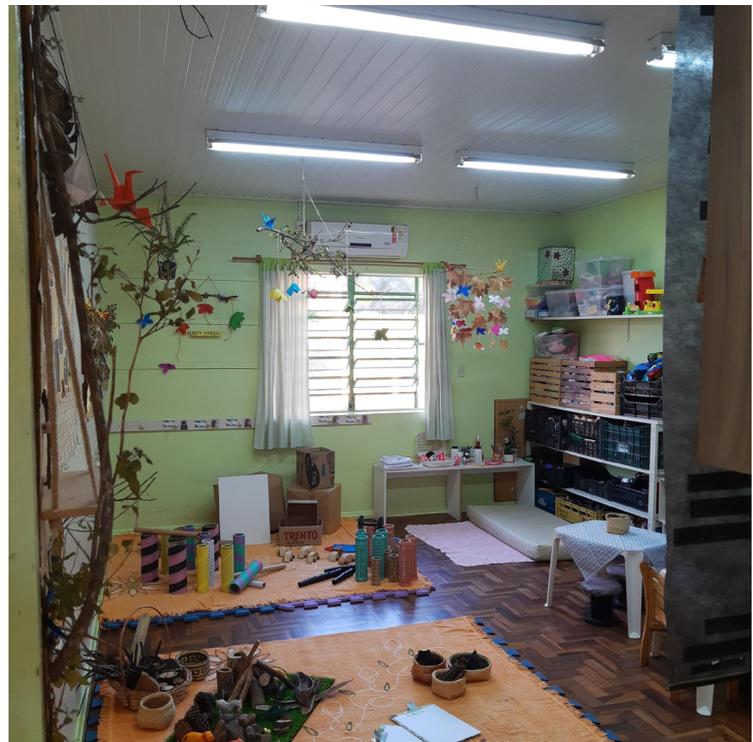
A água com elementos naturais de tintura (beterraba, café, erva mate, açafrão, cúrcuma, barro vermelho e terra preta), nos encantou com o poder de se misturar, tingindo as folhas de papel, tecido ou massa de modelar caseira. As árvores e barranco de nosso quintal, fonte de exploração de nossa força, limite, noção de espaço, velocidade, distância, longe e perto... O fantasiar na cozinha, tanto da sala formada com utensílios de uma cozinha de verdade como os da casinha do pátio, nos auxiliaram na questão do imaginário, do contar e recontar histórias, do dramatizar, cozinhando saborosos quitutes com produtos de nossa horta brincante.

Os espaços naturais são importantíssimos para as crianças pequenas e apoiam seu processo de aprendizagem, pois constituem desafios, exigem atitudes, forjam ações. A natureza permite a ação das crianças com maior independência e liberdade, o que qualifica a brincadeira, pois há muitos modos de brincar e jogar nos parques, pátios, jardins e campos, e, finalmente, possibilita estabelecer novos relacionamentos entre crianças de diferentes sexos, idades e estilos. (HORN, Maria da Graça Souza, 2022, pág.29).

Todo esse brincar traz muito de nossa essência, de nossas memórias, e buscamos resgatar esses encontros com as crianças mencionando nosso brincar na rua, no pátio com elementos naturais, seus cheiros e aromas e nessa construção, muitos foram os chás da tarde organizados em nosso quintal, com ervas aromáticas de nossa horta, trazendo esse aconchego de casa, da casa de nossas avós para enriquecer ainda mais nossas experiências afetivas.

Nossa sala de aula sempre que possível era nosso quintal ou o gramado da EMEF Morada do Sol, e quando o tempo não nos permitia por causa de chuva forte, cerração ou muito frio, nossa sala se transformava ainda mais em uma extensão do quintal com seus elementos de nosso acervo interno.

Fonte: Arquivo das autoras (2022).



Sala organizada para a Feira de Ciências e Vivências da escola, com uma ideia de como eram organizados os espaços para exploração em sala ou quintal.

Referências

Horn, Maria da Graça Souza. **Abrindo as portas da escola infantil: viver e aprender nos espaços externos.** Porto Alegre: Penso, 2022.

Secretaria de Estado da Educação. **Referencial Curricular Gaúcho: Educação Infantil.** Porto Alegre, Departamento Pedagógico, 2018.v.1.



Entre contos e fraldas: a magia do “Era uma vez”

Na educação infantil, as crianças demonstram grande interesse por histórias infantis, principalmente aquelas que possuem animais, lobos e bruxas como personagens. Nos momentos de narração de histórias, as crianças se aproximam e escutam com atenção, demonstrando curiosidade pelos livros, querendo tocar, manusear e olhar as imagens. Também é importante ressaltar que os pequenos adquirem muitas habilidades, como: caminhar, correr, balbuciar e falar as primeiras palavrinhas, ter mais autonomia, tudo isso em um espaço curto de tempo. E as histórias contribuem muito nesse desenvolvimento. Elas são um excelente instrumento para desenvolver a audição, a fala e a expressão corporal e representam uma fonte rica em possibilidades.

Nessa fase, é importante para a formação de qualquer criança ouvir histórias, muitas histórias... Escutá-las é o início do processo para ser um bom leitor.

Partindo do pressuposto de que “na primeira infância, ler com os ouvidos é mais fundamental que ler com os olhos” (FARIA; MELLO, 2014, p. xiii), a turma do Nível 2 da EMEI D. Pedro I deu início ao Projeto intitulado: Entre contos e fraldas: A magia do “Era uma vez”. As professoras selecionaram alguns contos clássicos: Os Três Porquinhos, Cachinhos Dourados e os Três Ursos, Chapeuzinho Vermelho e João e o Pé de Feijão. A partir da escolha das histórias, prepararam, além dos livros, diversos recursos para que os pequenos pudessem se encantar ao ouvi-las.

Fonte: Arquivo das autoras (2023).



Imagem das crianças da turma do Nível 2 ouvindo a história da Cachinhos Dourados

Mabieli Nunes Monteiro

Pós-graduada em Educação Infantil e Anos Iniciais. Graduada em Letras e Literatura. EMEI D. Pedro I. Professora.

Tainá Juliana Ellwanger

Graduada em Pedagogia. Pós-graduanda em Inclusão e Diversidade na Educação. EMEI D. Pedro I. Professora.

Após cada contação de histórias, os materiais utilizados ficavam disponíveis na sala para o manuseio das crianças. Percebemos o quanto essa ação contribuiu para o desenvolvimento da linguagem dos pequenos, pois durante suas brincadeiras utilizavam os objetos das histórias para recontar os contos para seus colegas e professoras.

Durante o desenvolvimento do projeto, também foram realizadas explorações de diferentes materiais, como: após a história dos Três Porquinhos ter sido contada, as crianças manusearam a palha, madeira e o tijolo fazendo alusão a casa construída por cada porquinho. Em outro momen-

to, as professoras contaram a história da Chapeuzinho Vermelho e, em seguida, organizaram um espaço convidativo, com uma toalha xadrez e uma cesta de frutas exóticas para serem degustadas pelas crianças, relacionando a mesma com a cesta de frutas que a personagem levava para sua avó.

Sendo assim, acreditamos que o presente projeto contribuiu e continuará contribuindo para o resgate da arte de contar histórias, incentivando assim o hábito da leitura, despertando a imaginação, possibilitando o desenvolvimento da linguagem oral bem como o encantamento pelo mundo mágico da literatura infantil.

Fonte: Arquivo das autoras (2023).



Imagem das crianças da turma do Nível 2 degustando as frutas exóticas da cesta da vovó

Fonte: Arquivo das autoras (2023).



Imagem das crianças da turma do Nível 2 recebendo a visita de uma vaquinha, fazendo referência à vaca da história do João e o pé de feijão.

Referências

FARIA, A. L. G.; MELLO, S. A. (org.). **Linguagens infantis: outras formas de leitura**. 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2014.

Nível 1 em “um mundo de textura e sensações”

O ano letivo de 2023 iniciou para os estudantes da EMEI Dedinho de Ouro no dia 14 de fevereiro, juntamente com toda rede municipal de ensino.

Iniciamos o ano letivo com apenas dois bebês frequentando o Nível 1, alguns bebês aguardavam completar a idade correta para iniciar, tendo em vista este momento diferente, foi feito um projeto que poderia ser utilizado nas diferentes etapas do desenvolvimento do bebê, levando em consideração que teríamos bebês de 1 ano e de 4 meses em uma mesma turma.

O projeto desenvolvido foi baseado em texturas e sensações, buscando oferecer diferentes materiais aos estudantes, como uma maneira de ampliar a capacidade de expressão deles e contemplar as inúmeras possibilidades que se apresentam diante das atividades que envolvem os sentidos.

Quando oferecemos atividades que exercitam os sentidos, estamos possibilitando um desenvolvimento amplo e prazeroso em que os bebês ampliam a capacidade de explorar texturas, sabores, cheiros e cores de diferentes formas. Este projeto parte do princípio de que, através da exploração de diferentes materiais, os pequenos ampliam a capacidade de expressão e o conhecimento do mundo. Os objetos e materiais disponibilizados aos bebês proporcionam experiências diversificadas e novas descobertas. Sendo assim, é relevante o trabalho com sensações nesta faixa etária, num sentido de fornecer estímulos para a aprendizagem dos bebês.

Fonte: Arquivo da autora (2023).



Imagem de bebê explorando objetos de madeira

Andrelisa Zorn

Pós - graduada em Educação Infantil com Ênfase em Desenho e Educação Infantil: Jogos, brinquedos e recreação, Licenciada em Pedagogia. Professora na EMEI Dedinho de Ouro.

Na faixa etária na qual os bebês do Nível 1 se encontram, a fase da curiosidade está cada vez mais afluída, este mundo é dominado pelas sensações trazidas pelo tato, visão, audição, paladar e olfato; e todos estes momentos têm sabor de descoberta que podem ser enriquecidos pelo professor que criará espaços e desafios.

“É no brincar, e somente no brincar, que o indivíduo, criança ou adulto, pode ser criativo e utilizar sua personalidade integral; e é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o eu (WINNICOTT in BELO e SCODELER, 2013)

Fonte: Arquivo da autora (2023).



Imagem de bebê explorando luvas sensoriais

O presente projeto partiu da ideia de explorar elementos naturais, de diferentes texturas, pesos, formas e cores. Ao proporcionar essas atividades para os bebês, percebemos suas interações com o novo e sua atenção voltada na parte da descoberta, sendo ela riquíssima, pois são elementos visuais novos, são cheiros não explorados anteriormente, são texturas diferenciadas e esse misto de sensações, com certeza, desperta não somente curiosidades como aprendizagens ali inseridas pouco a pouco conforme seu desenvolvimento e crescimento normal para essa faixa etária.

Concluimos, assim, o projeto, tendo a certeza de que foram proporcionados momentos riquíssimos para os bebês, de grandes descobertas e explorações.

Fonte: Arquivo da autora (2023).

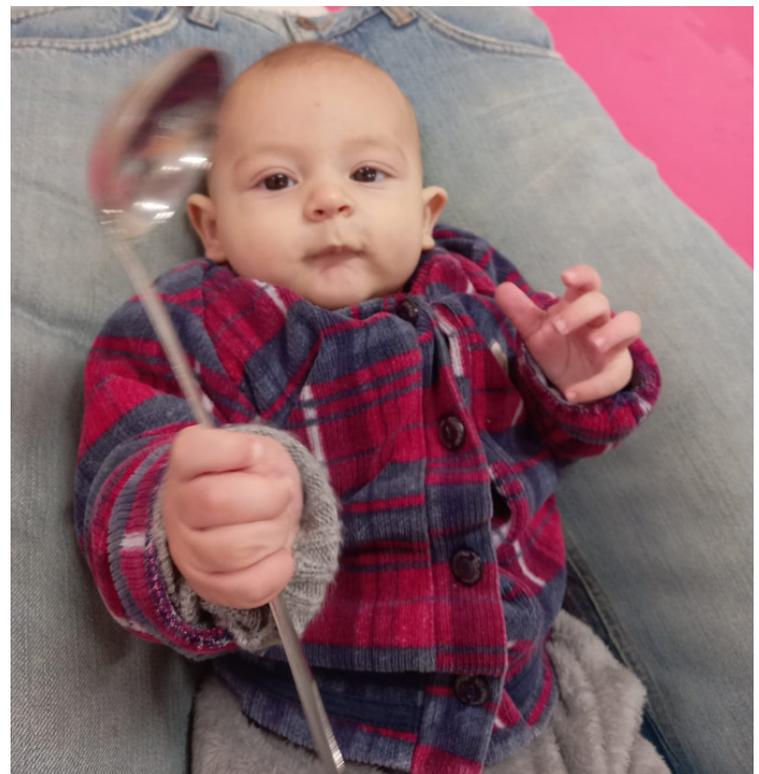


Imagem de bebê explorando objetos de metal

Referências

BELO, Fábio; SCODELER, Kátia. **A importância do brincar em Winnicott e Schiller**. Tempo psicanal., Rio de Janeiro, v. 45, n. 1, p. 91-101, jun. 2013. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382013000100007&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 30 jun. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.



A curiosidade e o afeto como fonte de aprendizagem

As necessidades de uma turma nem sempre podem ser supridas com recursos concretos ou estão descritas em alguma pesquisa já realizada. Necessidade tem a ver com carência, que tem a ver com a necessidade de escuta e que, nesse caso, fala de amor, acolhimento, importância de sentir-se pertencente e curiosidade acerca de um mundo repleto de experiências e vivências.

Sendo assim, ao “ouvir” cada criança de maneira individual e fazendo um balanço no grande grupo, pensou-se em um trabalho que pudesse assegurar a aprendizagem, o desenvolvimento crítico e a construção de valores, bem como que fosse capaz de proporcionar a construção de saberes e do conhecimento de mundo de forma lúdica, permitindo que a turma pudesse realizar suas descobertas utilizando como recurso principal a curiosidade e o

afeto, algo inerente de forma evidente e explícita nas crianças, tornando o protagonismo, o próprio agente da aprendizagem individual e coletiva.

A partir daí, criamos o projeto Mãos na massa: a curiosidade e o afeto como fonte de aprendizagem, através do qual buscou-se abordar uma temática colaborativa e investigativa, colocando o sujeito e os seus próprios sentimentos como provedores do seu conhecimento. Favorecer o protagonismo, a criatividade e a aprendizagem através do cotidiano, foram alguns dos objetivos traçados, com os quais proporcionamos às crianças experiências e vivências significativas e interativas, de forma que fosse possível desenvolverem-se em sua totalidade, fortalecendo bons hábitos e os vínculos entre os pares, de forma a valorizar o afeto e o amor ao tecer memórias afetivas.

Fonte: Arquivo da autora (2023).



Imagem dos bonecos confeccionados com tecido, utilizados na hora do descanso.

Lilian Cristina Jungthon

Pós-Graduação em Novas Tecnologias educacionais; Licenciatura em Pedagogia, EMEI Estrelinha Azul. Professora.

Dentre as atividades propostas na execução do projeto, algumas que mais se destacaram foram: o preparo do momento de descanso, com música aconchegante, cheirinho especial e a confecção de bonecos de pano, representando cada uma das crianças, para que pudessem abraçar na hora do sono; a criação de espaços lúdicos para brincar; a pesquisa e elaboração de estratégias para enriquecer o espaço da sala de aula com a confecção de brinquedos com materiais recicláveis, tanto em sala, quanto pelas famílias; momentos de refeições ao ar livre.

Em linhas gerais, trabalhar com a criatividade, algo que é inerente na criança, nada mais é do que incentivar e fomentar a sua capacidade de criar, imaginar ou produzir.

As brincadeiras, o cotidiano e as atividades propostas dentro e fora da sala de referência devem ser os pilares estimuladores do pensamento, atendendo as necessidades das crianças e provocando-as a imaginar, o que para nós se tornou ainda mais potente ao trazermos para o nosso cotidiano a sucata como recurso pedagógico.

No caso da confecção de brinquedos, a expectativa desde o início foi propor algo prazeroso, divertido e ao mesmo tempo educativo, pois na medida em que foram criando, as crianças tiveram a oportunidade de pensar, planejar e imaginar seus objetos, promovendo, assim, diversidade de resultados, comunicação entre os pares, além de autonomia e criatividade, sem contar os benefícios cognitivos,

comportamentais e a participação das famílias no desenvolvimento do processo, algo que fomenta e valoriza também a questão social presente na comunidade, já que muitas famílias se sustentam através da coleta e venda desses materiais, seja de forma autônoma ou em cooperativas de reciclagem presentes no próprio bairro.

Além disso, toda e qualquer descoberta feita pelas crianças puderam ser, de alguma forma, repassadas aos familiares, bem como, a bagagem de conhecimento que eles trouxeram consigo, certamente contribuirão de forma significativa aos interesses da turma, fazendo assim, com que todos possam repensar, reavaliar e até mesmo, modificar os seus hábitos.

Fonte: Arquivo da autora (2023).



O lúdico que encanta: imagem de um momento de brincar livre, com um chazinho especial para compartilhar o amor e a amizade.

Referências

- BARBOSA, Kelly Santos. Revisão da literatura em técnicas de modelagem de software. **Revista da Informática**, Florianópolis, v. 12, n. 14, p. 11-29, nov. 2017. (revista científica)
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**, 25. ed., São Paulo: Paz e Terra, 1996. (livro)
- FREIRE, Paulo. **Professora Sim, Tia Não – cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Olho d'Água, 1997. (livro)
- MELO, Walter Pires. Programação: a arte da criação. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 11 abr. 2007. Caderno de novas tecnologias, p. 10. (matéria de jornal)
- TANENBAUM, Andrew. **Redes de computadores**. 5. ed. São Paulo: Elsevier, 2016. (livro)

O espaço externo potencializando o desenvolvimento da autonomia dos bebês a partir do movimento livre

Iniciamos o ano de 2023, com as turmas ABC e D, do Nível 1, na EMEI Guilhermina Blos. Considerando a heterogeneidade etária, avaliamos necessário adequar nosso cotidiano, para contemplar a todos, respeitando assim os processos de desenvolvimento individual.

Começamos nossa prática docente com a escuta sensível, sobre cada bebê, através da entrevista e conversa informal com seus familiares. Com essas sondagens colhidas e valoradas planejamos experiências em grupos e individuais, possibilitando que as inúmeras investigações e descobertas dos bebês, acontecessem dentro de um contexto rico, significativo e adequadamente pensado. Esse cotidiano na escola, tornou-se objeto das inquietações e interesses dos pequenos. Para atender essas demandas, refletimos e planejamos as ações pedagógicas cotidianas, para que as aprendizagens se desenvolvessem na medida em que eles vivessem, participassem e significassem as práticas socioculturais com o corpo e pelo corpo. Para tanto, adotamos o planejamento de contextos, que nos confere a flexibilidade e organizações que favorecem o protagonismo de cada criança.

Conforme os bebês se apropriaram do cotidiano, inserimos as experiências na natureza e com elementos naturais e as atividades fora da sala de referência. Conforme Elionor Goldschmied (2006), o espaço externo cuidadosamente planejado pode oferecer inúmeras oportunidades, não só para o

brincar e as experiências sociais, mas também para o aprendizado em primeira mão, que nenhum livro pode ensinar, sobre as coisas vividas. Trazendo a natureza para dentro do cotidiano dos bebês, favorecemos a observação e o contato direto com os fenômenos naturais, bem como toda experiência prática vivida a partir dos elementos naturais do pátio e outros ofertados. O pátio da nossa escola, por ser um ambiente amplo e diversificado, com variedade de plantas e árvores, é sempre convidativo para todas as formas do brincar.

Fonte: Arquivo das autoras (2023).



Imagem do aluno Lucca da turma Nível 1C, observando sua imagem através do espelho.

Bianca da Silva Fernandes
Especialista em Docência na contemporaneidade, Pedagoga. EMEI Guilhermina Blos. Professora.

Franciéle da Rocha
Especialista em Administração, Orientação e Supervisão Escolar, Pedagoga. EMEI Guilhermina Blos. Professora.

Claudia Poliana Muller
Especialista em Ensino remoto, Ensino à distância e Metodologias ativas, Pedagoga. EMEI Guilhermina Blos. Professora.

Andréia Pospichil
Especialista em Tutoria em educação à distância e Educação Infantil, Pedagoga. EMEI Guilhermina Blos. Professora.

Seguindo essas inspirações, oferecemos muitas propostas no ambiente externo. Em uma dessas, organizamos um espaço no pátio, na grama, com espelhos de diversos tamanhos e formatos, distribuídos no chão e suspensos nas árvores, alocamos peças geométricas de madeira, com acrílico colorido no entorno dos espelhos, penduramos cortina de fitas e bambolê com tecido voil acima dos espelhos do chão, criando efeitos coloridos e perspectivas visuais diferenciadas.

Para Anna Marie Holm (2007), há uma sintonia entre os bebês e a arte, e nada acontece isoladamente, pois esses, no ato de se expressarem nas mais variadas formas - ao sentir, ver, ouvir, pensar, balbuciar - desenvolvem também sua potência corporal e criativa.

Para essa proposta acontecer, convidamos os bebês menores, para participar, os conduzimos até este espaço e livremente puderam observar a natureza e a si mesmos através dos reflexos dos espelhos, o vento movendo as árvores, fitas e tecidos, o barulhar dos pássaros, as crianças que brincavam ao redor, o riso dos amigos, etc.. À sua maneira, cada bebê foi fazendo suas descobertas e através da junção da arte e a natureza, percebendo aquele ambiente que os rodeava e do qual faziam parte.

Simultaneamente, em outro espaço, o grupo de bebês da nossa turma que já se locomovem, foram desafiados a explorar o barranco de grama. Conforme Lea Tiriba (2018), sendo os humanos seres da natureza, o desejo de estar ao ar livre, o interesse das crianças pelos animais, pela água, pela terra, revelariam a necessidade e a satisfação de estar no lugar que lhes é de origem: a nature-

za. Pouco a pouco, os bebês foram elaborando estratégias motoras, conhecendo suas habilidades e potencialidades corporais. Estas propostas foram cuidadosamente planejadas e organizadas com intencionalidade pedagógica, para que os bebês dos diferentes grupos etários da turma, pudessem se expressar, se envolver e vivenciar no cotidiano escolar as experiências propostas.

Fonte: Arquivo das autoras (2023).



Imagem dos alunos Arthur (em pé) Nível 1D e Benhur (engatinhando) Nível 1A, subindo o morro da escola.

Referências

- GOLDSCHMIED, Elionor. **Educação de 0 a 3 anos: o atendimento em creche**. 2.ed. Porto Alegre: Grupo A, 2006.
- HOLM, Anna Marie. **Baby-art: os primeiros passos com a arte**. Tradução Karina Dandanel e Miriam. São Paulo: Museu de arte de São Paulo, 2007.
- TIRIBA, Léa. **Educação Infantil como Direito e Alegria: em busca de pedagogias ecológicas, populares e libertárias**. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2018



A adaptação na turma de Nível 3 : valorização da diversidade e da inclusão

A chegada da criança na escola é o primeiro contato com o ambiente escolar. Este período de adaptação deve ser marcado pelo acolhimento e integração entre todos os envolvidos para que a criança sinta-se confiante e segura, tornando o ambiente propício para o convívio social com pessoas diferentes de seus familiares.

Este momento é único e acontece de forma diferente para cada criança, principalmente em nossa turma, composta expressivamente por crianças que vieram para a escola pela primeira vez, incluindo um de nossos pequenos com Transtorno do Espectro Autista. Assim sendo, a integração entre professores, crianças e famílias foi pensada para que todos se sentissem à vontade para criarem vínculos.

As entrevistas com as famílias da turma do Nível 3 da EMEI Pastor Waldemar Ramão foram fundamentais para conhecer sobre suas rotinas, suas expectativas, sobre o que as crianças gostavam e estimular a socialização e integração entre todos os envolvidos. O período de adaptação foi de muitos momentos dedicados ao colo, aos carinhos, às conversas, acolhimento realizados em pequenos grupos, bem como o período de permanência reduzida na escola, tudo isto visando atender da melhor forma as especificidades de cada um, pois “[...] facilita o trabalho do próprio educador que conhecerá melhor a criança e conseguirá atendê-la mais facilmente.” (RAPOPORT, 2012, pág.57)

O pátio da escola foi nosso principal alia-

do, brincamos muito na pracinha, fazendo comidinhas na areia, andando de balanço, escorregando, brincando ao ar livre. Sentíamos que o grupo permanecia mais calmo e socializava com mais intensidade no espaço externo. Criamos propostas pedagógicas que apostassem nestas novas experiências para as crianças. Nosso aluno com TEA acalmava-se com mais facilidade em ambientes abertos e este foi um fator fundamental que estimulou ainda mais a organizarmos a prática fora das paredes da sala de aula.

Fonte: Arquivo das autoras (2023).



Imagem dos alunos da turma Nível 3- A e Nível 3-B brincando na sala de aula.

Talita Elisabeth Halberstadt
Especialização em Tecnologias da Informação e da Comunicação Aplicadas à Educação e Pedagogia
Licenciatura Plena. EMEI Pastor Waldemar Ramão. Professora de Educação Infantil.

Débora Fernanda Moraes
Especialização em Psicopedagogia e Educação Infantil e Pedagogia
Licenciatura Plena. EMEI Pastor Waldemar Ramão. Professora de Educação Infantil.

Dáfini Carolini dos Santos
Ensino Médio Completo. EMEI Pastor Waldemar Ramão. Auxiliar de Ensino.

De início a troca de ambientes causava certo desconforto para muitos, bem como para nosso aluno com TEA. Através de um trabalho apoiado em rodas de conversa na sala, muito colo e acolhimento construímos vínculos de afeto que tornaram as crianças mais confiantes para se deslocar e permanecer tranquilas nos diferentes ambientes, pois “[...] quanto mais esse espaço for desafiador e promover atividades conjuntas, quanto mais permitir que as crianças se descentrem da figura do adulto, mais fortemente se constituirá como parte integrante da ação pedagógica”. (HORN, 2004, p. 20)

Alimentar-se com qualidade, deslocar-se ao pátio para brincar no brinquedo favorito, começaram a ganhar um novo olhar de alegria e de prazer vivenciados pelo grupo. Com o passar do tempo, os vínculos afetivos desenvolvidos fortaleceram as crianças para que a rotina fosse tranquila e harmoniosa. A inclusão realmente acontecia, os momentos eram pensados e organizados buscando

respeitar o espaço de cada um, o tempo de cada um, e as necessidades de cada um.

O grupo foi desenvolvendo o gosto por estar junto. Isso auxiliou para que nosso aluno com TEA se desenvolvesse de forma muito expressiva nesse período. Após consolidar vínculos emocionais mais expressivos com os adultos, ele abriu-se com confiança para seus pares, aceitando a companhia dos colegas ao dividir os brinquedos, ao sentar-se junto deles à mesa, ao brincar no pátio da escola, nos momentos de higiene, dentre tantas outras vivências.

Enfim, sentimos que estamos no caminho certo com nossos pequenos e que temos muito a aprender com as novas experiências, alegrias e desafios que virão. Sentimos que a inclusão realmente acontece no nosso dia a dia, pois cada um sente-se seguro, confiante e capaz, sendo respeitado, valorizado, e acolhido da forma como realmente é.

Fonte: Arquivo das autoras (2023).



Imagem dos alunos da turma Nível 3- A e Nível 3-B brincando de carrinho no pátio da frente da escola.

Referências

HORN, Maria da Graça Souza. **Sabores, cores, sons, aromas: a organização dos espaços na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

RAPOPORT [et.al.]. **O dia a dia na educação infantil**. Porto Alegre: Mediação, 2012. (livro)



A alfabetização científica como potência no trabalho pedagógico

Inicia-se o ano de 2023 na EMEI Paulistinha com grandes expectativas e desafios relacionados ao Pré 2 e a sua despedida da Educação Infantil. A partir do despertar de suas curiosidades e interesses advindos das mudanças em seu entorno, durante o primeiro semestre, trabalhamos a alfabetização científica de forma lúdica e processual, estimulando assim a curiosidade e o fazer científico das crianças.

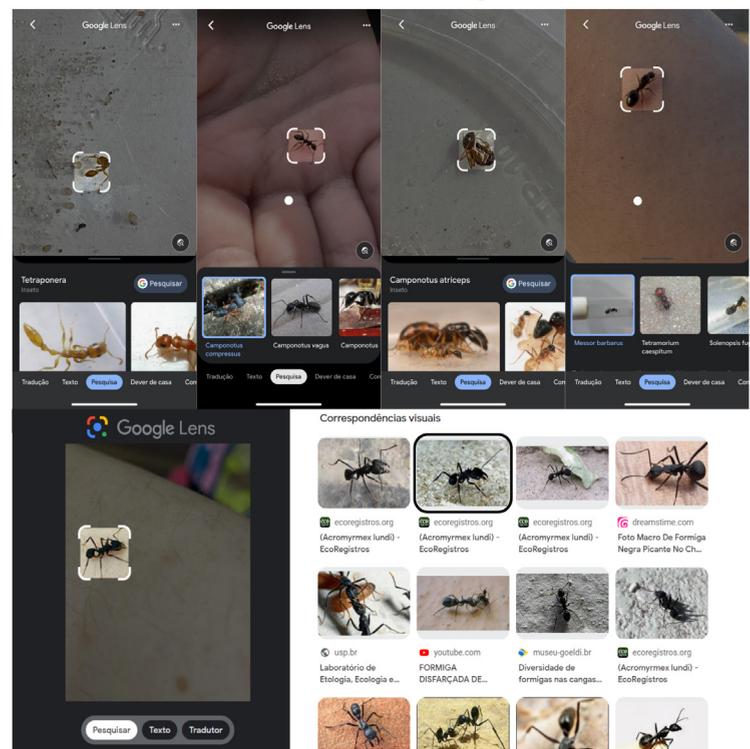
Acreditamos que a implementação do processo da alfabetização científica desde a primeira etapa da Educação Básica proporciona, certamente, uma maior guarida para as crianças que hoje têm desrespeitadas, quase sempre, suas condições de aprendizagem e de ser, como um todo. Dizemos isso, pois percebemos que, a AC, quando trabalhada desde a Educação Infantil, pode possibilitar um desenvolvimento maior da criança com o “mundo da Ciência”, isto é, o estudante ou o aluno passará a ver a(s) ciência(s) além da pedante memorização de conceitos e significados e a verá como uma linguagem usada por homens e mulheres para entender o mundo que os cerca (GHEDIN, MARQUES, TERÁN, GHEDIN, 2017, p. 12032-5).

Compreendendo a importância desta no ambiente escolar, especificamente desde a etapa da educação infantil, observamos que a turma demonstrou crescente interesse em pesquisar sobre as formigas, motivada por

vivências relatadas por um dos colegas que sofreu uma picada extremamente dolorosa e desejava entender o motivo da dor. O interesse despertou a curiosidade de todos, e, juntos, chegamos ao seguinte questionamento: “Por que a picada de uma formiga dói mais do que a picada de uma cobra venenosa?”.

Com isso, organizamos um projeto científico rico em experiências, que propusesse o questionamento, a experimentação e o principal: oportunizar a cada um deles a autoria de seu próprio processo de conhecimento.

Fonte: Arquivo das autoras (2023).



Catologação de algumas das formigas encontradas no pátio da escola, através do aplicativo Google Lens®.

Bruna Thailine Borges da Silva

Especialista em Educação Infantil e em Psicomotricidade,
Graduada em Pedagogia .EMEI Paulistinha. Professora

Beatriz Hoerlle Belhitz

Especialista em Práticas Inovadoras em Educação. Graduada em
Pedagogia .EMEI Paulistinha. Auxiliar de ensino.

Fonte: Arquivo das autoras (2023).



A alfabetização científica oportunizando o processo de pesquisa e acesso tecnológico no Pré 2.

Para que os nossos aportes teóricos fossem ampliados, foi enviado para cada criança da turma uma pesquisa qualitativa de maneira a identificar determinada espécie de formiga existente, categorizada nos agrupamentos a seguir: domésticas, exóticas e venenosas. Além disso, também foram mescladas pesquisas de maneira ampla, para que pudessem confrontar os resultados coletados pelos demais colegas. Contudo, enquanto a pesquisa transcorria, as crianças solicitaram aos pais para que enviassem para o WhatsApp® da escola registros dos lugares que passavam e encontravam formigas ou formigueiros.

Durante o período em que estavam na escola, as crianças realizaram diversas coletas e registros das variadas espécies de formigas, utilizando tablets e lupas. Utilizamos o aplicativo Google Lens® para as suas catalogações, pois a grande maioria das crianças achava que as formigas que encontravam no pátio da escola eram de espécies venenosas.

Para complementar nossas pesquisas, recebemos auxílio do Centro Municipal de Educação Ambiental Nestor Weiler para conhecer o seu acervo, além de receber informações sobre as cobras peçonhentas e a diferença entre mordida e picada. Nesta visita, as crianças tiveram a oportunidade de observar as formigas com auxílio do microscópio, além de retornarem para a escola com uma pista valiosa para pesquisa: o ácido metanóico. Nas semanas seguintes, nos propusemos a construir armadilhas nos formigueiros para coleta e análise de dados.

Por fim, foi possível compreender que a formiga, quando se sente ameaçada, e, para defesa de seus formigueiros, expele ácido metanóico (popularmente conhecido por ácido fórmico). Este ácido, quando em contato com a pele, causa extrema irritação e, em alguns casos, dor quando injetados alcalóides de veneno.

Acreditamos que a relevância deste projeto tenha deixado inúmeros conhecimentos e vivências na memória desta turma tão questionadora e curiosa.

Referências

ALMEIDA, E. S. A.; FACHÍN-TERÁN, Augusto. A alfabetização científica na Educação Infantil: possibilidades de integração. *Lat. Am. J. Sci. Educ.*, v. 2, p. 12032-5, 2015.

Os super-heróis e os desenhos animados no mundo do Nível 3 AB

Observando a turma do Nível 3 AB, em 2022, da Escola Municipal de Educação Infantil Pedacinho do Céu, percebeu-se em suas brincadeiras e conversas do cotidiano, que os assuntos relacionados a super-heróis e personagens de filmes infantis estavam bem presentes em seu centro de interesse. Pensando na importância de se trabalhar com as crianças uma temática que viesse ao encontro do seu interesse, decidimos desenvolver este tema de forma lúdica que explorasse a fantasia e a imaginação.

De acordo com Martins (2019)

A imaginação é um espaço de autonomia. A partir dela é possível pensar sobre a vida e possibilidades de viver... A fantasia acompanha a criança em suas experiências diárias e, assim, a criança experimenta o novo. Receptiva às novidades, a imaginação é também uma dimensão em que a criança vislumbra coisas novas e esboça futuros possíveis.

Diante destas afirmações teóricas, partimos então para a prática, mergulhando no universo dos super-heróis.

Para iniciarmos, cada criança teve a oportunidade de sortear na caixa surpresa um super-herói impresso e manuseá-lo. O primeiro super-herói a ser trabalhado foi o “Homem-aranha”. Fizemos um móvel com bambolê e fita, representando a teia para colarem as aranhas. Para a chamada, fizemos um mural com prédios e cada criança personalizou o seu boneco de super-herói, com direito a capa. Então, este recurso se transformou num momento aguardado por todos que adoravam manusear o seu super-herói.

Neste contexto convidativo de muitos super-heróis, chegou o momento do desfralde, então, nada melhor que convidarmos os super-heróis para fazerem parte deste momento tão importante da vida de cada criança. Sendo assim, pensamos em estimular os que estavam no processo, bem como, valorizar os que estavam desfraldados.

Fonte: Arquivo das autoras (2022).



Imagem da hora do conto com o cenário dos super-heróis

Greice Janaina Hoffmann

Especialista em Educação Infantil, Pedagoga, Normalista, EMEI Pedacinho do Céu. Professora.

Leonara Heberle Davila

Pedagoga, Normalista, EMEI Pedacinho do Céu. Professora.

O processo do desfralde é uma etapa que todos nós, seres humanos, passamos, principalmente na fase da infância, e este precisa ser realizado de forma respeitosa, sendo necessário ter a observação do adulto para os sinais que a criança transparece. De acordo com Mota e Barros (2008) “o aprendizado do controle esfinteriano é influenciado por fatores fisiológicos, psicológicos e socioculturais. A família é o primeiro referencial da criança, seguida pelo ingresso na escola (ou creche).” Desta forma, antes de iniciarmos esta etapa, realizamos uma reunião com as famílias, explicando sobre o que é o processo do desfralde, como este deve ocorrer sem causar prejuízos na criança, de que forma observamos os sinais das crianças e como este iria ocorrer, ressaltando que quem iniciaria o desfralde seria a família e a escola daria a continuidade, e que organizamos este processo em pequenos grupos e ao longo da semana, seriam acrescentadas mais crianças.

Em nossa sala de referência, preparamos um cartaz para serem coladas as calcinhas/cuecas que cada criança decorou com giz de cera e escolheu o super-herói ou heroína para personalizar e os que estavam usando fraldas, receberam a fraldinha, e conforme o desfralde ia acontecendo, substituíamos pela calcinha/cueca.

Tivemos alguns casos de crianças que foram bem resistentes ao desfralde e quando acontecia algum escape, mostravam-se desesperadas. Então, utilizamos um cenário e bonecos de super-heróis

confeccionados pela turma do Nível 4 A/B, para realizarmos uma hora do conto bem interessante, baseado numa das situações ocorridas em sala. Esta hora do conto trouxe muito sentido para eles, pois perceberam que até os super-heróis passam por situações difíceis e, assim como eles conseguiram superar, nossa turma também conseguiria. E, assim, o desfralde foi um sucesso, as crianças conseguiram superar suas dificuldades e também auxiliou os que não foram desfraldados a se prepararem para isso.

E, para finalizar, cada família confeccionou uma capa personalizada para seu filho ou sua filha, sendo realizado um desfile encerrando assim o projeto.

Fonte: Arquivo das autoras (2022).



Desfile das capas confeccionadas pelas famílias

Referências

GENECHTEN, Guido Van. **O que tem dentro de sua fralda?**. Editora Brinque-Book. MARTINS, Rafaela. **O Brincar: como as crianças constroem a realidade através da imaginação?** Blog Leiturinha/2019. Disponível em: leiturinha.com.br/blog/e-book-eco-infancia-vamos-falar-de-conscientizacao-ambiental-com-as-criancas. Acesso em 20/06/23.

MOTA, Denise M. BARROS, Aluisio J.D. **Treinamento esfinteriano: métodos, expectativas dos pais e morbidades associadas**. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jped/a/kgbgVbNsdLJxS7BNQyMDyMH/?lang=pt>. Acesso em 20/06/23.

Projeto de iniciação à pesquisa: existem abelhas sem ferrão?

Iniciamos o ano de 2022 com o projeto “Descobertas no jardim” na turma do Pré 1 na EMEI Primeiros Passos, onde a turma demonstrou muita curiosidade e interesse pelos bichinhos encontrados no jardim da nossa escola. Partindo deste tema, proporcionamos uma hora do conto com a história “O mundinho e os bichinhos”, da escritora Ingrid Biesemeyer Bellinghausen. Após a leitura do livro, cada criança falou sobre os bichinhos que já conhecia, foi quando uma das crianças comentou que tinha em casa abelhas, mas eram sem ferrão, o que gerou ainda mais curiosidade na roda de conversa. A turma, então, ficou se perguntando se existiam abelhas sem ferrão, se elas não picavam e se produziam mel? Foi assim que surgiu o projeto científico “Existem abelhas sem ferrão?”.

É importante que as crianças tenham contato com diferentes elementos, fenômenos e acontecimentos do mundo, sejam instigadas por questões significativas para observá-los e tenham acesso a modos variados de compreendê-los e representá-los. (BRASIL, 1998, p.166)

Realizamos pesquisas e atividades para esclarecer as dúvidas das crianças. Iniciamos o projeto com uma roda de conversa sobre o que eles sabiam sobre as abelhas. Foram realizadas observações de imagens com abelhas diversas, horas do conto, músicas, vídeos referentes ao assunto, atividades artísticas, jogos, brincadeiras e uma visita ao CEMEA, onde aprendemos mais sobre as abelhas com e sem ferrão. Através de pesquisas, a turma conheceu sobre as plantas que mais atraem abelhas, e, assim, puderam observar quais dessas flores encontramos no pátio da escola.

Fonte: Arquivo das autoras (2022).



Aluna vestida de apicultor, explorando um favo de mel

Cristiane Micheli Lopes Krummenauer

Especialista em Ludopedagogia, Graduada em Pedagogia, Formada no curso do Magistério, EMEI Primeiros Passos. Professora.

Juliana Gonçalves

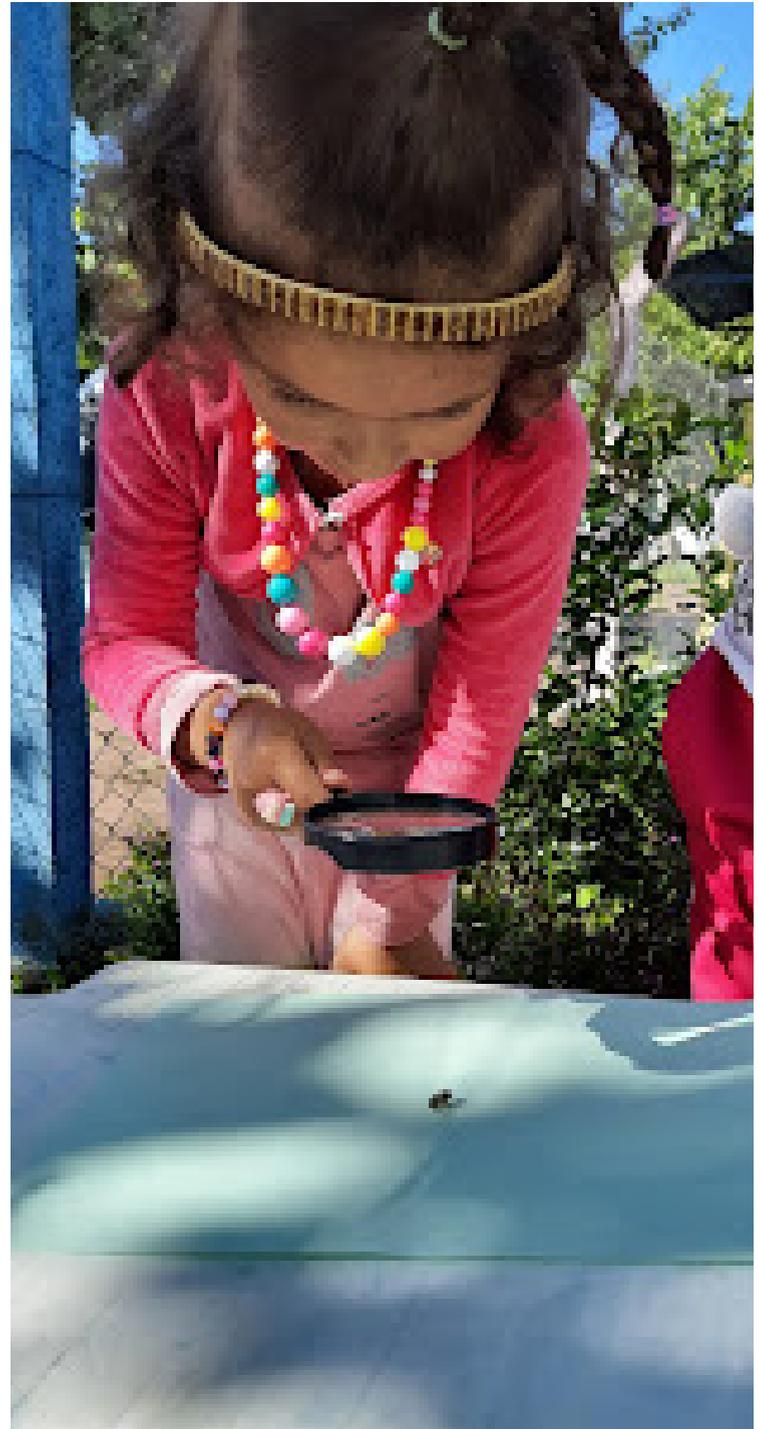
Especialista em Alfabetização, Graduada em Pedagogia, Formada no curso do Magistério, EMEI Primeiros Passos. Professora.

Fonte: Arquivo das autoras (2022).

A turma também aprendeu sobre o mel, através da hora do conto “Como nasce o mel”, realizaram experimentação do mel retirado direto do favo e participaram de uma proposta de culinária, fazendo um bolo delicioso com este ingrediente especial. Diante de cada pesquisa, as crianças compreenderam o quanto as abelhas são fundamentais para a vida na Terra, sendo responsáveis pela polinização de 80% das plantas, o que reflete no ar que respiramos e nos alimentos que consumimos. Todo o desenvolvimento deste projeto foi registrado em caderno de campo.

Na educação infantil, a criança encontra possibilidades de ampliar as experiências que traz de casa e de outros lugares, de estabelecer novas formas de relação e de contato com uma grande diversidade de costumes, hábitos e expressões culturais, cruzar histórias individuais e coletivas compor o repertório de conhecimentos comuns àquele grupo. (BRASIL, 1998, p.181)

Este projeto foi baseado no Documento Orientador Municipal de Campo Bom, no qual conseguimos contemplar vários objetivos esperados, oportunizando para as crianças uma aprendizagem significativa, vivenciando ricas experiências. Observamos que, através das atividades realizadas e das narrativas dos alunos, a grande maioria das crianças e suas respectivas famílias, compreenderam a importância das abelhas para o meio ambiente, conhecendo assim as abelhas sem ferrão e a africana (com ferrão) suas curiosidades e modos de vida. Como educadores e instigadores da pesquisa na infância, afirmamos o quanto foi gratificante poder acompanhar cada descoberta!



Aluna observando com a lupa o corpo de uma abelha.

Referências

BRASIL. Referencial curricular Nacional para a Educação Infantil. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

As inúmeras aprendizagens através das vivências infantis Um olhar através da psicomotricidade

A criança, conforme vai crescendo, vai experienciando o mundo, observando, sentindo...

No início do ano, trouxemos caixas de papelão com tamanhos variados para que os pequenos dos Níveis 1 e 2 pudessem explorar materiais de sucata e, através desta atividade aumentar suas experiências.

Foi neste momento, e levando em conta meu conhecimento sobre a Psicomotricidade, que tive um olhar mais aprofundado sobre a relação entre uma caixa simples e suas implicações para o desenvolvimento infantil.

A Psicomotricidade estuda a relação entre as funções motoras levando em conta a questão afetiva, de modo que respeite o indivíduo e o seu tempo.

Vale a pena ressaltar que a Psicomotricidade é de suma importância para o progresso no desenvolvimento infantil.

O bebê, desde o momento de sua concepção, dentro do ventre da mãe, vai se apropriando do espaço e, mais tarde, ao nascer, vai utilizando seus sentidos, aguçando-os ao explorar o mundo e suas possibilidades.

Fonte: Arquivo da autora (2023).



Imagem das crianças tendo contato com as caixas

Maidi Mosele Michels Machado

Graduada em Pedagogia e pós-graduada em Psicomotricidade, EMEI Princesinha. Professora.

Ao entrar e sair da caixa, o bebê não realiza um simples ato. Ele precisa realizar todo um movimento motor e cognitivo para que aconteça. Precisa calcular seus movimentos, como posicionar seu corpo, girar, subir e descer pernas, utilizar mãos, braços, tronco...É algo bem complexo para alguém tão pequeno.

Então, começamos a disponibilizar algumas bolas coloridas e brinquedos de apertar para que as crianças pudessem inserir mais elementos em sua descoberta, enriquecendo assim a proposta.

Algumas crianças testaram situações dife-

rentes de como ficaria mais confortável sua organização, como ocupar o mesmo espaço entre seus corpos e os brinquedos.

“Quem deve entrar primeiro?”

“Eu e depois meu brinquedo?”

“O brinquedo vai primeiro e eu entro depois?”

E neste tirar e botar, entrar e sair, é que pudemos observar estas significativas vivências infantis.

Fonte: Arquivo da autora (2023).



Imagem das crianças criando possibilidades.

Referências

Entenda o conceito de psicomotricidade. Disponível em <<https://institutoneurosaber.com.br/entenda-o-conceito-de-psicomotricidade/>>. Acesso em 22/maio/2023

Psicomotricidade. Disponível em <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Psicomotricidade>>. Acesso em 22/maio/2023

Lobo mau ou bom?

Histórias, imaginação e faz de conta sempre fizeram parte desta turma e algo que sempre diziam é que o lobo era mau. Como para eles o lobo era mau porque comia os porquinhos, resolvemos questioná-los se o lobo também poderia ser bom? Então ficamos em dúvida sobre isso. Assim como explica Adriana Friedmann, no site da Faber-Castell:

“O fato é curioso, já que é da natureza da criança brincar, criar e imaginar, não só para se divertir, mas também para se desenvolver[...]Fantasia e imaginação são irmãs gêmeas, digamos assim, e esse universo se expressa muito nas narrativas da criança.”

Em um primeiro momento, construímos um gráfico sobre quem achava que o lobo era mau e quem achava que o lobo era bom. A turma ficou dividida neste momento, metade dizia que era mau e a outra metade defendia o contrário. Também conversamos se sabiam onde ele morava, o que comia e se sabiam que aqui no Rio Grande do Sul tinha um lobo que se chamava Lobo-Guará. Todos ficaram curiosos e alguns com medo, mas explicamos que eles moravam longe da gente. Foi então que trouxemos a eles a imagem do Lobo da história e uma do lobo-Guará para fazermos a comparação entre os dois. Ao mostrarmos a imagem do lobo-guará alguns acharam ele parecido com um cachorro, então explicamos que poderiam ser da mesma família, mas viviam em lugares diferentes. Construímos um cartaz com as imagens dos dois e abaixo delas fomos colocando o que já sabíamos sobre eles e, conforme fomos descobrindo mais coisas, fomos adicionando no mesmo.

Fonte: Arquivo das autoras (2022).



Imagem da aluna do Nível 3-C olhando a história dos “Três porquinhos”

Daiana Pedroso de Moraes Reichert

Pós graduada em Tecnologias Digitais aplicadas à Educação,
EMEI Santo Antônio. Professora.

Eduarda Flores de Souza

Graduada em Pedagogia, EMEI Santo Antônio.
Auxiliar de ensino.

Com os questionamentos foram surgindo várias possibilidades de aprendizagem, como: as cores dos lobos, alimentação deles, onde moravam, o som que eles faziam e muito mais.

Vimos que o lobo da história geralmente é preto e branco, come os porquinhos, vive na floresta e gosta de destruir as casas assoprando. Também testamos se conseguimos soprar tão forte, mas não funcionou. Descobrimos que o Lobo-guará tem várias cores, como marrom, preto, branco e gosta de comer insetos e frutas que estão à sua disposição na mata. Descobrimos também que no zoológico tem um Lobo-guará e que lá ele come algumas frutas que também comemos,

como: manga e mamão. Estas frutas comemos na escola, mas trouxemos para eles a fruta inteira para conhecerem, sentirem o cheiro, ver as cores delas por dentro e fora, e depois, experimentarem. Alguns já gostavam de comer estas frutas, outros experimentaram a partir deste projeto.

Algo que também foi muito divertido foi cantar as músicas que envolviam o lobo e imitar o uivar do mesmo (este som era o auge da sala).

A partir da imagem dos lobos, construímos um quebra-cabeça, que possuía de um lado a imagem do Lobo-Guará e do outro lado, eles desenharam a representação do seu lobo, cada um do seu jeito.

Fonte: Arquivo das autoras (2022).



Imagem dos alunos do Nível 3-C desenhando o Lobo-Guará.

Referências

FRIEDMANN, Adriana. **A importância da imaginação e da criatividade na infância [Relato concedido em]** Relato disponível em **A importância e da criatividade na infância**. Faber castel edux. Disponível em: <https://www.educacao.faber-castell.com.br/a-importancia-da-imaginacao-e-da-criatividade-na-infancia/>. Acesso em 22 de junho de 2023.



O espaço investigativo está no pátio: curiosidades e descobertas sobre a metamorfose da borboleta

Pequenos animais e insetos despertam a curiosidade das crianças frequentemente, sendo assunto na roda de conversa ou no pátio da escola. Durante sua rotina, a turma do Pré 2 encontrou uma borboleta, o que levantou vários questionamentos por parte das crianças, bem como a formulação de hipóteses em relação a estes pequenos seres vivos. Segundo artigo sobre projetos para educação infantil da página “Tempo de creche”:

Para acessar os saberes e as perguntas das crianças, interessante observá-las brincando, interagindo, recusando-se a algo, calando-se. Escutar os silêncios também dá pistas para os caminhos de intervenção do professor. Portanto, os ambientes de roda de conversa são fundamentais para formular perguntas provocadoras e favorecer que as crianças também perguntem e expressem o que já sabem sobre as questões e compartilhem suas novas hipóteses. A partir das contribuições do grupo, o professor colhe pistas para transformar um problema que mobiliza apenas algumas crianças em uma temática atraente para várias.

Refletindo sobre este foco de interesse das crianças é que demos início a um projeto, levando-os à investigação a fim de sanar suas dúvidas e construir novos conhecimentos. As principais indagações das crianças eram: “Como a borboleta nasce?” e “É possível a borboleta voltar a ser lagarta?”. Muitas foram as hipóteses que surgiram como: “a borboleta nasce da barriga da mãe, nas-

ce do ovo, vem da árvore, da cobra nasce o ovo que vira lagarta e nasce a borboleta, até a lagarta forma o casulo que se transforma em borboleta?”. Dessa forma, procuramos desenvolver através da investigação e pesquisa a construção de novas aprendizagens referentes à temática de interesse das crianças.

Fonte: Arquivo das autoras (2023).



Observando os insetos em seu habitat natural com as lupas de água no CEMEA.

Marta Daiana Becker
Pedagogia, EMEI Sempre Unidos.
Professora.

Juciléia da Rosa Merêncio
Ensino Médio, EMEI Sempre Unidos.
Auxiliar de ensino.

Simoni Werlang Velho
Psicopedagogia, EMEI Sempre Unidos.
Coordenadora pedagógica.

Durante o projeto usamos diferentes fontes de pesquisa dentre elas histórias como: O mundinho e os bichinhos de jardim e livros infantis do Elefante Letrado. Usamos a internet e as crianças pesquisaram no Google e Youtube para saber mais sobre a metamorfose da borboleta. Outra fonte de pesquisa foi a ida ao laboratório do CEMEA, onde fizemos uma visita orientada com professor especializado no assunto e pudemos observar as borboletas em seu habitat natural e esclarecemos muitas dúvidas.

Após o levantamento de dados, registramos nossas descobertas a respeito do assunto através de textos coletivos e desenhos das crianças. Coletamos uma lagarta no pátio da escola e a coloca-

mos em um aquário para que pudéssemos observar seu desenvolvimento e processo de metamorfose. A mesma foi observada pelos alunos em sala, bem como foi levada para a casa das crianças a fim de participarem deste processo de aprendizagem com suas famílias.

Todo processo investigativo foi muito importante para as crianças, pois elas puderam expressar suas opiniões, pesquisar um assunto de seu interesse, ir a campo observar o inseto e construir suas aprendizagens em um lindo processo de vivências. A curiosidade por outros insetos também foi aguçada e daremos continuidade a nossa pesquisa incluindo outros pequenos animais em nosso estudo.

Fonte: Arquivo das autoras (2023).



Explicação com o professor Mateus no ambiente externo do CEMEA.

Fonte: Arquivo das autoras (2023).



Lagarta coletada na figueira do nosso pátio para observação dos processos de metamorfose.

Referências

Projeto e pesquisa na educação infantil: muito mais do que informação. Tempo de creche, 2019. Espaço Formativo de Educação Infantil. Disponível em: <https://tempodecreche.com.br/proposta-de-atividade/pesquisar-e-investigar-na-educacao-infantil-muito-mais-do-que-informar/> Acesso em: 05 jun. 2023.



O que é possível fazer utilizando os sentidos do corpo?

Durante o ano letivo de 2022 a turma do Pré 1 deu início ao projeto que se tornaria o campeão da Feira de Ciências escolar Municipal e representaria a cidade de Campo Bom na Mostratec Júnior 2022.

Na rodinha, um aluno sentiu um cheiro, conversa vai, conversa vem, descobrimos que o cheiro que ele estava sentindo não era o da comida da escola e, sim, o cheiro do perfume da professora. Então, com isso, optamos por dar sequência nesse assunto. Mas então surgiu a dúvida: como fazer essa aprendizagem se tornar significativa e lúdica ao mesmo tempo? Para trabalhar o sentido do olfato foi preciso que cada um trouxesse dentro de um saquinho incolor, um algodão embebido pelo perfume da mãe. Quando todos os saquinhos retornaram para a escola, foi preciso cheirar todos eles e descobrir, um a um, qual era o cheiro da mãe deles.

Na atividade sobre paladar, a professora colocou copinhos de café dentro de uma caixa e, então, cada copinho recebeu algum alimento que era usado na escola, como sal, açúcar, cereal, pão, bolacha, frutas da semana, entre outros alimentos. Um a um realizou a atividade de olhos vendados e escolhemos um desses copinhos para dar ao colega vendado. Não foi uma atividade fácil para todos, pois alguns queriam apenas sentir o cheiro por medo de ter que provar algo que eles não costumavam comer do cardápio da escola, como algum tipo de salada. Aprendemos que nossa língua é capaz de sentir cinco diferentes tipos de sabor (doce, amargo, salgado, azedo e umami), sendo cada parte responsável por sentir um desses sabores.

Para o sentido da visão, apagamos as luzes da sala e a deixamos bem escurinha. Utilizamos uma lanterna para então fazermos a sombra de al-

guns objetos, letras e números no teto da sala. Com isso era preciso que eles adivinhassem o que estava sendo refletido com a sombra.

Fonte: Arquivo da autora (2022).



Visita ao CEMEA

Léa Moara Gehlen Lauck

Pós-graduada em Psicomotricidade e Educação Especial, Licenciatura Plena em Pedagogia e Curso Normal, EMEI Sempre Viva. Professora.

A audição foi trabalhada através de sons. A professora colocou uma caixinha de som na biblioteca e eles deveriam fechar os olhos e tentar descobrir que som era aquele. Dentre os sons havia ruídos de alguns animais, barulho de trem, pingo de chuva, vento forte, pessoas mastigando coisas crocantes entre outros sons. Lembro que a turma ficou encantada com o som das pessoas mastigando e se questionaram se era possível mastigar tão alto assim e o que será que as pessoas estavam comendo para se tornar algo tão satisfatório de escutar.

Por fim, mas não menos importante, optamos por trabalhar o sentido do tato de maneira mais inclusiva através do desenho sem as mãos. Era preciso encaixar um pincel entre os dedos do pé e desenhar com tinta alguma coisa. Essa “tela” seria a obra de arte de cada um dos alunos e, assim,

entenderam que o tato não é apenas tocar com as mãos e, sim, com a pele de modo geral.

Realizamos um passeio ao Cemea – Centro de Educação Ambiental, com o intuito de aprimorar nossos conhecimentos a respeito do nosso projeto científico. O professor Mateus nos ensinou muitas coisas como montar uma fogueira, sentir cheiros e os sabores diferentes das plantas, exploramos plantas e insetos com o uso de uma lupa.

Posso dizer que foi muito gratificante perceber que a cada nova atividade eles ficavam ainda mais entusiasmados com o que viria na próxima, pois aprender através de brincadeiras é bem melhor do que apenas atividades em papel. Não poderia deixar de agradecer a cada um dos alunos dessa turminha, em especial as meninas Geovanna, Laura e Luísa que tão bem nos representaram em todas as etapas para chegarmos até a Mostratec Júnior.

Fonte: Arquivo da autora (2022).



Cheirando o algodão com perfume

Territórios mágicos

O olhar curioso para tudo que os cerca, apresentando necessidade de tocar, pegar, sentir e ressignificar suas vivências, de forma ativa e simbólica, são características marcantes do grupo do Pré 1-B. Deste modo, nasceu o projeto “Territórios Mágicos”, a partir de um livro encantador, cheio de magia, que desperta o interesse por experiências mágicas, através de uma viagem.

O livro “Sementes de Cabanas Encantadas”, de Philippe Lechermeier, traz a cada página casas construídas em lugares inusitados e mágicos. Uma aventura que convidou as crianças a embarcarem e se encantarem com cada uma das moradas que ali aparecem. Levando-se em conta que “Um ambiente preparado expõe a criança a estímulos preciosos” (STACCIOLI, 2013, p. 35), fomos criando contex-

tos investigativos e estimulantes através do livro e da imaginação das crianças.

As viagens iniciaram com a história sobre a “Cabana de Livros”, depois a “Cabana Camaleão”, em que eles também puderam se camuflar através das cores. A história que fez mais sucesso com a turma foi a viagem à “Cabana do Feiticeiro”. Através do contexto dela, criamos poções mágicas, realizamos várias receitas com elementos da natureza, corantes, água e muito glitter. Inclusive inventamos uma que todos puderam tomar, a base de suco de limão e glitter comestível, e se “transformar” no que a imaginação propusesse, pois “A imaginação é um modo de conhecer, [...] imaginar é também já ter hipóteses para sua ação.” (MARTINS, 1998, p. 118).

Fonte: Arquivo das autoras (2022).



Criança preparando uma receita de poção mágica.

Juliana Barbosa de Oliveira

Graduada em Pedagogia, Pós-graduada em Ludopedagogia.
EMEI Tico-Tico. Professora.

Cíntia Weiland Niedziatovski

Graduada em Pedagogia, Pós-graduada em Psicopedagogia,
Mestra em Letras. EMEI Tico-Tico. Coordenadora Pedagógica

Fonte: Arquivo das autoras (2022).

Temáticas como amizade, respeito com o outro, diálogo, sentimentos, emoções, já vinham fazendo parte das conversas e ações do grupo. Assim, ao tomarem a poção mágica, surgiram muitos personagens: Super-heróis do bem, super-heróis da amizade, super-heróis do abraço, entre outros. Diefenthaler nos aponta dizendo:

Ressalto a importância de ampliação do imaginário infantil como uma das formas de possibilitar que as crianças conheçam seus gostos e preferências, podendo formular hipóteses e soluções para resolver problemas que surjam durante o processo [...].(2017, p. 65).

Entre as crianças, o afeto e o abraço passaram a ser “elixir” de volta à calma para momentos nos quais estamos tristes, bravos ou incomodados com algo.

Sendo assim, os super-heróis do bem, construíram uma mascote para os abraçar e acolher quando sentissem necessidade, nascendo então o “Abraçudo”, nome que as crianças deram a uma almofada gigante com braços. Esta serviu de acolhimento para muitos, em distintos momentos. Ao perceberem que ser abraçado é gostoso, os super-heróis do abraço, penduraram no pescoço uma plaquinha com a frase “ABRAÇO GRÁTIS”, distribuindo abraços em todas as salas e espaços da escola. Por isso, ao final dessa leitura, desejamos que sintam-se abraçados por nós, assim como nos sentimos por este projeto.



Um carinho do “Abraçudo”.

Referências

- DIEFENTHÄLER, Daniela da Rosa Linck. **Arte, Imaginação e Crianças**. Curitiba: Appris, 2017.
- MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, M. Terezinha Telles. **Didática do Ensino da Arte**. São Paulo: FTD, 1998.
- STACCIOLI, Gianfranco; tradução (do italiano) Fernanda Ortale & Ilse Paschoal Moreira. **Diário do Acolhimento na Escola da Infância**. Campinas, SP: Autores Associados, 2013.



